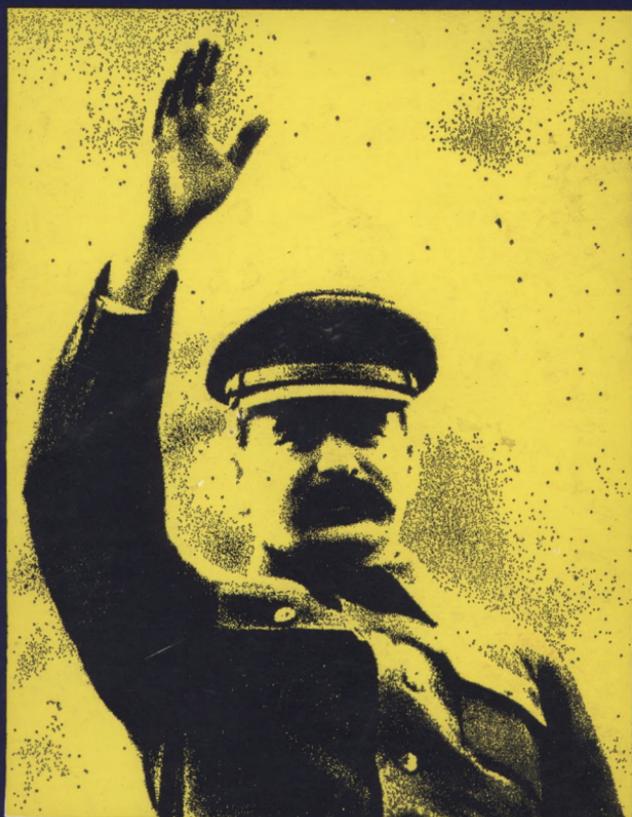




**ENVER HOXHA**



**COM STÁLINE  
RECORDAÇÕES**

A versão digitalizada desta obra  
foi elaborada por  
[www.enverhoxha.ru](http://www.enverhoxha.ru)

**ENVER HOXHA**

---

**Com  
Stáline**

**(Recordações)**

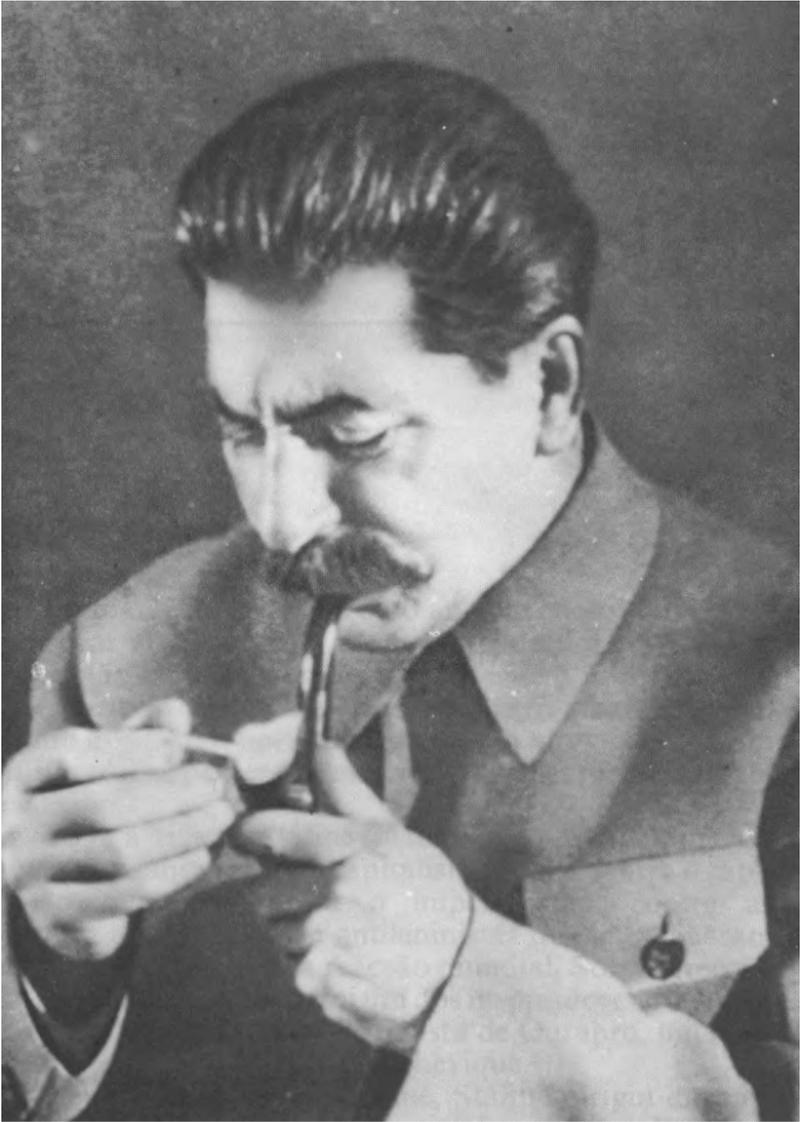
**LISBOA FEVEREIRO DE 1980**



*Por ocasião do centenário  
do nascimento  
do grande marxista-leninista  
José Staline*

---





**JOSÉ STÁLINE**



## NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE JOSÉ STÁLINE

---

No dia 21 de Dezembro do ano em curso completar-se-ão cem anos sobre o nascimento de José Stáline, o homem tão querido e eminente dirigente do proletariado russo e internacional, amigo fiel do povo albanês, amigo querido dos povos oprimidos de todo o mundo que lutam pela liberdade, pela independência, pela democracia e pelo socialismo.

Toda a vida de Stáline foi marcada por uma luta cerada e incessante contra o capitalismo russo, contra o capitalismo mundial, contra o imperialismo, contra as correntes antimarxistas e antileninistas que se colocaram ao serviço do capital e da reacção mundial. Sob a direcção de Lénine e a seu lado ele foi um dos inspiradores e dirigentes da Grande Revolução Socialista de Outubro, um militante inflexível do Partido bolchevique.

Depois da morte de Lénine, Stáline dirigiu durante trinta anos a luta pela vitória e a defesa do socialismo na União Soviética. O amor, o respeito e a fidelidade para com a sua obra e a sua pessoa têm hoje um grande lugar no coração do proletariado mundial e dos povos do mundo. É isto que explica a hostilidade sem limites da burguesia

capitalista e da reacção mundial para com este eminente e resoluto discípulo e companheiro de armas de Vladimir Ilitch Lénine.

Pela sua luta severa e de princípios em defesa da aplicação conseqüente e pelo desenvolvimento das ideias de Marx, Engels e Lénine, Stáline coloca-se entre os grandes clássicos do marxismo-leninismo. Graças à sua clarividência e capacidade notáveis soube sempre orientar-se correctamente mesmo nos tempos mais difíceis, quando a burguesia e a reacção tudo tentavam para impedir a vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro.

Foram consideráveis as dificuldades que o proletariado russo teve de enfrentar para realizar as suas aspirações, pois nessa altura o capitalismo reinava na Rússia e em todo o mundo. Mas já então o capitalismo tinha criado o seu próprio coveiro, o proletariado, a classe mais revolucionária, destinada a dirigir a revolução. Esta classe deverá cumprir com sucesso a sua missão histórica combatendo implacavelmente os seus inimigos para, através desta luta, conquistar os direitos e as liberdades desejadas e apoderar-se do poder político. Será assim que o proletariado, arrancando o poder político e económico à burguesia capitalista, opressora e exploradora, construirá um mundo novo.

Marx e Engels criaram a ciência proletária da revolução e do socialismo científico. Fundaram a Associação Internacional dos Trabalhadores conhecida por I Internacional. Os princípios fundamentais desta primeira organização internacional dos trabalhadores foram proclamados no seu Manifesto constitutivo, que apontou ao proletariado o caminho da abolição da propriedade privada dos meios de produção, consagrou a fundação do partido do proletariado para o assalto ao poder por via revolucionária e definiu a luta que o proletariado devia levar a cabo contra o capitalismo e o oportunismo, que se manifestava sob diversas variantes “teóricas” em diferentes países.

Baseando-se nas obras mais importantes de Karl Marx e Friedrich Engels, e defendendo-as com rara mestria, Vladimir Ilitch Lénine, o genial continuador desta

obra, desenvolveu a luta contra as ideias dos revisionistas, dos oportunistas e de outros renegados. Os traidores baixaram a grande bandeira da I Internacional e violaram de forma flagrante a palavra de ordem do Manifesto do Partido Comunista “Proletários de todos os países, uni-vos!” Em vez de se lhes oporem, estes renegados do marxismo votaram os créditos da guerra imperialista.

Lénine escreveu obras capitais para a defesa e desenvolvimento do marxismo. Em particular, enriqueceu as ideias de Marx e Engels sobre a construção da sociedade socialista e comunista. Sempre com base no desenvolvimento materialista da história e nas condições concretas do país e da época em que viveu, Lénine lutou pela criação e consolidação do Partido bolchevique. Quando o czarismo e o seu exército entraram em desagregação, Vladimir Ilitch e os bolcheviques prepararam e desencadearam, através duma intensa luta revolucionária na Rússia e no estrangeiro, a Grande Revolução proletária socialista.

O genial plano de Lénine para a vitória da revolução foi cumprido. Após o êxito da Grande Revolução que abalou o velho mundo e inaugurou uma nova época da história da humanidade, a época da abolição da exploração e da opressão, Lénine prosseguiu a luta pela edificação do primeiro Estado socialista. A seu lado lutou e trabalhou o seu dedicado colaborador, José Vissarionovitch Stáline.

É claro que a burguesia não podia deixar de se levantar contra as ideias de Marx, Engels e Lénine, contra as suas práticas justas, decididas e inflexíveis em favor da classe operária e dos povos; com efeito, desde logo apon-tou contra elas, sem hesitação e com ferocidade, todas as suas armas.

Mas a grande força organizada e invencível da união do proletariado russo e internacional logo se ergueu contra os ferozes ataques do capitalismo e da burguesia reaccionária mundial. Este confronto era a expressão duma violenta luta de classes, tanto no interior da Rússia como fora, que se materializou durante todo este período em choques com as forças dos intervencionistas, dos restos dos czarismos.

tas e da reacção russa. Estes inimigos tinham de ser combatidos impiedosamente.

Era no processo desta luta de classe que se tinha de forjar o Partido bolchevique, erguer o Estado de ditadura do proletariado, questão decisiva da revolução, e criar as bases da economia socialista. Era necessário levar a cabo reformas radicais em todos os sectores da vida, mas com um espírito novo, por uma nova estrada e em direcção a um novo objectivo; era preciso aplicar de maneira criadora e nas condições concretas da Rússia czarista a teoria de Marx no tocante à filosofia e à economia política, a teoria do socialismo científico.

Todos estes objectivos tinham de ser alcançados sob a direcção do proletariado, a classe mais avançada e mais revolucionária, e com base na sua aliança com o campesinato pobre e médio. Após a instauração do novo poder era necessário levar a cabo uma grande e heróica luta para melhorar a situação económica e cultural dos povos libertados do jugo do czarismo e dos capitais estrangeiros da Europa. Nesta luta de gigantes Stáline conservou-se sempre firme ao lado de Lénine, combatendo na primeira linha.

À medida que o novo poder soviético se consolidava politicamente, que a indústria se desenvolvia em todos os ramos, que a agricultura kolkhosiana florescia e a nova cultura socialista se desenvolvia na União Soviética, tornou-se mais feroz a resistência dos inimigos externos e da reacção interna. Estes intensificaram os seus ataques particularmente após a morte de Vladimir Ilitch Lénine.

Diante dos restos mortais de Lénine, Stáline fez o juramento de se manter sempre fiel aos seus ensinamentos, de executar as suas recomendações para manter sem mancha o honroso título de comunista, salvaguardar e reforçar a unidade do Partido bolchevique, defender e fortalecer ininterruptamente a ditadura do proletariado, reforçar constantemente a aliança da classe operária com o campesinato, permanecer fiel até ao fim aos princípios do internacionalismo proletário, defender o primeiro Estado socialista contra o trabalho de sapa dos inimigos internos

burgueses e latifundiários e dos inimigos externos imperialistas e levar até ao fim a edificação do socialismo num sexto do mundo.

José Stáline cumpriu a sua palavra. Dirigindo o Partido bolchevique soube orientar a construção do socialismo na União Soviética e transformar a grande pátria do proletariado russo e de todos os povos da União Soviética numa colossal base da revolução mundial. Mostrou-se um digno continuador da obra de Marx, Engels e Lénine e deu provas claras de ser um eminente marxista-leninista, clarividente e decidido.

Os inimigos internos da União Soviética, os trotskistas, zinovievistas e outros estavam estreitamente ligados aos capitalistas estrangeiros, de quem se tinham tornado instrumentos. Alguns permaneceram nas fileiras do Partido bolchevique para assaltar a cidadela por dentro e desagregar a justa linha marxista-leninista deste partido conduzido por Stáline, enquanto outros ficaram fora das fileiras do partido mas no interior do Estado, conspirando e sabotando aberta ou disfarçadamente a construção do socialismo. Nestas circunstâncias Stáline aplicou com firmeza uma das principais recomendações de Lénine, depurando sem hesitações o partido de todos os elementos oportunistas, capitulacionistas face à pressão da burguesia, do imperialismo e dos pontos de vista estranhos ao marxismo-leninismo. A luta que Stáline levou a cabo à frente do Partido bolchevique contra os trotskistas e os boukharinistas era o prolongamento directo da luta de Lénine, uma luta totalmente de acordo com os princípios e sem a qual não teria sido possível construir ou defender o socialismo.

José Stáline sabia que as vitórias não poderiam ser alcançadas nem defendidas senão à custa de esforços, de penosos sacrifícios e com grande luta. Nunca manifestou um optimismo infundado depois das vitórias conseguidas; também nunca caiu no pessimismo face às dificuldades a ultrapassar. Pelo contrário, Stáline revelou-se uma personalidade extremamente ponderada e comedida nos seus juízos, decisões e actos. Como grande homem que era, con-

quistou o coração do Partido e do povo, mobilizou as suas energias, forjou os militantes na acção, elevou-os política e ideologicamente para realizar uma grande obra, uma obra sem precedentes.

Os planos quinquenais estalinistas para o desenvolvimento da economia e da cultura transformaram o primeiro país socialista do mundo numa grande potência socialista. Baseado no preceito de Lénine sobre o primado da indústria pesada na industrialização socialista, o Partido bolchevique, com Stáline à cabeça, dotou o país de uma poderosíssima indústria de fabrico de meios de produção e de uma gigantesca indústria de construções mecânicas, capazes de assegurarem um rápido desenvolvimento da economia nacional no seu conjunto, todos os meios necessários a este fim e de garantirem também uma defesa invencível. A indústria pesada socialista foi erguida, como dizia Stáline, “pelas forças internas sem créditos ou empréstimos escravizantes vindos do exterior”. Stáline tinha afirmado claramente que o Estado soviético, no lançamento da sua indústria pesada, não podia seguir a via dos países capitalistas contraindo empréstimos ou pilhando outros países.

Após a colectivização da agricultura, foi organizada na União Soviética uma agricultura socialista moderna fortemente mecanizada, produto da indústria pesada socialista, que permitiu resolver o problema dos cereais, dos restantes produtos agrícolas e da criação de gado. Foi Stáline que aprofundou o plano de colectivização de Lénine, que dirigiu a execução deste plano lutando tenazmente contra os inimigos do socialismo, contra os kulaks, contra os boukharinistas, contra as dificuldades e inúmeros obstáculos que derivavam, não só das actividades hostis, mas também da falta de experiência dos camponeses e do seu apego profundamente enraizado à propriedade privada.

Este desenvolvimento económico e cultural contribuiu para a consolidação do Estado de ditadura do proletariado na União Soviética. À cabeça do Partido bolchevique Stáline soube organizar e dirigir com mestria

o Estado soviético, aperfeiçoando e desenvolvendo constantemente a estrutura e a superestrutura da sociedade com base no marxismo-leninismo, em ligação à situação política e económica interna e sem esquecer a situação externa, isto é, os objectivos de rapina e as intrigas abjectas dos Estados burgueses capitalistas para sabotarem a edificação do novo Estado dos proletários.

O capitalismo mundial via na União Soviética o seu inimigo mais perigoso e por isso esforçou-se por a isolar do exterior enquanto internamente encorajava e organizava as conspirações dos renegados, dos espiões, dos traidores e dos direitistas. A ditadura do proletariado esmagou sem piedade todos estes perigosos inimigos. Todos os traidores foram julgados publicamente, tendo a sua culpabilidade ficado demonstrada com provas irrefutáveis e da maneira mais convincente. Os julgamentos que se desenrolaram na União Soviética, baseados na legislação revolucionária, contra os trotskistas, os boukharinistas, os Radek, Zinoviev, Kamenev, Piatakov e Toukhatchevski foram pretexto para que a propaganda burguesa fizesse grande alarido contra a justa luta do poder soviético, do Partido bolchevique e de Stáline, que defendiam a vida dos seus povos e o novo regime socialista erguido com o suor e o sangue dos operários e camponeses, que defendiam a Grande Revolução de Outubro e a pureza do marxismo-leninismo, alarido esse que foi aumentando de intensidade e acabou sendo erigido em sistema.

Que calúnias não lançaram os inimigos externos! Lançaram-nas principalmente sobre José Stáline, o continuador da obra de Marx e Lénine, o talentoso dirigente da União Soviética, por eles apelidado de “tirano”, “assassino” e “sanguinário”. Todas estas calúnias se caracterizavam pelo seu cinismo. Não, Stáline não foi um tirano, não foi um déspota. Foi um homem de princípios, justo, simples, afável e atento aos problemas dos homens, dos quadros e dos seus colaboradores. Era por isso que o seu Partido, os povos da União Soviética e o proletariado mundial o amavam tanto. Era assim que o viam os milhões de comunistas e eminentes personalidades revolucionárias

e progressistas de todo o mundo. Henri Barbusse, num livro sobre Stáline e evocando a sua figura prestigiosa, afirma entre outras coisas: “Ele soube pôr-se e manter-se em contacto com o povo operário, camponês e intelectual da URSS, com os revolucionários de todo o mundo, que trazem a sua pátria no coração, ou seja, muito mais de duzentos milhões de pessoas”. E acrescentava: “Este homem franco e radiante é um homem simples... Ri-se como uma criança... Em muitos aspectos Stáline assemelha-se ao extraordinário V. Ilitch; a mesma ciência teórica, o mesmo senso prático, a mesma firmeza... É em Stáline, mais do que em qualquer outro, que se encontram o pensamento e a palavra de Lénine. É o Lénine dos nossos dias”.

Todas as ideias e escritos enunciados e postos em prática por Stáline estão como que ligados de modo consequente por um fio vermelho, o pensamento revolucionário marxista-leninista. Nas obras deste notável marxista leninista não é possível encontrar qualquer erro de princípios. A sua acção era planeada em função dos interesses da revolução, do socialismo e do comunismo, dos interesses das lutas de libertação nacional e anti-imperialistas. As suas ideias teóricas e políticas não têm qualquer traço de eclectismo, nem na sua actividade prática se manifesta qualquer hesitação. Quem se apoiava na amizade sincera de José Stáline podia estar certo de ver o seu povo seguir em frente para um futuro radioso. Quem oscilava não escapava à vigilância e ao julgamento incisivo de José Stáline. Este julgamento emanava das grandes ideias do marxismo-leninismo, cristalizadas no seu espírito ágil e no seu coração puro. Durante a sua vida soube sempre empunhar e orientar no caminho justo o leme do socialismo, mesmo através das torrentes e tempestades provocadas pelos inimigos.

Stáline sabia quando e em que medida era conveniente efectuar acordos, sempre condicionados ao princípio de não contrariarem a ideologia marxista-leninista e de beneficiarem a revolução, o socialismo, a União Soviética e os amigos da URSS.

O proletariado, os partidos marxistas-leninistas, os verdadeiros comunistas e todos os homens progressistas do mundo consideraram justas, sensatas e necessárias as edificantes acções do Partido bolchevique e de Stáline em defesa do Estado e do novo regime económico e social, o socialismo. A obra de Stáline foi apoiada pelo proletariado e pelos povos do mundo porque estes o viam lutar contra a opressão e a exploração que sobre eles pesavam. Era unicamente da boca dos monstros que organizavam as torturas e os massacres em massa na sociedade capitalista, daqueles que eram os causadores da fome, da miséria, do desemprego e de tantas outras chagas, que os povos ouviam as calúnias a Stáline e nas quais, por isso mesmo, não acreditavam.

Os milhões de proletários de todo o mundo levantavam-se contra estes inimigos em greves e poderosas manifestações nas ruas das cidades, atacando as fábricas dos capitalistas. Os povos erguiam-se contra os colonialistas para conquistarem os direitos e as liberdades democráticas. Todas estas acções faziam parte do generalizado apoio internacional à União Soviética e a Stáline, apoio esse que contribuiu para reforçar o jovem Estado dos Sovietes e para alargar a sua já grande autoridade a nível mundial.

Aos comunistas, que lutavam contra o capitalismo mundial nos quatro cantos da terra, chamou-lhes a burguesia e os renegados do marxismo “agentes” da União Soviética e de Stáline. Mas os comunistas são homens honestos, não são agentes de ninguém apesar de defenderem com firmeza a doutrina de Marx, Engels, Lénine e Stáline. Eles apoiavam a União Soviética porque viam na sua política um grande suporte para o triunfo das ideias comunistas, o exemplo luminoso a seguir na luta e o sentido no qual era necessário orientar os esforços para vencer todas as batalhas, derrotar os inimigos, sacudir o jugo do capital e estabelecer o novo regime social, o socialismo.

Enquanto enfraquecia o capitalismo mundial, velho regime em decomposição, na União Soviética triunfava o socialismo, a sociedade do futuro, tornando-se numa base

cada vez mais poderosa da revolução mundial. Nestas circunstâncias o capitalismo tinha necessariamente de utilizar todos os meios ao seu alcance para tentar destruir o grande Estado socialista dos proletários, que apontava ao mundo o caminho para escapar á exploração; foi com esse objectivo que os capitalistas prepararam e desencadearam a Segunda Guerra Mundial. Eles ergueram, apoiaram, encorajaram e armaram os hitlerianos para fazerem a “guerra contra o bolchevismo”, contra a União Soviética, e para concretizarem no leste o seu sonho do “espaço vital”. A União Soviética compreendeu o perigo que a ameaçava. Stáline estava vigilante, conhecia bem as calúnias contra ele montadas pela burguesia capitalista internacional e segundo as quais ele não combatia o nazismo e o fascismo em ascenso; sabia que isto não passava de propaganda desta burguesia e da quinta coluna hitleriana para enganar a opinião pública e facilitar os planos de agressão contra a União Soviética.

O fascismo foi justamente qualificado em 1935, pelo VII Congresso do Komintern, como o maior inimigo dos povos nas circunstâncias concretas da época. Este Congresso, sob a iniciativa directa de Stáline, lançou a palavra de ordem da frente popular antifascista que era preciso criar em cada país, para desmascarar os planos e as investidas dos Estados fascistas e levantar contra eles os povos a fim de conjurar a nova guerra imperialista que ameaçava o mundo.

Nunca Stáline esqueceu, por um instante que fosse, o perigo que ameaçava a União Soviética. Sempre lutou com firmeza e deu directivas bem claras para que o Partido se forjasse com vista às futuras lutas, para que os povos soviéticos se fundissem numa unidade marxista-leninista de aço, para que a economia soviética se consolidasse no caminho socialista, para que a defesa da União Soviética reforçasse o seu material e os seus quadros e que se dotasse de uma estratégia e táctica revolucionárias. Stáline indicava e demonstrava, com factos tirados da própria vida, que os imperialistas são fautores de guerra e que o imperialismo gera guerras de rapina; aconselhava também os

homens a não abandonarem a sua vigilância e a estarem constantemente preparados contra qualquer acção dos nazis hitlerianos, dos fascistas italianos, dos militaristas japoneses e das outras potências capitalistas mundiais. A palavra de Stáline era valiosa, por ela se iriam guiar, de então em diante, os proletários e os povos do mundo.

Stáline propôs aos governos dos grandes países capitalistas a conclusão de uma aliança contra o flagelo hitleriano mas estes governos rejeitaram esta proposta, indo mesmo ao ponto de violar as alianças que já tinham com a União Soviética na esperança de que os hitlerianos extirpassem o “germe do bolchevismo” e tirassem as castanhas do lume por eles.

Face a esta grave situação cheia de perigos e na impossibilidade de convencer os governantes das pretensas democracias ocidentais a concluir uma aliança antifascista comum, Stáline julgou oportuno procurar retardar a guerra contra a União Soviética para ganhar o tempo necessário ao reforço da sua defesa. Foi por isso que ele assinou o pacto de não agressão com a Alemanha. Este pacto devia servir de “modus vivendi” para afastar provisoriamente o perigo; mas Stáline conhecia bem os desígnios agressivos dos hitlerianos e continuou a preparar-se para os combater.

Numerosos políticos e historiadores burgueses e revisionistas afirmam que a agressão hitleriana encontrou a União Soviética desprevenida e responsabilizam Stáline por tal facto. Mas a vida refuta esta calúnia. A Alemanha hitleriana, como Estado agressor que era, violou cobardemente o pacto de não agressão e aproveitou-se do efeito estratégico da surpresa e da considerável superioridade numérica das suas forças (cerca de 200 divisões, suas e dos seus aliados), para se lançar numa “guerra-relâmpago” que deveria permitir, de acordo com os planos de Hitler, vencer a União Soviética e submetê-la em menos de dois meses!

Sabemos bem o que aconteceu na realidade. A “guerra-relâmpago”, vitoriosa em toda a Europa ocidental, fracassou a leste. O Exército Vermelho, dispondo de uma sólida retaguarda graças ao apoio dos povos soviéti-

cos, conseguiu ir esgotando as forças do inimigo durante a retirada, para depois as encurrular e passar ao contra-ataque, esmagando-as com golpes sucessivos até obrigar a Alemanha hitleriana a capitular sem condições. O papel decisivo da União Soviética no esmagamento da Alemanha nazi e no aniquilamento do fascismo em geral na Segunda Guerra Mundial ficará para sempre gravado na história.

Como teria sido possível que o plano de Hitler da “guerra-relâmpago” contra a União Soviética fracassasse e como poderia esta ter um tão grande papel na salvação da humanidade da servidão fascista, se a URSS não estivesse totalmente preparada para assegurar a sua defesa, se o regime socialista, que suportou o maior peso da 2ª Guerra Mundial, não tivesse dado provas duma força e duma vitalidade de aço? Como é que estas vitórias podem ser dissociadas do papel extraordinário de Stáline, tanto na preparação do país para fazer face à agressão imperialista, como na destruição da Alemanha hitleriana e na histórica vitória sobre o fascismo? Face à realidade histórica que ninguém pode contrariar, distorcer e apagar, ficam reduzidas a pó todas as tentativas diabólicas dos revisionistas kruchovianos para dissociar Stáline do Partido e do povo soviético quanto ao papel decisivo do Estado socialista nesta vitória.

A guerra dos povos soviéticos dirigida por Stáline conduziu à libertação de toda uma série de países e povos da servidão nazi; teve como consequência a instauração da democracia popular em vários países da Europa de Leste, deu um poderoso impulso às guerras de libertação nacional, anti-imperialistas e anticolonialistas, acelerou a desagregação do sistema colonial e criou uma nova correlação de forças a nível mundial em favor do socialismo e da revolução.

Kruchov acusou Stáline de ter sido um homem “rústico”, que não conhecia a situação na União Soviética e no mundo, que ignorava onde se encontravam as unidades do exército vermelho e que o tinha dirigido guiando-se por um globo terrestre escolar!

Os incontestáveis méritos de Stáline obrigaram os próprios chefes de fila do capitalismo mundial como Churchill, Roosevelt, Truman, Eden, Montgomery, Hopkinse outros a prestar-lhe homenagem apesar de não esconderem a sua hostilidade à política e à ideologia marxista-leninista e ao próprio Stáline. Li as memórias destes chefes de fila do capitalismo e vi que eles falam de Stáline com respeito, como um homem de Estado e um estratega militar; qualificam-no de grande homem “dotado de um sentido estratégico notável”, “duma inteligência sem par na rápida compreensão dos problemas”. Churchill disse de Stáline “...Respeito esse grande e excelente homem... poucas pessoas no mundo poderiam compreender assim, em tão poucos minutos, as questões com que nos debatíamos há longos meses. Ele assimilou tudo num instante”.

Os kruchovistas quiseram fazer crer que foram eles, e não Stáline, que dirigiram a grande guerra patriótica da União Soviética contra o nazismo! Mas toda a gente sabe que nessa altura eles se escondiam à sombra de Stáline, a quem cantavam loas hipócritas dizendo: “É ao grande Stáline que devemos todas as nossas vitórias e sucessos” etc., enquanto se preparavam para liquidar estas vitórias. Os verdadeiros hinos, aqueles que saíam dos corações, eram cantados pelos soldados soviéticos que, com o nome de Stáline na boca, suportavam todo o peso das batalhas.

Os comunistas e o povo albanês sentiram intensamente e de muito perto (embora estivessem muito longe da União Soviética), o grande papel de Stáline nos momentos mais difíceis que o nosso país atravessou durante a ocupação fascista italiana e alemã, quando estava em jogo a sorte do nosso país, a sua permanência na servidão ou a conquista da liberdade. Nos momentos mais penosos da guerra, Stáline esteve sempre conosco. Reforçava as nossas esperanças, aclarava as nossas perspectivas, temperava os nossos corações e as nossas vontades, fortalecia a nossa certeza na vitória. As últimas palavras de comunistas, patriotas e camponeses albaneses que davam a sua vida no campo de batalha, diante da força ou do pelotão de fusilamento do inimigo eram muitas vezes “Viva o Partido

Comunista!”, “Viva Stáline!”. Mais do que uma vez as balas do inimigo, ao trespassarem os corações dos filhos e filhas do nosso povo, trespassavam também as obras de Stáline que eles guardavam no seio como um tesouro precioso.

A despeito dos esforços abertos ou camuflados dos inimigos internos ou externos da União Soviética para sabotar o socialismo depois da 2ª Guerra Mundial, era a justa política de Stáline que dava o tom aos grandes problemas internacionais. O país dos Sovietes, devastado pela guerra e que tinha deixado nos campos de batalha milhões de homens, foi reconstruído com uma rapidez incrível. Este imenso trabalho foi executado pelo povo soviético, pela classe operária e pelo campesinato dos kolkhozes sob a direção do Partido bolchevique e do grande Stáline.

O revisionismo surgiu durante a 2ª Guerra Mundial com a traição de Browder, antigo secretário-geral do PC dos Estados Unidos, que, juntamente com os seus companheiros revisionistas, liquidou o partido e se colocou ao serviço do imperialismo americano. Browder defendia a não separação entre a burguesia e o proletariado, entre o capitalismo e o socialismo, apoiava a sua fusão num só mundo; era contra a revolução e a guerra civil e defendia a coexistência pacífica das classes na sociedade. Defendendo esta “linha branca” e capitulacionista, Browder foi o antecessor de Tito, o qual, devido aos seus pontos de vista e às suas posições antimarxistas e antileninistas, já tinha entrado em conflito ideológico com a União Soviética ainda durante a guerra, embora este conflito só tivesse aparecido à luz do dia após a conclusão desta. Depois de múltiplos e pacientes esforços para trazer o renegado Tito para a linha justa, Stáline, o Partido bolchevique e os verdadeiros partidos comunistas de todo o mundo convenceram-se de que este era incorrigível e condenaram-no unanimemente. Ficou claro que a acção de Tito servia o imperialismo mundial, razão pela qual foi apoiado e sustentado pelo imperialismo americano e por outros Estados capitalistas. Fazendo coro com a propaganda burguesa e desejoso de merecer os créditos que recebia dos imperialistas, Tito

caluniou Stáline afirmando, entre outras coisas, que este preparava um ataque contra a Jugoslávia. O tempo provou que isto não passava de uma mentira.

Nos vários encontros que tive a honra de ter com Stáline, este disse-me que nunca um ataque da União Soviética contra a Jugoslávia tinha sido encarado, nem nunca o poderia ser. Somos comunistas, dizia Stáline, e jamais atacaremos qualquer país estrangeiro; por isso não atacaremos a Jugoslávia, mas desmascararemos Tito e os titistas pois esse é o nosso dever de marxistas. Que os povos da Jugoslávia conservem Tito no poder ou que o derrubem, trata-se, dizia ele, de uma questão interna e só a eles cabe resolvê-la; não temos de nos intrometer nesse assunto.

O bando de Nikita Kruhov foi encorajado e apoiado nas suas calúnias contra Stáline pelo renegado Josif Broz Tito, que já anteriormente tinha tomado essas posições, e mais tarde por Mao Tsetung e por outros revisionistas de diversos matizes. Na realidade estavam todos ao serviço do capitalismo para destruir, de dentro, o socialismo na União Soviética, para entravar a construção do socialismo na Jugoslávia e criar obstáculos à edificação do socialismo na China e no mundo inteiro; foi por isso que se opuseram a Stáline, o homem forte a quem não conseguiram desautorizar enquanto foi vivo.

Estes traidores eram os sucessores dos renegados social-democratas revisionistas e oportunistas da II Internacional, os continuadores, em circunstâncias e condições diferentes, da sua obra inglória. Eles pretendiam aplicar formas de organização e de luta “apropriadas” às situações e elaborar, em consequência, ideias novas para “corrigir” e “completar” o marxismo-leninismo, segundo “o espírito dos tempos”, etc.

Todos estes pontos, à parte algumas diferenças de pura forma que se manifestavam nas suas opiniões e nas suas atitudes, visavam o mesmo fim: combater o marxismo-leninismo, negar a inevitabilidade da revolução proletária, minar o socialismo, asfíxiar a luta de classes e impedir a completa destruição da velha sociedade capitalista.

Stáline era um verdadeiro internacionalista. Tinha bem presente no espírito a particularidade do Estado soviético ter sido criado pela união de várias repúblicas, compostas, também elas, por vários povos, por várias nacionalidades; assim, aperfeiçoou a organização estatal destas repúblicas, respeitando a igualdade de direitos entre elas. Graças à justa política marxista-leninista que seguiu sobre a questão nacional, Stáline conseguiu consolidar e temperar a unidade combatente dos diversos povos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. À cabeça do Partido e do Estado soviético, contribuiu para que o campo de concentração que a velha Rússia czarista fora, se transformasse num país livre, independente e soberano, onde os povos e as repúblicas viviam em harmonia, amizade, unidade e igualdade de direitos.

Stáline conhecia as nações e a sua formação histórica, conhecia as características da cultura e da psicologia de cada povo e tratava-as como marxista-leninista.

O internacionalismo de José Stáline manifestou-se também claramente nas relações então estabelecidas entre os países de democracia popular, que ele considerava como Estados livres, independentes, soberanos, como aliados próximos da União Soviética. Nunca concebeu que esses Estados fossem dominados pela União Soviética, quer política quer economicamente. Esta política seguida por Stáline foi uma justa política marxista-leninista.

Nas minhas memórias evoco um pedido que fiz a Stáline em 1947, com vista à criação de sociedades mistas albanos-soviéticas para explorar as riquezas do nosso subsolo. Ele respondeu-me que não formavam sociedades mistas com os países irmãos de democracia popular, explicando-me que os passos dados nesse sentido com certos países de democracia popular tinham sido um erro, tendo por isso sido anulados. Mas temos por dever, continuou, fornecer aos países de democracia popular a tecnologia de que dispomos e a ajuda económica que nos é possível conceder e estaremos sempre prontos a apoiá-los. Eis como Stáline julgava e agia.

Os kruchovistas, pelo contrário, não agiram assim e

enveredaram pelo caminho da criminoso colaboração capitalista, criando com os antigos países de democracia popular uma “unidade” militar, política e económica em seu próprio interesse e a expensas dos outros.

Eles transformaram o Pacto de Varsóvia num instrumento para manterem sob domínio as suas novas colónias, segundo formas e métodos pretensamente socialistas. Converteram o Comecon, de organização de entreatajuda económica que era na época de Stáline, num meio de controlo e exploração dos países membros.

A política de José Stáline era, pois, diferente daquela seguem os revisionistas modernos kruchovistas e outros em todos os grandes problemas políticos, ideológicos e económicos. A política de Stáline era uma política de princípios, internacionalista, enquanto que a política dos revisionistas soviéticos é uma política capitalista, de domínio dos povos que caem nas suas armadilhas.

Stáline foi acusado pelos imperialistas, por Tito, pelos kruchovistas e por todos os outros inimigos, de ter, por assim dizer, procedido à partilha das zonas de influência, fazendo acordos com os antigos aliados antifascistas, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha após a 2ª Guerra Mundial. O tempo atirou esta acusação para o caixote do lixo, tal como atirara as outras. Depois da 2ª Guerra Mundial, Stáline, com um espírito de justiça exemplar, defendeu os povos, a sua luta de libertação nacional e os seus direitos nacionais e sociais contra os conluios dos seus antigos aliados da guerra antifascista.

Os inimigos do comunismo, desde a reacção burguesa internacional até aos kruchovistas passando por todos os outros revisionistas, fizeram todos os esforços para deneigrir e caluniar as virtudes deste grande marxista-leninista, as suas ideias claras e as suas acções justas, para desacreditar o primeiro Estado socialista criado por Lénine e pelo próprio Stáline.

Os kruchovistas, esses novos trotskistas, boukhari-nistas, zinovievistas e toukhatchevskistas atiçaram perfidamente nos homens que tinham feito a guerra sentimentos de presunção e superioridade. Promoveram

os privilégios em favor da elite, franquearam largamente o caminho para o burocratismo e o liberalismo no partido e no Estado, violaram as verdadeiras normas revolucionárias, e, pouco a pouco, conseguiram difundir no povo um espírito derrotista. Fizeram crer que todos os defeitos da sua acção eram devidos à “atitude brutal e sectária, aos métodos e ao estilo de trabalho” de Stáline. Com esta maneira diabólica de atirar a pedra e esconder a mão, eles tinham em vista enganar a classe operária, o campesinato dos kolkhozes e os intelectuais, e pôr em movimento todos os elementos dissidentes até então escondidos. Dizia-se aos elementos dissidentes, carreiristas e degenerados que tinha vindo a “verdadeira liberdade” e que esta “liberdade” lhes tinha sido trazida por Nikita Kruchov e o seu grupo. Era uma maneira de preparar o terreno para a liquidação do socialismo na União Soviética, para a abolição da ditadura do proletariado e a instauração dum Estado de “todo o povo”, que acabaria de facto por se transformar num Estado ditatorial de tipo fascista, como hoje em dia efectivamente é.

Estas infâmias não tardaram a aparecer depois da morte, ou melhor, depois do assassinato de Stáline. Digo depois do assassinato, porque o próprio Mikoyan nos disse, a mim e ao camarada Mehmet Shehu que ele, Kruchov e seus acólitos tinham decidido montar um “pokouchenié”, urdir um atentado para matar Stáline, mas que depois, como disse Mikoyan, tinham renunciado a este plano. É notório que os kruchovistas esperavam impacientemente a morte de Stáline. As circunstâncias da sua morte não estão ainda, de resto, totalmente clarificadas.

Com efeito, o caso dos “batas brancas”, o processo contra os médicos do Kremlim que, em vida de Stáline, tinham sido acusados de tentar matar vários dirigentes da União Soviética, é um enigma ainda não esclarecido. Depois da morte de Stáline estes médicos foram reabilitados e o caso arquivado! Mas porque se encerrou este caso? Os actos criminosos destes médicos ficaram ou não provados na altura em que foram julgados? O processo dos médicos foi encerrado, porque, se se continuasse o inquérito, se

se tivesse investigado mais profundamente, ter-se-iam descoberto muitas irregularidades, muitos crimes e conjuras perpretados pelos revisionistas encapotados, com Kruchov e Mikoyan à cabeça. Estas práticas explicariam talvez as mortes súbitas e num lapso de tempo relativamente curto de Gottwald, Bierut, Foster, Dimitrov e outros, que sofriam de doenças curáveis e que eu evoco nas minhas memórias não publicadas “Nós e os kruchovistas”. Isso talvez explicasse também a verdadeira razão da morte súbita de Stáline.

Para realizar os seus vis ensejos e os seus planos de luta contra o marxismo-leninismo e o socialismo, Kruchov e o seu grupo liquidaram um a um, sem barulho e misteriosamente, um bom número dos principais dirigentes do Komintern. É assim que, entre outros, atacam, desacreditam e destituem Rakosi e o deportam para as longínquas estepes da Rússia.

No relatório “secreto” que apresentaram no seu XX Congresso, Nikita Kruchov e seus acólitos lançaram toda a lama que puderam sobre José Vissarionovitch Stáline e esforçaram-se por o rebaixar da maneira mais abjecta, segundo os métodos trotskistas mais cínicos. Depois de terem comprometido um certo número de quadros dirigentes do Partido Comunista da União Soviética, os kruchovistas exploraram-nos a fundo, depois afastaram-nos e liquidaram-nos como se fossem elementos anti-partido. Condenando o culto de Stáline para encobrir os seus crimes posteriores contra a União Soviética e o socialismo, os kruchovistas, com Kruchov à cabeça, levaram aos pincairos o culto deste último.

Estes altos dirigentes do partido e do Estado soviético atribuíram a Stáline a ferocidade, a manha, a perfídia e a baixeza de carácter que lhes eram próprios, assim como as prisões e assassinatos que eles próprios praticavam. Na vida de Stáline eram precisamente eles que, para dissimular o seu carreirismo, os seus intentos e as suas acções infames, lhe cantavam os mais altos elogios. Em 1949, Kruchov qualificava Stáline de “guia e educador genial”, declarava que “o nome de Stáline é a bandeira de todas as

vitórias do povo soviético, a bandeira da luta dos trabalhadores do mundo inteiro”. Mikoyan apreciava as obras de Stáline como “um novo grau histórico, superior, do leninismo”. Kossiguine dizia que “nós devemos todas as nossas vitórias e os nossos sucessos ao grande Stáline”, etc. Depois da sua morte mudaram de atitude. Foram os kruchovistas que abafaram a voz do partido, abafaram a voz da classe operária e encheram os campos de concentração de patriotas; foram eles que libertaram da prisão os traidores, os trotskistas e todos os inimigos, de quem o tempo e os factos tinham provado, assim como a sua luta actual como dissidentes o comprovou, a hostilidade ao socialismo e o papel de agentes ao serviço dos inimigos capitalistas estrangeiros.

Foram os kruchovistas que, secreta e misteriosamente, “julgaram” e condenaram, não somente os revolucionários soviéticos, mas também numerosas pessoas doutros países. Nas minhas notas, evoco uma reunião com os dirigentes soviéticos Kruchov, Mikoyan e Molotov, entre outros. Como Mikoyan ia para a Áustria, Molotov, brincando, disse-lhe: “toma atenção, não faças uma ‘salada’ na Áustria como fizeste na Hungria”.

Perguntei imediatamente a Molotov: “porquê? foi Mikoyan que fez a ‘salada’ na Hungria?”. Ele respondeu afirmativamente e acrescentou que se Mikoyan lá fosse o enforcariam. Mikoyan, esse cosmopolista antimarxista camuflado, respondeu: “se me enforcarem, também enforcarão Kadar”. Mas mesmo que os dois fossem enforcados, as suas intrigas e baixezas continuariam contrárias a toda a moral.

Kruchov, Mikoyan e Suslov apoiaram de início, o conspirador Imre Nagy; depois condenaram-no e fizeram-no executar em segredo algures na Roménia! Com que direito agiram eles assim com um estrangeiro? Mesmo sendo um conspirador, era ao julgamento do seu Estado que devia ser submetido e nunca á lei ou ao julgamento dum tribunal estrangeiro. Nunca Stáline se rebaixou com práticas destas.

Não, Stáline não agia assim. No seu tempo, os proces-

sos contra os traidores ao partido e ao Estado soviético eram públicos. Davam-se a conhecer ao partido e ao povo soviético os crimes que os traidores tinham perpetrado. Não encontramos tais práticas mafiosas em nenhuma acção de Stáline, encontramos-las sim nas acções dos chefes de fila revisionistas soviéticos.

Os revisionistas soviéticos usaram e continuam a usar os mesmos métodos na luta que travam entre si pelo poder, à imagem do que se faz em todos os países capitalistas. Kruchov apoderou-se do poder com um golpe de Estado e foi também com um golpe de Estado que Brejnev o destronou.

Brejnev e os seus companheiros desembaraçaram-se de Kruchov para defenderem a política e a ideologia revisionistas contra o descrédito e a denúncia que lhe granjearam os comportamentos, as acções insensatas, as extravagâncias e os gestos deslocados de Kruchov. Brejnev nunca renegou o kruchovismo, as alianças e as decisões dos XX e XXII Congressos, que definem esta corrente. Mas Brejnev mostrou-se tão ingrato com Kruchov, que antes tanto elogiava, que fez constar quando ele morreu que não encontrava um canto sob os muros do Kremlin para aí colocar as suas cinzas! Por outro lado, nem os povos soviéticos, nem a opinião mundial foram jamais informados das verdadeiras razões do afastamento de Kruchov. Ainda hoje a “causa principal” apresentada nos documentos oficiais é “a sua idade avançada e o agravamento do seu estado de saúde”!!

Stáline não era de forma alguma o homem que os inimigos do comunismo acusaram e acusam de ter sido. Pelo contrário, ele guiava-se pelos princípios e pela justiça e, segundo os casos, sabia ajudar ou combater aqueles que cometiam erros, sabia apoiar e encorajar aqueles que serviam fielmente o marxismo-leninismo realçando os seus méritos. Conhece-se o caso de Rokossovski e de Jukov. Quando Rokossovski e Jukov caíram em erro, foram criticados e destituídos mas não rejeitados como incorrigíveis; pelo contrário, foram ajudados fraternalmente e, logo que se verificou que se tinham corrigido, Stáline promoveu-os,

nomeou-os marechais, e, quando da grande guerra patriótica, confiou-lhes tarefas extremamente importantes nas principais frentes de guerra contra os invasores hitlerianos. Só poderia agir assim, como agiu Stáline, um dirigente que tivesse uma clara concepção marxista-leninista da apreciação do trabalho dos homens, com os seus méritos e os seus defeitos, e que aplicasse esta justa concepção na prática.

Com a morte de Stáline, o marechal Jukov tornou-se um instrumento de Nikita Kruchov e do seu grupo, apoiou as acções de traição deste último contra a União Soviética, contra o partido bolchevique e Stáline. Por fim, Nikita Kruchov rejeitou Jukov, depois de o ter espremido como um limão. Agiu da mesma maneira em relação a Rokossovski e a numerosos outros quadros importantes.

Muitos comunistas soviéticos foram enganados pela demagogia do grupo revisionista kruchovista e acreditaram que, depois da morte de Stáline, a União Soviética se iria tornar realmente um paraíso, como lhes tinham dito os traidores revisionistas. Eles declararam pomposamente que o comunismo seria instaurado na União Soviética em 1980! Mas que se passou de facto? Aconteceu exactamente o contrário, como era inevitável. Os revisionistas tomaram o poder, não para fazer prosperar a União Soviética, mas, como de facto fizeram, para a reverter num país capitalista, para a submeter economicamente ao capital mundial, para celebrar acordos, secretos ou não, com o imperialismo americano, para submeter os povos dos países de democracia popular a coberto de tratados militares e económicos, para manter estes Estados sob o seu jugo e para criar mercados e zonas de influência no mundo. Eis a verdadeira face dos kruchovistas, que se aproveitaram da feliz edificação do socialismo na União Soviética e conduziram os seus sucessos por um caminho tão nefasto que criaram uma nova burguesia social-imperialista para fazer desse país uma potência imperialista mundial, que dominaria o mundo conjuntamente com os Estados Unidos. Stáline tinha posto em guarda o Partido contra um tal perigo. O próprio Kruchov nos confiou que Stáline tinha predito que

eles venderiam a União Soviética ao imperialismo. E, de facto, as suas previsões confirmaram-se.

Os povos do mundo, o proletariado mundial, os homens sensatos e justos podem julgar eles mesmos, face à realidade, a justeza das posições de Stáline. Só se pode avaliar da justeza da linha marxista-leninista seguida por Stáline encarando-a numa larga óptica política, ideológica, económica e militar.

A burguesia e os revisionistas iludiram, com a sua propaganda e falsificando a história, as pessoas no que toca à actividade de Stáline; mas agora que as pessoas aprenderam a conhecer os kruchovistas, os titistas, os maoístas, os “eurocomunistas” e outros revisionistas, agora que sabem o que foram os hitlerianos e o que são os imperialistas americanos e o capitalismo mundial, compreenderam porque se batia Stáline, porque se batiam os bolcheviques, porque se batem os proletários e os autênticos marxistas-leninistas e compreenderam também porque lutam os seus inimigos, as correntes ao serviço do capitalismo, porque lutam os revisionistas. Enganam-se e enganar-se-ão sempre todos aqueles que pensam que o comunismo “é um fiasco”. A vida mostra diariamente que a nossa doutrina continua viva e imbatível.

Ao apreciarem a obra de Stáline no seu conjunto, todos se podem persuadir da genialidade e do espírito comunista desta personalidade notável, de uma envergadura que o mundo moderno raramente teve oportunidade de conhecer.

A grande causa de Marx, Engels, Lénine e Stáline, a causa do socialismo e do comunismo, é o futuro do mundo.

Nós, comunistas albaneses, aplicámos com sucesso os ensinamentos de Stáline, em primeiro lugar para edificar um Partido poderoso, um Partido de aço, sempre fiel ao marxismo-leninismo e severo para os inimigos de classe, lutámos por preservar a unidade de pensamento e acção no Partido e reforçar a unidade do Partido com o povo. Seguimos os ensinamentos de Stáline sobre a edificação da indústria socialista, sobre a colectivização da agricultura e conseguimos grandes sucessos. O nosso Partido e o nosso

povo continuarão a lutar pelo reforço incessante da estreita aliança entre a classe operária e o campesinato, sob a direcção da classe operária. Jamais nos deixaremos enganar pelas lisonjas e artimanhas dos inimigos, de dentro ou de fora, mas continuaremos a luta de classe tanto interna como externamente, e estaremos sempre vigilantes face às investidas dos inimigos. E, com efeito, se não nos tivéssemos mostrado vigilantes, se não tivéssemos aplicado fielmente os ensinamentos de Marx, Engels, Lénine e Stáline, a Albânia teria caído no pântano do revisionismo moderno e não seria independente e socialista, a ditadura do proletariado não existiria, e o país estaria submetido às potências imperialistas-revisionistas.

O nosso Partido e o nosso povo continuarão no caminho de Karl Marx, de Friedrich Engels, de Vladimir Ulianov Lénine e de José Stáline. As gerações futuras da Albânia socialista seguirão fielmente a linha do seu Partido bem-amado.

Os albaneses, comunistas e patriotas sem partido, prestam respeitosa homenagem à memória do seu grande educador, José Stáline. Na ocasião do centenário do seu nascimento, evocamos com devoção o homem que nos ajudou, que nos permitiu multiplicar as forças do nosso povo, a quem o Partido tornou incontestável senhor do seu destino. A obra da libertação e da edificação do socialismo no nosso país pode atribuir-se também ao apoio internacionalista de Stáline. A sua rica e preciosa experiência guiou o nosso caminho e a nossa acção.

Neste ano comemorativo, o nosso Partido desenvolve uma actividade vasta e incessante para tornar mais conhecida a vida e obra de Stáline, esse glorioso e grande marxista-leninista. Toda a actividade do nosso Partido, depois da sua fundação até aos nossos dias, testemunha o seu amor, respeito e fidelidade à doutrina imortal dos nossos grandes clássicos, às ideias de José Stáline. E assim faremos de geração em geração.

Como militante do nosso Partido, como seu dirigente, tive a honra de ser várias vezes mandatado pelo Partido para me encontrar com o camarada Stáline, conversar

com ele sobre os nossos problemas e a nossa situação e solicitar os seus conselhos e a sua ajuda. Esforcei-me por escrever as minhas recordações destes encontros reportando-me à própria época, segundo as minhas impressões do momento e a atitude de Stáline para com o representante de um pequeno partido e de um pequeno povo. Ao mandar publicar, na sua simplicidade, estas memórias, moveu-me o desejo de ajudar, mesmo que pouco, os nossos comunistas, os nossos trabalhadores e a nossa juventude a conhecer a figura deste homem imortal.

Neste glorioso aniversário, inclino-me com devoção e fidelidade perante o Partido e o povo que me fizeram nascer, que me criaram e me forjaram, perante a memória de Stáline, que me deu conselhos tão preciosos para assegurar a felicidade do meu povo e me deixou no coração e no espírito lembranças inesquecíveis.

Para nós, marxistas-leninistas, e para os inúmeros simpatizantes dos nobres ideais da classe operária em todo o mundo, este centenário deve servir para reforçar a unidade combatente das nossas fileiras.

**Hoje, na comemoração deste grande jubileu do nascimento de Stáline, é o momento oportuno para as pessoas honestas de todo o mundo reflectirem, encontrarem o caminho justo, dissiparem a confusão criada nos espíritos peia burguesia capitalista e revisionista, com vista a incrementar o impulso revolucionário, as ideias revolucionárias das massas. O pensamento e a acção revolucionários guiarão os homens de boa vontade, as pessoas justas, as pessoas do povo, no caminho da sua libertação do jugo do capital.**

**Ao celebrar a memória de Stáline e a sua obra no centenário do seu nascimento, nós, marxistas-leninistas, não podemos deixar de nos dirigir directamente aos povos da União Soviética para lhes dizer com toda a sinceridade e franqueza:**

**Vós que, com o nome de Stáline nos lábios, enfrentastes e vencestes os inimigos mais perigosos da humanidade, que fareis por ocasião deste grande jubileu, calar-vos-eis?**

**Os revisionistas kruchovistas, que disseram de Stáline as piores baixezas, como não podem deixar totalmente à sombra o seu nome e a sua obra notável escreverão possivelmente a seu respeito algumas palavras vazias. Mas vós, que fizestes a Grande Revolução de Outubro, tendes o dever de evocar com profundo respeito o vosso guia esclarecido. Deveis abater o regime ditatorial fascista, camuflado sob slogans enganadores. Deveis saber que aqueles que vos governam são fascistas, chauvinistas e imperialistas. Eles preparam-vos para uma guerra imperialista encarniçada, para massacrar os povos e pôr a ferro e fogo os países que tantas esperanças depositaram na pátria de Lénine e Stáline, como se vós fosseis carne para canhão. Os povos do mundo não vos querem ver nesse papel. Se continuardes a comportar-vos assim, eles deixarão de vos respeitar e odiar-vos-ão.**

Os povos do mundo têm horror aos vossos actuais governantes contra-revolucionários, porque as armas atômicas que produzem, os desfiles na Praça Vermelha e as manobras militares que organizam se tornaram uma ameaça para os povos e para a sua liberdade, em tudo idêntica à do imperialismo americano e do capitalismo mundial. Na União Soviética as armas e o exército já não estão nas mãos dos povos soviéticos, não servem à libertação do proletariado mundial, são sim destinados a oprimir os povos soviéticos e os outros povos.

Deveis compreender e dar-vos conta de que há muito tempo que os inimigos vos desviaram do caminho da revolução. Os revisionistas kruchovistas esforçam-se por despertar em vós o sentimento de arrogância e superioridade em relação aos outros. Dizem utilizar a vossa grande força para combater o imperialismo americano e o capitalismo mundial, mas isso é falso. Os vossos governantes estão em oposição e ao mesmo tempo em aliança com o imperialismo americano e com o capitalismo mundial; não o fazem para defender os interesses da revolução, mas porque a isso são levados pelas suas ambições e interesses imperialistas de partilha das esferas de influência e de domínio dos povos.

Os povos do mundo inquietam-se por não saberem se vós, filhos, netos e descendentes dos gloriosos combatentes que fizeram a Grande Revolução Socialista de Outubro, vós, proletários, kolkhozianos, soldados e intelectuais soviéticos, prosseguireis neste caminho hostil aos povos onde vos colocaram os vossos opressores, ou se, com os nomes de Lénine e Stáline na boca, vos levantareis e passareis ao ataque no caminho da revolução. O mundo deseja e espera que marcheis na via da revolução e que avanceis para o verdadeiro socialismo e contra o imperialismo, o social-imperialismo e o revisionismo, gritando como vossos pais “Za Lénina!”, “Za Stalina!”\*.

A vossa direcção de traidores não vos diz a verdade sobre os sofrimentos dos outros povos, cujos filhos morrem nas ruas em luta contra os imperialistas e capitalistas sanguinários. Ela não vos diz as verdadeiras razões por que, no Irão, o povo sedento de liberdade e independência se levantou e derrubou o Xá tirano, instrumento dos imperialistas americanos. A clique revisionista kruchovista mantém-vos na ignorância do sofrimento dos povos árabes, dos povos do continente americano e de todos os outros continentes, porque estes sofrimentos lhes são causados pelo imperialismo e pelos vossos dirigentes traidores. Eles não vos dizem nada sobre a maneira como os povos de África são oprimidos pelos vossos homens e seus vassallos, vós nada sabeis das intrigas que no mundo tramam os novos czares do Kremlin; eles não vos dizem que os amigos dos kruchovistas, os amigos da vossa direcção a quem Kruchof e os seus seguidores com Brejnev à cabeça abriram o caminho da traição, fazem causa comum com os capitalistas a expensas da classe operária e dos interesses dos seus povos. Vós ignorais também muitas coisas sobre o modo como sofrem e são silenciadas as pessoas honestas no vosso país, porque sobre isso o bando que vos oprime nada diz.

Vós precisais saber que os povos se levantam pela revolução e que lutam heroicamente, enquanto vós, que

\* Em russo: “Viva Lénine, “Viva Stáline!”.

pertenceis a uma grande potência, sois oprimidos, enganados e adormecidos.

Um bando de opressores converteu o vosso país numa potência social-imperialista. O caminho da salvação é aquele que nos ensinaram Marx, Engels, Lénine e Stáline, é o caminho da revolução. Os Brejnev, Kossiguine, Ustinov e Yakoubovsky, assim como os Soljenitsyne e os Sakarov, são contra-revolucionários e, como tal, devem ser combatidos e liquidados.

Vós sois uma grande potência, mas deveis reconquistar a confiança do proletariado mundial, a confiança dos povos do mundo, essa grande confiança que Lénine e Stáline mereceram pelo seu trabalho e pela sua luta. **Deveis, sem tardar, reflectir profundamente no vosso futuro e no da humanidade. Chegou a hora de vos tornardes naquilo que fostes em vida de Lénine e Stáline — gloriosos participantes na revolução proletária; não deveis pois continuar a suportar o jugo dos inimigos da revolução e dos povos, inimigos da liberdade e da independência dos Estados. Não vos deveis tornar instrumentos de um imperialismo, que procura escravizar os povos mascarando-se de leninista.**

Se seguirdes o caminho da revolução e do marxismo-leninismo, se vos ligardes estreitamente ao proletariado mundial, então o imperialismo americano e, em geral, o capitalismo em putrefacção serão abalados nos seus alicerces, o mundo mudará de feição, o socialismo triunfará.

A vós, povos soviéticos, operários, kolkhozianos, soldados soviéticos, cabem grandes responsabilidades e grandes tarefas face à humanidade. Só podereis cumprir honrosamente estas tarefas se sacuides a clique bárbara e o jugo que ela faz pesar sobre o velho e glorioso Partido bolchevique de Lénine e Stáline e sobre vós próprios.

O vosso Partido já não é um partido marxista-leninista. Deveis edificar, lutando, um novo partido do tipo do de Lénine e Stáline. Deveis compreender que a União Soviética já não constitui um conjunto de povos unidos na liberdade, vivendo em plena harmonia entre si. Foi o bolchevismo que conseguiu criar a união fraterna dos povos da União Soviética. O revisionismo fez o contrário,

dividiu os povos do vosso país, suscitou o chauvinismo em cada república, atçou a hostilidade entre elas, semeou entre os outros povos o ódio pelo povo russo que os guiara na revolução sob a direcção de Lénine e Stáline.

Continuareis a permitir que vos calem? Continuareis a permitir que no vosso país se aprofunde o processo de aburguesamento em todos os campos, como querem os revisionistas? Aceitareis o jugo dum novo capitalismo, camuflado de socialismo?

Nós, os comunistas e o povo albanês, assim como todos os comunistas e povos do mundo amantes da liberdade, amámos a verdadeira União Soviética da época de Lénine e Stáline. Prosseguimos perseverantemente no caminho de Lénine e Stáline e temos confiança nas grandes forças revolucionárias dos povos soviéticos, do proletariado soviético e estamos também convencidos de que esta força se manifestará gradualmente e que, pela luta, ao preço de sacrifícios, ela se elevará à altura das exigências da época e destruirá nos seus próprios alicerces o social-imperialismo soviético.

A revolução e os sacrifícios que fareis não enfraquecerão o vosso país, farão renascer a verdadeira União Soviética socialista. A ditadura social-imperialista será derrubada e a União Soviética ficará mais forte que nunca. Nesta obra gloriosa beneficiareis do apoio de todos os povos do mundo, do proletariado mundial. Não é nas frases ocas e acções nefastas da clique que vos oprime mas nesta grande convulsão revolucionária que as ideias do socialismo e do comunismo mostram a sua força. Só assim, avançando por este caminho, os verdadeiros comunistas, os marxistas-leninistas de todo o mundo, estarão em condições de vencer o imperialismo e o capitalismo mundial. Eles ajudarão os povos do mundo a libertarem-se um a um, ajudarão a grande China a retomar o caminho do verdadeiro socialismo para que se não torne uma superpotência opressora e uma terceira parceira nas guerras de rapina preparadas pelo imperialismo, o social-imperialismo soviético e a clique de Hua Kuofeng e Teng Siaoping actualmente no poder na China.

**Nós, comunistas albaneses, discípulos fiéis de Lénine e Stáline, soldados da revolução, porque somos vossos irmãos, vossos camaradas de luta pela causa da revolução proletária e da libertação dos povos lançamos-vos o apelo para que reflectais, neste glorioso jubileu, sobre estes problemas decisivos para vós e para o mundo inteiro. Se seguirdes o caminho da guerra de rapina, imperialista, onde vos conduzem os vossos dirigentes renegados, ficaremos certamente inimigos do vosso sistema e das vossas acções contra-revolucionárias. Isto é claro como a água. E nem poderia ser de outro modo.**

Nenhuma tempestade, por mais furiosa que seja, nos pode deter, a nós comunistas albaneses ligados que estamos ao nosso povo como a carne ao osso, quando estamos convencidos da justeza da nossa acção. E estamos certos de vencer as tempestades como as venceram o Partido dos bolcheviques e o poder dos Sovietes, como as venceram Lénine e Stáline, os grandes capitães da revolução.

**RECORDAÇÕES  
DOS MEUS ENCONTROS  
COM STÁLINE**

---



## PRIMEIRO ENCONTRO

---

Julho 1947

**A situação externa da RPA. As relações com os Estados vizinhos e com os anglo-americanos. O incidente de Corfu — No Tribunal de Haia. A situação política, económica, social e de classe na Albânia. Stáline interessa-se muito pelo nosso país, pelo nosso povo e pelo nosso Partido, que tem em grande estima. “Não é lógico que um partido no poder se mantenha na clandestinidade. O vosso Partido Comunista poderia chamar-se Partido do Trabalho”.**

Cheguei a Moscovo a 14 de Julho de 1947 dirigindo a primeira delegação oficial do Governo da República Popular e do Partido Comunista da Albânia para uma visita de amizade à União Soviética.

Os meus camaradas e eu, que tínhamos sido designados pelo Comité Central do Partido para esta visita a Moscovo, sentimos uma alegria indescritível ao encontrar o grande Stáline. Desde os nossos primeiros contactos com a

teoria marxista-leninista que sonhávamos dia e noite em encontrar Stáline. Durante a nossa luta antifascista de libertação nacional este desejo acentuou-se ainda mais. Depois das eminentes figuras de Marx, Engels e Lénine o camarada Stáline era-nos extremamente querido e tínhamos por ele um imenso respeito, pois os seus ensinamentos guiaram-nos na fundação do Partido Comunista da Albânia enquanto Partido leninista, inspiraram-nos durante a nossa luta de libertação nacional e são-nos sempre preciosos na construção do socialismo.

Os nossos encontros com Stáline e os seus conselhos iriam servir-nos de guia no vasto e árduo trabalho de consolidação das vitórias alcançadas.

Por isso, a nossa primeira visita à União Soviética despertava uma alegria indescritível e uma imensa satisfação, não só nos comunistas e em nós próprios, membros da delegação, mas também em todo o povo albanês que a aguardava com impaciência e a aplaudia com grande entusiasmo.

Vimos e sentimos no coração a grande cordialidade, calor e afeição com que Stáline e o Governo Soviético receberam a nossa delegação. Durante os doze dias que passámos em Moscovo encontrámo-nos várias vezes com Stáline e as conversações que com ele tivemos, tal como as suas recomendações e conselhos sinceros, foram e mantêm-se preciosos para sempre.

Guardarei uma recordação inesquecível do dia do meu primeiro encontro com José Vissarionovitch Stáline. Foi a 16 de Julho de 1947 e estávamos em Moscovo há três dias. Foi, desde o início, um dia extraordinário. De manhã fomos ao Mausoléu do grande Lénine onde nos inclinámos em profunda homenagem ao grande e genial dirigente da Revolução, homem cujo nome e obra colossal estavam profundamente gravados nos nossos espíritos e corações e nos tinham desde sempre guiado no caminho glorioso da luta pela liberdade, pela revolução e pelo socialismo. Em nome do povo albanês, do nosso Partido Comunista e em meu nome pessoal coloquei uma coroa de flores junto do

Mausoléu do imortal Lénine. Depois de termos visitado os túmulos dos valorosos combatentes da Revolução Socialista de Outubro, dos destacados militantes do Partido Bolchevique e do Estado Soviético, junto ao Kremlin, dirigimo-nos ao Museu Central de Vladimir Ilitch Lénine. Dedicámos mais de duas horas a percorrer todas as salas, a examinar os documentos e objectos expostos que ilustravam em detalhe a vida e a obra insignes do grande Lénine. Antes de sair escrevi no Livro dos Visitantes, entre outras, as seguintes palavras: “A causa de Lénine perdurará imortal nas gerações futuras. A sua memória viverá para sempre no coração do povo albanês.”

Foi precisamente neste dia repleto de inesquecíveis impressões e emoções, que nos recebeu o discípulo e fiel continuador da obra de Lénine, José Vissarionovich Stáline, com quem tivemos uma longa entrevista.

Logo desde o início ele criou um ambiente tão fraterno que rapidamente nos libertámos da natural emoção que sentimos ao entrar no seu gabinete, uma grande sala com uma comprida mesa de reuniões encostada à secretária. Alguns minutos depois de trocadas as primeiras palavras, já estávamos tão descontraídos que tínhamos a sensação de não estar a falar com o grande Stáline, mas a um velho amigo com quem já tivéssemos estado imensas vezes. Nesse tempo eu era ainda relativamente jovem e representava um pequeno partido e um pequeno povo, pelo que Stáline, para criar um ambiente tão caloroso e amigável quanto possível, recheou as suas palavras de gentilezas e falou com grande amor e profundo respeito do nosso povo, das suas antigas tradições combativas e do seu heroísmo na luta de libertação nacional. Falou calma e pausadamente, com um calor particularmente comunicativo.

O camarada Stáline confiou-me, entre outras coisas, que sentia uma profunda simpatia pelo nosso povo, esse velho povo dos Balcãs possuidor de uma longa e heróica história.

“Conheço especialmente, disse ele, o heroísmo de que o povo albanês deu provas durante a sua luta antifascista

de libertação nacional, mas os conhecimentos que possuo não são suficientemente vastos e profundos pelo que desejava que me falasse um pouco do seu país, do seu povo e dos problemas que actualmente vos preocupam.”

Tomei então a palavra e descrevi ao camarada Stáline o longo e glorioso caminho percorrido pelo nosso povo na sua história, as suas lutas incessantes pela liberdade e pela independência. Detive-me particularmente no período da nossa luta de libertação nacional, falei-lhe da fundação do nosso Partido Comunista enquanto partido de tipo leninista, do papel decisivo que ele tem desempenhado enquanto única força dirigente da luta e dos esforços do povo albanês para conquistar a liberdade e a independência da sua pátria, derrubar o antigo poder feudal-burguês, instaurar o novo poder popular e encaminhar com êxito o país para profundas transformações socialistas. Nesta altura agradei uma vez mais ao camarada Stáline e exprimi-lhe o profundo reconhecimento dos comunistas e de todo o povo albanês pelo caloroso apoio que o Partido Comunista da União Soviética, o Governo soviético e ele próprio tinham dado ao nosso povo e ao nosso Partido durante a guerra e após a libertação da pátria.

Falei em seguida ao camarada Stáline das profundas transformações políticas, económicas e sociais gradualmente realizadas, ou em vias de o serem, durante os primeiros anos de poder popular na Albânia. “A situação interna da Albânia nos planos político e económico, disse-lhe entre outras coisas, apresenta nítidas melhorias. Estas são devidas à justa compreensão da necessidade de ultrapassar as dificuldades e aos grandes esforços do povo e do Partido para as superar com o seu trabalho incansável. O nosso povo está decidido a seguir o seu caminho e tem uma confiança inabalável no nosso Partido Comunista, no Governo da nossa República Popular, nas suas forças produtivas e nos seus amigos sinceros; animado dum elevado espírito de mobilização, abnegação e entusiasmo realiza em cada dia as tarefas que lhe cabem.”

O camarada Stáline regozijou-se com os sucessos do nosso povo e do nosso Partido na sua obra de construção e,

em seguida, pediu mais informações sobre a situação das classes no nosso país. Interessou-se sobretudo pela nossa classe operária e pelos camponeses. Fez-me uma série de perguntas acerca destas duas classes da nossa sociedade e trocámos a esse propósito numerosas ideias que no futuro viriam a revelar-se úteis para edificarmos um trabalho sólido no seio da classe operária e dos camponeses pobres e também para definirmos as atitudes a tomar face aos elementos de situação económica desafogada das cidades e aos kulaks dos campos.

“A esmagadora maioria da nossa população, respondi, entre outras coisas, ao camarada Stáline, é constituída por camponeses pobres e alguns camponeses médios. A nossa classe operária é numericamente reduzida; temos também um certo número de pequenos artesãos, comerciantes de retalho e uma minoria de intelectuais. Toda esta massa de trabalhadores respondeu ao apelo do nosso Partido Comunista, mobilizou-se na luta pela libertação da Pátria e está hoje estreitamente ligada ao Partido e ao poder popular.

— A classe operária albanesa tem tradições na luta de classes? — perguntou-me o camarada Stáline.

— Antes da libertação do país, respondi, essa classe era numericamente restrita, tinha-se acabado de criar e compunha-se de um certo número de operários assalariados, aprendizes e artesãos dispersos por pequenas oficinas e empresas. No entanto, nalgumas cidades do país os operários faziam greves, mas eram movimentos pouco importantes e isolados, devido ao pequeno número de operários e à falta de organização sindical. Apesar de tudo isto, expliquei ao camarada Stáline, o nosso Partido Comunista foi fundado enquanto partido da classe operária guiado pela ideologia marxista-leninista, que traduzia e defendia os interesses do proletariado e das largas massas trabalhadoras, em primeiro lugar os dos camponeses que representavam a maioria da nossa população.”

O camarada Stáline quis saber pormenores da situação dos camponeses pobres e médios no nosso país.

Ao responder às suas perguntas falei-lhe da política

seguida pelo nosso Partido desde a sua fundação e do importante trabalho que sob todos os aspectos levou a cabo para se apoiar no campesinato e ganhar a sua simpatia.

“Se assim actuámos, disse eu, foi porque partimos do princípio marxista-leninista de que o campesinato é o aliado mais próximo e natural do proletariado na revolução e também porque na Albânia o campesinato representava a esmagadora maioria da população e sempre se caracterizara através dos séculos por grandes tradições patrióticas e revolucionárias.” No seguimento da nossa conversa esforcei-me por caracterizar a situação económica dos camponeses antes da libertação, bem como o seu nível cultural e técnico. Reafirmando sempre as grandes virtudes do nosso campesinato, patriota, trabalhador, estreitamente ligado à terra e à pátria, sedento de liberdade e progresso, referi-lhe também as acentuadas sobrevivências do passado e o atraso económico e cultural dos nossos camponeses, assim como a mentalidade pequeno-burguesa enraizada na sua consciência. O nosso Partido, referi eu, tem lutado com todas as suas forças contra esta situação e temos obtido sucessos neste sentido; mas sabemos que precisamos de lutar mais e melhor para levar o campesinato a tomar consciência, a abraçar a linha do Partido e a aplicá-la em todas as circunstâncias.”

Tomando a palavra o camarada Stáline disse que geralmente, de início, os camponeses receiam o comunismo, imaginam que os comunistas lhes querem tirar as suas terras e haveres. “Os inimigos, prosseguiu, levam a cabo junto dos camponeses um grande trabalho de persuasão nesse sentido com o fim de os desviar da aliança com a classe operária, de os afastar da política do Partido e do caminho do socialismo. Daí a enorme importância de que se reveste um trabalho atento e clarividente do Partido para que, como o camarada ressaltou, o campesinato se ligue indissolivelmente ao Partido e à classe operária.”

Nesta altura descrevi ao camarada Stáline, em traços gerais, a estrutura social de classe do nosso Partido e expliquei-lhe que essa estrutura correspondia fielmente à

estrutura social do nosso povo. “É esta a razão pela qual, de momento, os comunistas provenientes das camadas do campesinato constituem a maioria nas fileiras do nosso Partido. A política do nosso Partido neste campo consiste em fazer crescer, passo a passo e paralelamente ao crescimento da classe operária, o número dos seus membros de origem operária.”

Apreciando a justa política seguida pelo nosso Partido em relação às massas, em geral e ao campesinato, em particular, o camarada Stáline deu-nos amigavelmente uma série de conselhos úteis para o nosso trabalho futuro. Sugeriu, entre outras coisas, que o nosso Partido Comunista se passasse a chamar “Partido do Trabalho da Albânia”, dado que a maioria dos seus membros eram de origem camponesa. De qualquer modo, observou, é uma ideia pessoal e, naturalmente, sereis vós, o vosso Partido, a decidir.”

Após ter agradecido ao camarada Stáline esta preciosa sugestão, disse-lhe:

“Vamos submeter a sua proposta ao I Congresso do Partido que estamos a preparar e estou convencido que tanto a base do Partido como a sua direcção a considerarão oportuna e a aprovarão. Depois expus ao camarada Stáline o nosso ponto de vista acerca da completa legalização do nosso Partido no seu I Congresso.

“Na realidade, disse-lhe entre outras coisas, o nosso Partido Comunista foi e continuará a ser a única força dirigente de toda a vida do país, mas, do ponto de vista formal, mantém-se numa situação de semi-clandestinidade. Não nos parece correcto que esta situação se prolongue. (1)

— É verdade, respondeu o camarada Stáline. Não é

(1) O 11º Plenário do CC do PCA, reunido de 13 a 24 de Setembro de 1948, e o I Congresso do PCA decidiram a completa e imediata legalização do PCA. Tanto o Plenário como o Congresso consideraram que a manutenção do Partido num estado de semiclandestinidade tinha sido um erro derivado das pressões e da influência da direcção trotskista jugoslava que, com objectivos bem determinados e considerando a Frente como a principal força dirigente do país, tentava dissolver o Partido na Frente, subestimando e portanto renegando o próprio Partido Comunista e o seu papel dirigente, tanto na Frente como em toda a vida do país.

lógico que um partido no poder permaneça na clandestinidade e que se considere ilegal.”

Passando a outros assuntos relacionados com as nossas forças armadas, expliquei ao camarada Stáline que o nosso exército, nascido da luta, se compunha maioritariamente de camponeses pobres, jovens operários e intelectuais das cidades. Quanto aos quadros do exército, também os oficiais que comandam nasceram da luta e foi na luta que adquiriram a sua experiência.

Falei-lhe igualmente dos instrutores soviéticos que trabalham no nosso país e pedi-lhe que nos enviasse mais alguns. “Como temos falta de experiência, disse-lhe, o nível do nosso trabalho político no exército é insuficiente pelo que lhe peço para considerar este assunto e para nos ajudar a elevar o nível do trabalho no exército. É verdade que também temos instrutores jugoslavos, acrescentei, e não se pode dizer que não tenham experiência, mas o que é certo é que é uma experiência limitada. Nascidos também de uma grande luta de libertação nacional, não têm no entanto o nível dos oficiais soviéticos.”

Depois de lhe ter falado acerca do elevado moral do nosso exército, da disciplina e de uma série de outros problemas, pedi ao camarada Stáline para nomear um camarada soviético com quem pudesse discutir com maior profundidade e pormenor os problemas do nosso exército e as suas necessidades futuras.

Abordei em seguida o problema do reforço do nosso litoral.

“Concretamente, precisamos reforçar a ilha de Sazan, o litoral de Vlora e de Durres pois são posições muito delicadas. Foi por aí que o inimigo nos atacou duas vezes. É aí que poderemos vir a ter de enfrentar um eventual ataque dos anglo-americanos ou dos italianos.

— A respeito do reforço do vosso litoral, disse entre outras coisas o camarada Stáline, partilho a vossa opinião. Pela nossa parte ajudar-vos-emos, mas devem ser os albaneses e não os soviéticos a usar as armas e os outros meios de defesa que vos fornecermos. É verdade que o mecanismo de algumas armas é complicado mas é preciso que

mandem a vossa gente para cá para aprender a manejá-las.”

Com respeito ao meu pedido de envio de instrutores políticos para o nosso exército, o camarada Stáline explicou-me que não podiam enviar-nos mais porque esses instrutores, para fazerem um trabalho produtivo, tinham de, antes de mais, conhecer bem a língua, a situação interna e a vida do povo albanês. “Assim é preferível, disse, que sejais vós a enviar para a União Soviética camaradas que apreendam a experiência soviética para em seguida a aplicarem nas fileiras do exército popular albanês.”

Depois o camarada Stáline interrogou-me acerca das conspirações da reacção interna na Albânia e da nossa atitude em relação a elas.

“Temos golpeado duramente a reacção interna, respondi. Temos obtido êxitos na luta para a desmascarar e esmagar. Quanto à liquidação física dos inimigos, ela tem-se dado tanto durante os choques directos das nossas forças com os bandos armados de criminosos como através da execução das sentenças dos tribunais populares na sequência de processos contra os traidores e os colaboracionistas. Apesar dos sucessos alcançados neste campo nem por isso podemos afirmar que a reacção interna esteja inactiva. Apesar de não conseguir organizar-se para nos desferir ataques perigosos, nem por isso deixa de fazer propaganda contra nós.

“O inimigo externo apoia o inimigo interno para alcançar os seus próprios objectivos. A reacção externa esforça-se por ajudar, encorajar e organizar os nossos inimigos internos através dos agentes que tem infiltrado no país por terra e ar. Face às tentativas do inimigo temos mantido a vigilância revolucionária das massas trabalhadoras. O povo tem capturado agentes que foram entregues à justiça numa série de processos. Os julgamentos e as condenações públicas tiveram um grande efeito educativo sobre a população e reforçaram a sua confiança na força e no sentido de justiça do nosso poder popular e, simultaneamente, o respeito do povo por este. Ao mesmo tempo estes

juízos desmascararam e desmoralizaram as forças reaccionárias internas e externas.”

Na sequência deste encontro com o camarada Stáline, discutimos longamente os problemas da situação externa e em particular as relações do nosso Estado com os países vizinhos. Comecei por expor a situação nas nossas fronteiras e falei-lhe das boas relações que tínhamos com a República Federativa Popular da Jugoslávia, detendo-me em particular nas nossas relações com a Grécia para lhe explicar a situação na fronteira sul. Disse-lhe que os monarco-fascistas gregos, não tendo conseguido realizar o seu sonho da “megale idea”, ou seja, a anexação do Sul da Albânia, persistem no entanto nas provocações nas nossas fronteiras. “O seu objectivo, afirmei ao camarada Stáline, é provocar uma conflagração na nossa fronteira e criar uma situação tensa nas relações entre nós e a Grécia mesmo antes da guerra terminar totalmente.” Expliquei-lhe que nos esforçávamos para, na medida do possível, evitar as provocações dos monarco-fascistas gregos e não lhes responder. “Só quando levam as coisas ao extremo e matam os nossos homens, é que nós lhes ripostamos para que compreendam que a Albânia e as suas fronteiras são invioláveis. Se tencionam levar a cabo acções que ponham em perigo a independência da Albânia, é preciso que saibam que estamos em condições de defender a nossa pátria.”

“Os monarco-fascistas são encorajados e apoiados pelas potências imperialistas nos seus intentos e nas suas conspirações para fazer cair sobre a Albânia a responsabilidade da guerra civil que se desencadeou na Grécia e desacreditar o nosso poder popular nas reuniões do Conselho de Segurança e noutras conferências internacionais.” Após ter exposto amplamente a Stáline estas questões, informei-o na generalidade acerca das atitudes que adoptávamos na comissão de inquérito e nas sub-comissões que tinham sido criadas para examinar a tensão nas relações entre a Albânia e a Grécia.

Disse ao camarada Stáline tudo o que sabíamos acerca da situação dos democratas gregos e falei-lhe também do apoio que dávamos à sua justa luta. Não me escusei

a mostrar-lhe abertamente a nossa posição em relação a uma série de pontos de vista dos camaradas do Partido Comunista da Grécia que nos pareciam errados. Expressei-lhe também a minha opinião a propósito das perspectivas da luta dos democratas gregos.

Embora o camarada Stáline tivesse certamente sido informado pelos camaradas Molotov, Vychinski, etc., acerca das atitudes brutais e infames dos imperialistas ingleses e americanos em relação à Albânia, não hesitei em retomar o assunto colocando a tónica nas suas tomadas de posição hostis, simultaneamente brutais e dissimuladas, em relação a nós, na Conferência de Paris. Fiz-lhe notar igualmente que a situação das nossas relações com os anglo-americanos em nada tinha mudado e que continuávamos a considerar a atitude deles como ameaçadora. Não contentes em prosseguir uma propaganda muito hostil contra a Albânia na arena internacional, os anglo-americanos dedicavam-se a fazer provocações terrestres e aéreas a partir da Grécia e da Itália e a ajudar elementos subversivos albaneses, zoguistas, ballistas e fascistas emigrados, que tinham reunido, organizado e treinado em antigos campos de concentração para esse fim remodelados em Itália e noutros sítios.

Evoquei igualmente o problema do suposto incidente de Corfu, que os imperialistas ingleses levaram ao Conselho de Segurança da ONU e o exame deste caso pelo Tribunal Internacional de Justiça de Haia. “O incidente de Corfu, acrescentei, foi montado pelos ingleses da primeira à última peça, com vista a provocar o nosso país e a procurar um pretexto para uma eventual intervenção militar na cidade de Saranda. Nós não colocámos minas no mar Jónio. Com respeito às que explodiram, ou foram os alemães que as colocaram durante a guerra, ou então foram os próprios ingleses que lá as puseram intencionalmente para as fazerem explodir no momento em que alguns dos seus navios atravessassem as nossas águas territoriais ao largo de Saranda. Não havia nenhuma razão para esses navios passarem junto das nossas costas e nem disso fomos avisados. Após o rebentamento das minas os ingleses afir-

maram ter sofrido danos materiais e perdas humanas. Tentavam portanto empolar o incidente. Não sabemos se os ingleses realmente sofreram os danos de que falam e não acreditamos no que dizem. Mas, mesmo que fosse verdade, não seríamos nós os responsáveis.

“Estamos a defender a nossa posição no Tribunal Internacional de Justiça de Haia, mas a verdade é que este tribunal é manipulado pelos imperialistas anglo-americanos, que forjam as mais diversas acusações para encobrir as suas próprias provocações e obrigarem-nos a indemnizar os ingleses.”

Também falei ao camarada Stáline da Conferência de Moscovo (1), e expus-lhe, com base em argumentos de vária ordem, o nosso ponto de vista sobre a doutrina de Truman a propósito da Grécia e das ingerências dos anglo-americanos nos assuntos internos da República Popular da Albânia; esclareci a nossa posição quanto ao plano ‘Marshall’, sublinhando que não aceitaríamos qualquer ‘ajuda’ no quadro desse plano infame.

Também discuti com ele o problema da extradição dos criminosos de guerra que se tinham evadido do nosso país. Exigíamos, com pleno direito, aos governos dos países que nos entregassem os criminosos a quem tinham dado asilo, para prestarem contas dos seus crimes ao povo, embora estivéssemos conscientes de que não o fariam, pois esses criminosos constituem reservas dos anglo-americanos e do fascismo em geral.

Expus também ao camarada Stáline o ponto de vista do nosso Partido acerca das relações com a Itália.

“Este país, disse eu, atacou-nos por duas vezes. Pôs-nos a ferro e fogo mas nós somos marxistas, internacionalistas e, enquanto tal, desejamos manter relações de amizade com o

(1) De 10 de Março a 24 de Abril de 1947 reuniu-se em Moscovo a Conferência dos ministros dos Estrangeiros da União Soviética, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França. Esta Conferência discutiu questões relacionadas com o Tratado de Paz com a Alemanha. Os representantes da União Soviética, Molotov e Vyshinski, defenderam o direito à participação da Albânia na Conferência de Paz com a Alemanha. O representante francês defendeu igualmente esta posição, mas os representantes da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos opuseram-se a ela.

povo italiano. O actual governo italiano, sublinhei, mantém em relação a nós atitudes reaccionárias; os seus desígnios para com o nosso país não diferem dos dos anteriores governos italianos. Encontrando-se sob a influência dos anglo-americanos, este governo desejaria que a Albânia, de um modo ou de outro, se lhe submetesse, o que nunca acontecerá. É com este fim, prossegui eu, que os anglo-americanos, conluídos com o governo de Roma, equipam e treinam em território italiano efectivos de emigrados que, em seguida, lançam como agentes subversivos na Albânia. Sempre tentando camuflar-se, multiplicam as suas investidas contra o nosso país, mas nós conhecemos bem todos os seus objectivos. Desejamos manter relações diplomáticas com este país, mas, quanto a esta questão, os governos italianos encaram as coisas de um modo negativo.”

Stáline escutou-me atentamente e, no fim, disse-me que os americanos e ingleses, apesar das dificuldades e dos obstáculos que nos levantam, não podem atacar-nos nas condições actuais. “Face à vossa atitude resoluta, disse, eles não ousarão desembarcar no vosso território pelo que não deveis inquietar-vos; mas nem por isso deveis deixar de defender a vossa pátria; deveis tomar todas as medidas para reforçar o vosso exército e fronteiras, pois o perigo de guerra da parte dos imperialistas é uma realidade.

“Os monarco-fascistas gregos, prossegui, empurrados e encorajados pelos imperialistas americanos e ingleses, continuarão a provocar-vos só para vos causarem problemas e não vos deixarem tranquilos. Os actuais governantes de Atenas têm mais em que pensar pois a guerra civil que lá se desencadeou é dirigida contra eles e os seus patrões ingleses e americanos.

“No que respeita à Itália, acrescentou o camarada Stáline, as coisas passam-se como pensais. Aí os anglo-americanos esforçar-se-ão por instalar bases, organizar a reacção e fortalecer o governo de De Gasperi. Deveis mostrar-vos vigilantes e manter-vos informados do que por lá fazem os emigrados albaneses. Enquanto os tratados não forem concluídos a situação não se pode considerar normalizada. Sou de opinião que, para já, não podereis

estabelecer relações com esse país, pelo que não deveis precipitar-vos.

— Também nós pensamos, referi eu ao camarada Stáline, que não devemos apressar-nos na evolução das nossas relações com a Itália e contamos tomar, de um modo geral, diversas medidas para reforçar as nossas fronteiras.

“Propusemos aos jugoslavos, prossegui, contactos e cooperação com vista à defesa das nossas fronteiras contra um eventual ataque grego ou italiano, mas eles não responderam à nossa proposta com o pretexto de que a discutiriam connosco depois de terem estudado o problema. A colaboração que propomos consiste em trocas de informações com os jugoslavos sobre os perigos que os inimigos externos nos podem causar, por forma a que cada um possa, nas suas fronteiras e com o seu próprio exército, tomar as medidas adequadas para fazer frente a qualquer eventualidade.” Igualmente o pus ao corrente de que tínhamos enviado duas das nossas divisões para a fronteira sul.

Além disso, sublinhei o facto de alguns aviões jugoslavos terem aterrado em Tirana, contrariamente às regras reconhecidas e aprovadas nas relações entre Estados. “Uma vez por outra, disse, os camaradas jugoslavos, sem nos avisarem, entregam-se a este tipo de acções condenáveis. Não é justo que os aviões jugoslavos sobrevoem o território albanês sem que o nosso governo disso seja avisado. Apontámos claramente este erro aos camaradas jugoslavos e eles reconheceram-no. Apesar de sermos amigos não podemos permitir-lhes que violem a nossa integridade territorial. Somos Estados independentes e cada um de nós deve, sem pôr em causa as nossas relações de amizade, defender a sua soberania e os seus direitos respeitando simultaneamente a soberania e os direitos do outro.

— O vosso povo não está satisfeito com as relações da Albânia com a Jugoslávia? — perguntou-me então o camarada Stáline. É muito bom terem como vizinho a Jugoslávia amiga, pois a Albânia é um pequeno país e, portanto, tem necessidade dum forte apoio por parte dos seus amigos.”

Respondi que é de facto verdade que cada país, pequeno ou grande, tem necessidade de amigos e aliados e que nós considerávamos a Jugoslávia um país amigo.

Discutimos em pormenor com os camaradas Stáline e Molotov os problemas da reconstrução do país destruído pela guerra e os da construção da nova Albânia. Tracei-lhe um breve quadro da situação da nossa economia, das primeiras transformações socialistas neste campo e das grandes perspectivas que se nos abriam, dos sucessos obtidos, dos grandes problemas e dificuldades que enfrentávamos.

Stáline exprimia a sua satisfação pelos êxitos alcançados e fazia, de quando em vez, as mais diversas perguntas. Interessou-se em particular pela situação da nossa agricultura, pelas condições climatéricas da Albânia, pelas culturas tradicionais do nosso povo, etc.

“Quais são os cereais mais cultivados? — perguntou-me.

— Em primeiro lugar o milho, depois o trigo, o centeio...

— O milho não se dá mal com a seca?

— É verdade que a seca, respondi, nos causa frequentemente grandes prejuízos mas, devido ao atraso da nossa agricultura e às nossas grandes carências em cereais panificáveis, o nosso camponês habituou-se a semear mais milho que trigo. Entretanto, estamos a tomar medidas para criar uma rede de canais de drenagem e irrigação para secar os pântanos e paúis.”

Stáline escutava as minhas respostas, interrogava-me detalhadamente e intervinha com frequência para nos dar conselhos preciosos. Recordo-me que, no decorrer destas conversações, Stáline me perguntou em que bases tinha sido aplicada a reforma agrária, qual era a percentagem de terras entregues aos camponeses pobres e médios, se as instituições religiosas tinham sido abrangidas pela reforma, etc.

Evocando a ajuda que o Estado de democracia popular dá ao campesinato e os laços da classe operária com ele, Stáline interrogou-nos acerca dos tractores, quis saber se na Albânia havia parques de máquinas e tractores e como

os tínhamos organizado. Depois da minha resposta começou a desenvolver o tema e deu-nos uma série de conselhos úteis.

“Deveis, disse entre outras coisas, criar parques de máquinas e tractores, reforçá-los e pôr essa maquinaria a trabalhar cuidadosamente as terras das cooperativas e dos camponeses, em pé de igualdade com as terras do Estado. Os tractoristas devem estar ao serviço do campesinato, devem conhecer a agricultura, as culturas e as terras e aplicar os seus conhecimentos na prática, a fim de aumentar a produção seja por que preço for. Isto é muito importante, pois a não ser feito os efeitos negativos far-se-ão sentir por toda a parte. Quando pusemos a funcionar os primeiros parques de máquinas e tractores, os tractoristas trabalhavam frequentemente a terra dos camponeses, mas, apesar disso, a produção não aumentava porque não basta que um tractorista saiba conduzir a máquina, precisa ser também um bom agricultor e saber quando e de que modo se deve trabalhar a terra.

“Os tractoristas, prosseguiu Stáline, são elementos da classe operária que estão em contacto contínuo, quotidiano e directo com o campesinato. Portanto devem trabalhar com elevada consciência a fim de forjar a aliança da sua classe com o campesinato trabalhador.”

A atenção com que Stáline seguia as nossas explicações sobre a nova economia e as suas vias de desenvolvimento, causou-nos profunda impressão. Entre outras coisas, detectei nele uma característica maravilhosa, tanto no decorrer da discussão sobre estes problemas, como nos encontros seguintes: nunca se exprimia em tom de comando, nem tentava impor as suas ideias. Falava, dava conselhos, fazia sugestões, mas nunca deixava de acrescentar: “isto é a minha opinião pessoal”, “é a nossa opinião. Mas vós, camaradas, analisai e decidi vós mesmos, em função da vossa situação concreta e das vossas condições.” O seu interesse abrangia todos os problemas.

Enquanto lhe falava da situação dos transportes e das grandes dificuldades que enfrentávamos neste sector, Stáline perguntou-me:

“Constroem-se barcos pequenos na Albânia?

— Não.

— Mas têm pinheiros?

— Sim, florestas inteiras.

— Então possuem uma boa base para construir pequenas embarcações para o transporte marítimo.”

Em seguida, perguntou-me qual o estado da rede ferroviária, que moeda tínhamos, quais os nossos recursos mineiros, se as minas albanesas tinham sido exploradas pelos italianos, etc.

Respondi a estas questões e Stáline, concluindo a discussão, disse:

“A economia albanesa é atrasada. Começais do zero em todos os sectores. É por isso camaradas que nós juntaremos à vossa luta e aos vossos esforços a nossa ajuda, na medida das nossas possibilidades, para o relançamento da vossa economia e para o reforço do vosso exército. Examinámos os vossos pedidos de ajuda e estamos de acordo em satisfazê-los. Vamos ajudar-vos a equipar a indústria e a agricultura com a maquinaria necessária, a reforçar o exército e a desenvolver o ensino e a cultura. Fornecer-vos-emos a crédito outras fábricas e máquinas, a pagar quando tiverdes possibilidades; quanto ao armamento, ele ser-vos-á fornecido gratuitamente, nunca tereis que o pagar. Temos consciência de que as vossas necessidades são bastante maiores mas, de momento, isto é tudo o que podemos fazer, pois nós próprios ainda somos pobres devido às devastações causadas pela guerra.

“Simultaneamente, prosseguiu o camarada Stáline, ajudar-vos-emos enviando especialistas que contribuirão para acelerar o desenvolvimento da economia e da cultura albanesas. Quanto ao petróleo, tencionamos enviar-vos alguns especialistas do Azerbaijão, que são mestres nesse ramo. Pelo seu lado, a Albânia deve enviar à União Soviética filhos de operários e camponeses para estudarem e se instruírem a fim de promoverem o progresso do seu país.”

No decurso da nossa estadia em Moscovo, após cada encontro com o camarada Stáline, fomos descobrindo

passo a passo neste eminente revolucionário, neste grande marxista, o homem simples, caloroso, sensato, o homem real. Ele amava profundamente o povo soviético, dedicava-lhe todas as suas forças e energias, era para ele que vivia. E estes traços do seu carácter sobressaíam em cada entrevista, em cada actividade, desde as mais importantes às mais comuns.

Alguns dias após a nossa chegada a Moscovo, assisti, na companhia do camarada Stáline e de outros dirigentes do Partido e do Estado soviéticos, a um festival desportivo de âmbito nacional, que se desenrolou no Estádio Central de Moscovo. Com que interesse seguiu Stáline o festival! Durante mais de duas horas não desviou o olhar, um milímetro que fosse, dos exercícios dos atletas e, apesar da chuva que começou a cair já para o fim e da insistência de Molotov para que abandonasse o Estádio, continuou a seguir o espectáculo até final, gracejando e aplaudindo. Recordo-me que os exercícios terminavam com um cortamato colectivo. Estava a corrida prestes a terminar, faltavam apenas algumas voltas à pista, quando, ao pé da tribuna, passou um retardatário. Alto e magro, avançava com dificuldade, as mãos balançando como pêndulos. Mesmo assim persistia na corrida, escorrendo água. Stáline observava-o de longe, com um sorriso onde se adivinhava a sensibilidade e o calor dum pai:

“Millij mooj”\*, murmurou, vai para casa, descansa e põe-te fino. Voltas para a próxima! O que não falta são corridas...”

O respeito e o grande amor de Stáline pelo nosso povo, o interesse que demonstrava pela história e pelos costumes do povo albanês, jamais se me apagarão da memória. Durante um dos nossos encontros nesses dias, por ocasião de um jantar que Stáline ofereceu à nossa delegação no Kremlin, tivemos uma interessantíssima conversa acerca da origem e da língua do povo albanês.

“Qual é a origem dos albaneses e a sua língua? —

\* Em russo: “Meu caro”.

perguntou-me. Acaso tereis alguma relação com os bascos? Duvido, continuou, que o povo albanês tenha vindo da longínqua Ásia e também não deve ser de origem turca porque os albaneses são mais antigos que os turcos. Talvez tenha raízes comuns aos etruscos, que ficaram nas vossas montanhas, já que parte deles se instalaram em Itália onde foram assimilados pelos Romanos, enquanto outros seguiram para a Península Ibérica.”

Respondi ao camarada Stáline que a origem do nosso povo é muito antiga e que o albanês é uma língua indoeuropeia. Existem várias teorias sobre esta questão, mas o que é certo é que somos de origem ilíria. O nosso povo descende dos ilírios. Existe também uma tese que defende que o povo albanês é o mais antigo dos Balcãs e que a origem pré-homérica dos albaneses remonta aos pelasgos.

“A teoria dos pelasgos, expliquei, foi defendida durante certo tempo por numerosos investigadores, principalmente alemães. Alguns investigadores albaneses, especialistas em Homero, chegaram à mesma conclusão com base em certas palavras utilizadas na Iliada e na Odisseia e que ainda hoje subsistem, como por exemplo o termo ‘gur’ (pedra), que em russo se diz ‘kamiegn’. Homero coloca esta palavra antes da sua equivalente grega, o que dá ‘guri-petra’. Assim, baseando-se em termos como estes, tendo também em conta o Oráculo de Dodone, a etimologia de certas palavras e as explicações filológicas da sua evolução, alguns investigadores chegaram à conclusão de que descendemos dos pelasgos, que precederam os gregos na península balcânica.

“Seja como for, nunca ouvi dizer que os albaneses e os bascos tivessem uma origem comum, disse eu ao camarada Stáline. É um facto que também existe essa outra teoria que acaba de referir, segundo a qual uma parte dos etruscos teria ficado na Albânia enquanto outra parte se teria separado para se instalar em Itália, donde os restantes teriam seguido para a península Ibérica, em Espanha. Talvez esta teoria tenha também os seus defensores, mas não estou a par disso.”

A certa altura Stáline disse-me:

“Existe entre nós, no Cáucaso, uma região que se chama Albânia. Estará porventura relacionada com o vosso país?”

— Ignorava tal facto, retorqui, mas é certo que, ao longo dos séculos, muitos foram os albaneses que, forçados pela feroz ocupação otomana, pelos ataques e cruzadas selvagens dos sultões e paxás osmanli, tiveram de abandonar a pátria para se instalarem em terras estranhas onde constituíram autênticas povoações. Foi o que aconteceu a milhares de albaneses que se fixaram no sul de Itália a partir do século XV, depois da morte do nosso herói nacional Skenderbeg. Actualmente existem nesse país regiões inteiras habitadas pelos albaneses de Itália que, apesar de viverem há quatro ou cinco séculos em terra estrangeira, conservam a língua e os velhos costumes dos seus antepassados. O mesmo se passa com muitos albaneses que se fixaram na Grécia, onde povoam regiões inteiras; outros instalaram-se na Turquia, na Roménia, na Bulgária, na América e noutros países... Mas quanto a essa região do Cáucaso chamada Albânia, nada sei de concreto.”

Seguidamente Stáline inquiriu sobre uma série de palavras albanesas. Desejava saber quais eram as palavras usadas para designar os instrumentos de trabalho, os utensílios domésticos, etc. Respondi em albanês e, depois de escutar atentamente, ele repetia-as e comparava-as às suas equivalentes na língua dos albaneses do Cáucaso. Ocasionalmente consultava Molotov e Mikoyan. Chegámos à conclusão que não existia qualquer semelhança na raiz das palavras comparadas.

Nessa altura, Stáline carregou num botão e, pouco depois, entrou o general adjunto ao seu gabinete; era um homem enorme, muito amável e que nos testemunhou uma franca simpatia.

“Estamos a tentar resolver um problema, o camarada Enver Hoxha e eu, mas não temos tido sucesso, disse Stáline sorrindo. Se fazes favor entra em contacto com o professor (e citou um eminente linguista e historiador soviético, de cujo nome já não me recordo) e pergunta-lhe

da minha parte se existe algum laço entre os albaneses do Cáucaso e os da Albânia.”

O general saiu e Stáline pegou numa laranja, mostrou-ma e disse:

“Em russo chama-se ‘apyelsin’. E em albanês?

— ‘Portokall’”, respondi.

Mais uma vez comparou os dois termos soletRANDO-os e acabou por encolher os ombros. Mal tinham passado dez minutos quando o general voltou.

“Acabo de receber a resposta do professor. Diz ele que não existe qualquer dado a provar a existência de laços entre os albaneses do Cáucaso e os da Albânia. Mas referiu que na Ucrânia, na zona de Odessa, há algumas aldeias (cerca de sete) habitadas por albaneses. O professor tem informações precisas sobre este assunto.”

Recomendei de imediato ao nosso embaixador em Moscovo que velasse para que alguns dos nossos estudantes que cursavam história na União Soviética estagiassem preferencialmente nessas aldeias e que esclarecessem quando e como aqueles albaneses se tinham fixado em Odessa, se conservavam a língua e os costumes dos seus antepassados, etc.

Stáline, muito atento como sempre, escutou-nos e disse:

“Muito bem, é uma excelente ideia. Acho óptimo que os vossos estudantes vão lá fazer o estágio e mesmo que alguns dos nossos a eles se juntem também.

— As ciências albanológicas, acrescentei, no seguimento desta diversificada conversa com o camarada Stáline, estão pouco desenvolvidas e foram principalmente estudadas por estrangeiros. A isso se deve, sobretudo, a multiplicidade de teorias sobre a origem do nosso povo, da nossa língua, etc. Seja como for, o que é certo é que todas as teorias concordam num aspecto: o facto de o povo albanês e a sua língua terem uma origem muito antiga. Mas é aos nossos albanólogos, que o Partido e o Estado prepararão cuidadosamente e a quem darão todas as condições favoráveis a um bom trabalho, que caberá a resposta definitiva a estes problemas.

— A Albânia, disse Stáline, deve avançar com as suas próprias forças, pois tem para isso todas as possibilidades.

— Sim, avançaremos custe o que custar, respondi.

— Pela nossa parte, acrescentou Stáline com simpatia, ajudaremos o povo albanês de todo o coração, pois os albaneses são pessoas maravilhosas.”

O jantar que o camarada Stáline ofereceu em honra da nossa delegação decorreu num ambiente muito caloroso, cordial e íntimo. Stáline fez a primeira saúde ao nosso povo, ao progresso e florescimento do nosso país e ao Partido Comunista da Albânia. Depois brindou à minha saúde, à saúde de Hysni (1) e de todos os membros da delegação albanesa. Lembro-me que, pouco depois, e falando-lhe eu da grande resistência que o nosso povo tem oposto às invasões estrangeiras através dos séculos, o camarada Stáline qualificou-o de **povo heróico** e dedicou-lhe uma segunda saúde. Além da conversa que comigo mantinha, dirigia-se de vez em quando aos outros convidados, gracejava e brindava. Não comia muito, mas tinha sempre um copo de vinho tinto à frente, que levantava sorrindo cada vez que uma saúde era feita.

Depois do jantar o camarada Stáline convidou-nos a ir ao cinema do Kremlin onde assistimos, além das actualidades, a um filme soviético de grande metragem intitulado “O tractorista”. Sentámo-nos ambos no mesmo sofá e fiquei muito impressionado com a atenção com que Stáline seguiu esse novo filme da produção soviética. Por vezes elevava a sua voz quente e comentava para nós certas sequências da acção do filme. O que mais lhe agradou foi o modo como o protagonista, um tractorista de vanguarda, se esforçava por ganhar a confiança dos seus camaradas e dos agricultores, como procurava familiarizar-se com os costumes, o comportamento, as ideias e aspirações das gentes da estepe. Trabalhando e vivendo com elas, o trac-

(1) O camarada Hysni Kapo, na época vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da RPA, fazia parte da nossa delegação, que se deslocou a Moscovo em Julho de 1947.

torista tornou-se um quadro dirigente, respeitado pelos camponeses. A certa altura Stáline disse:

“Para se poder dirigir é preciso, primeiro que tudo, conhecer as massas e para as conhecer é indispensável descer até elas.”

Já passava da meia-noite quando saímos. No último minuto, Stáline convidou-nos a brindar e pela terceira vez fez uma saúde “à felicidade do heróico povo albanês”.

Depois cumprimentou-nos a todos e, ao apertar-me a mão, disse:

“Transmita as minhas saudações cordiais ao heróico povo albanês; desejo-lhe os maiores sucessos.”

Plenamente satisfeita com os encontros e conversações com o camarada Stáline, a nossa delegação deixou Moscovo a 26 de Julho de 1947 de regresso à Albânia.



## SEGUNDO ENCONTRO

---

Março-Abril 1949

**A nossa posição face à direcção jugoslava já durante a guerra. O I Congresso do PCA. Política de terror em Kosova. A propósito das divisões jugoslavas que deviam ser enviadas à Albânia. Os titistas pretendiam mudar a situação na Albânia. A propósito da guerra do povo irmão grego. As posições erradas da direcção do PC da Grécia. Os ingleses põem como condição para reconhecerem a Albânia o estabelecimento de bases militares nos nossos portos. O caminho do desenvolvimento económico e cultural da Albânia. Acerca da situação do nosso campesinato. Da história, da cultura, da língua e dos costumes do povo albanês.**

Voltei a Moscovo a 21 de Março de 1949, chefiando uma delegação oficial do Governo da República Popular da Albânia. Aí permaneci até 11 de Abril.

Esperavam-nos no aeroporto Mikoyan, Vychinski, etc., além de todos os representantes diplomáticos dos países de democracia popular.

O nosso primeiro encontro oficial foi com Vychinski, logo no dia seguinte à nossa chegada e, a 23 de Março, às 22

horas e 5 minutos, fui recebido no Kremlin pelo camarada Stáline, em presença de Vychinski e Tchouvakine, embaixador da URSS na Albânia. Acompanhavam-me Spiro Koleka e Mihal Prifti, na época nosso embaixador em Moscovo.

O camarada Stáline recebeu-nos cordialmente no seu gabinete. Cumprimentou-nos um a um e depois parou à minha frente e observou:

“Acho-o mais magro. Tem estado doente? Ou está cansado?”

— Pelo contrário, estou muito contente por o ver de novo, respondi, e, uma vez sentado, disse que desejava colocar-lhe algumas questões.

— Com todo o gosto, estou ao seu dispor o tempo que for preciso, disse-me solícito, para que lhe falasse de tudo o que julgasse necessário.”

Expus então ao camarada Stáline uma série de assuntos. Falei-lhe em traços gerais da situação do nosso Partido e do país, dos últimos acontecimentos, dos erros detectados, da nossa posição sobre a questão jugoslava. Contei-lhe que a influência da direcção trotskista jugoslava sobre a direcção do nosso Partido e a confiança excessiva que alguns dirigentes nossos depositavam na direcção jugoslava traidora, tinham estado na origem de erros graves, sobretudo na linha de organização do Partido, como constataria o 11º Plenário do Comité Central do Partido Comunista da Albânia, cujos trabalhos tinham decorrido à luz das cartas do Comité Central do Partido Comunista bolchevique da União Soviética dirigidas ao Comité Central do Partido Comunista da Jugoslávia e da Resolução do Cominform “Sobre a situação no Partido Comunista da Jugoslávia”.

“O Comité Central do nosso Partido, referi ao camarada Stáline, aprovou a Resolução do Cominform e, num comunicado especial, condenámos a via traidora anti-albanesa e anti-soviética da direcção trotskista jugoslava. A direcção do nosso Partido enfrentou durante anos a actividade hostil e conspiradora dos titistas, a arrogância e as intrigas de Voukmanovic Tempo e Dushan Mugosha,

agentes de Tito. Nas vésperas da libertação da Albânia, disse eu, entre outras coisas, ao camarada Stáline, Tito enviou-nos, com o fim de pôr em prática os seus desígnios antimarxistas hostis à Albânia, uma delegação do Comité Central do Partido Comunista da Jugoslávia chefiada pelo seu delegado extraordinário Velimir Stojnic. Este e os seus colaboradores secretos, os traidores Sejfulla Maleshova, Koçi Xoxe, Pandi Kristo, etc., prepararam nos bastidores a sinistra plataforma de Berat que, em si mesma, era uma grave conspiração contra a justa linha seguida pelo Partido durante a luta de libertação, contra a independência do nosso Partido e do nosso país, contra a pessoa do Secretário-Geral do Partido, etc. A parte sã da direcção do Partido, apesar de não estar a par da conjura preparada, opôs-se firmemente, em Berat, às acusações dirigidas à direcção e à linha seguida durante a luta. Mais tarde eu próprio, convencido de que em Berat se tinham cometido graves erros de natureza antimarxista, submeti ao Bureau Político as teses sobre a revisão do Plenário de Berat, mas, na sequência da febril actividade subversiva da direcção jugoslava e dos seus agentes infiltrados nas nossas fileiras, essas teses não foram aceites. Os acontecimentos que se seguiram, as Cartas do Comité Central do vosso Partido e a Resolução do Cominform esclareceram-nos completamente; a actividade hostil da direcção jugoslava, conduzida por Tito, foi posta a nu e os conspiradores existentes nas nossas fileiras foram severamente desmascarados no 11º Plenário do Comité Central do Partido. O I Congresso do PCA aprovou e reforçou a viragem iniciada no 11º Plenário do Comité Central. Considerou correcta a linha política seguida pelo Partido desde a sua fundação, enquanto que desvios particulares, surgidos após a libertação, sobretudo na linha de organização do Partido, foram considerados como o resultado da intervenção jugoslava e da actividade trotskista e traidora de Koçi Xoxe, Pandi Kristo e Kristo Themelko.

“Koçi Xoxe e Pandi Kristo, indiquei, eram dois perigosos agentes dos trotskistas jugoslavos no seio da direcção do nosso Partido e, orientados e apoiados pelos

titistas, usaram todos os meios para usurpar os postos-chave no Partido e no Estado de democracia popular. Desenvolviam a sua actividade traidora ao serviço da política nacional-chauvinista e colonialista da direcção trotskista jugoslava face à República Popular da Albânia. Kristo Themelko era um dos mais influenciados pela direcção trotskista jugoslava e applicava sem reservas as suas directivas no sector do exército. Mas, uma vez desmascarada por completo a traição da direcção jugoslava, reconheceu os seus erros e autocriticou-se perante o Partido.”

Stáline, que escutava atentamente, perguntou-me:

“Quem são esses indivíduos? Eslavos, albaneses, ou quê?”

— Kristo Themelko, respondi, é de origem macedónica, quanto a Koçi Xoxe é albanês de origem, mas os pais viveram na Macedónia.”

Falei-lhe em seguida da extrema importância de que se revestiam para o nosso Partido as Cartas do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, dirigidas à direcção jugoslava, e a Resolução do Cominform. “À luz desses documentos, que nos chegaram às mãos nesses momentos tão delicados para o nosso Partido e o nosso povo, indiquei ao camarada Stáline, o Comité Central do Partido compreendeu claramente o carácter e objectivos da intervenção jugoslava na Albânia.” Depois de ter esboçado em traços gerais as várias medidas radicais tomadas pelo Partido para liquidar estas conjuras ferozes, subversivas, antimarxistas e anti-albanesas, disse-lhe que apesar de, já durante a guerra, nos termos enfrentado e oposto a essas conspirações nem por isso tínhamos menos consciência da nossa responsabilidade e que deveríamos ter-nos mostrado mais vigilantes.

Aqui o camarada Stáline interrompeu-me:

“As cartas à direcção jugoslava não referem tudo, pois muitas outras questões apareceram depois. Não sabíamos que os jugoslavos, a pretexto de ‘defenderem’ o vosso país contra os ataques dos fascistas gregos, tentaram introduzir unidades do seu exército na RPA. Eles actuavam secretamente. De facto, animavam-nos objectivos hostis,

visando subverter a situação na Albânia. A informação que nos deram a este propósito foi muito útil pois, doutro modo, nada saberíamos sobre essas divisões que eles queriam introduzir no vosso território. Davam a entender que o faziam com o consentimento da União Soviética! Quanto ao facto que apontaram, que deveriam ter-se mostrado mais vigilantes, a verdade é que, nas relações com a Jugoslávia, essa falta de vigilância se aplica tanto a vós como a outros.”

No seguimento da entrevista, eu disse ao camarada Stáline que os momentos difíceis, criados pelos titistas e pelos monarco-fascistas gregos, que actuam a soldo dos imperialistas americanos e ingleses nas suas conjuras, tinham sido ultrapassados com sucesso graças à justa linha do Partido, ao patriotismo do nosso povo e à ajuda do PC da União Soviética. “Foi uma rude prova para nós, mas aprendemos muito com ela a corrigir os erros, a consolidar as vitórias obtidas e a lutar para as levar avante. O nosso exército cumpriu as suas tarefas com coragem e grande patriotismo.

“Durante o difícil período que atravessámos, prossegui, as massas deram provas dum elevado patriotismo. A confiança no Partido, na sua justa linha e na União Soviética continua inquebrantável. A acção do inimigo interno não causou grandes estragos. Neutralizámos a actividade hostil dos agentes da direcção trotskista jugoslava. Quanto àqueles que, de um modo ou de outro, estavam implicados na actividade anti-albanesa da direcção trotskista jugoslava, temos adoptado atitudes diferenciadas. Uma parte deles fez a sua autocritica pois agira de boa fé, e os outros, gravemente comprometidos, prestam actualmente contas dos seus actos nos tribunais populares.

— Defendam a pátria e o Partido, disse-nos o camarada Stáline. O inimigo deve ser completamente desmascarado com argumentos convincentes, para que o povo veja bem tudo o que fizeram e os malefícios que causaram. Um inimigo assim desmascarado aos olhos do povo, mesmo que não seja fusilado, é executado moral e politicamente pois sem o povo é impotente.

— O processo que se desenvolve actualmente em Tirana, referi ao camarada Stáline, é público e os debates são publicados na imprensa.

“Quanto aos que tomaram consciência profunda dos seus erros, que fizeram uma autocritica sincera e persuasiva, a esses tratámo-los com solicitude e indulgência e demos-lhes possibilidades de corrigirem os seus erros pelo trabalho e pela fidelidade ao Partido e ao povo. Pensámos mesmo em enviar um deles à União Soviética para estudar”, e citei o nome.

“Como, como? perguntou Stáline, olhando-me fixamente. Pediram para que ele viesse para cá? Ainda têm confiança política nele?”

— Sim, respondi, ele tem vindo a aprofundar a sua autocritica e temos grande esperança de que se emendará.

— E ele, quer vir para cá?

— Foi ele mesmo que manifestou esse desejo.”

Aqui Tchouvakine entrevistou e deu algumas explicações apoiando a minha opinião.

“Bom, como o camarada Enver pesou bem essa questão, ele que venha...”

Proseguindo a minha exposição, expliquei ao camarada Stáline que, durante esse mesmo período, os americanos tinham lançado em paraquedas, vindos da Itália, vários grupos de agentes subversivos no sul e no norte da Albânia. Alguns tinham sido abatidos e os outros capturados. Prevendo possíveis complicações na fronteira sul e com vista a dispor de forças para as enfrentar, precisávamos em primeiro lugar de limpar as regiões do norte dos grupos de bandidos políticos e de direito comum que actuavam no interior das nossas fronteiras liderados por agentes enviados por Rankovic, o que fizemos. Estes bandos, ao serviço dos jugoslavos, efectuaram uma série de atentados. As operações de limpeza terminaram com sucesso. Eliminámos alguns bandos e os outros passaram para território jugoslavo onde ainda hoje se encontram.

“Continuam a lançar paraquedistas? — perguntou Stáline.

— Pensamos que não desistiram. A política de Tito e

de Rankovic para atrair albaneses ao seu território e aí os organizar em grupos de sabotadores e espiões fracassou e, actualmente, há pouquíssimos casos de passagem ilegal da fronteira. O nosso Governo tomou medidas no campo económico e reforçou-se o trabalho político e organizativo do Partido. Os imperialistas preparam no estrangeiro grupos de agentes subversivos, os monarco-fascistas e titistas fazem o mesmo e os italianos não lhes ficam atrás. O nosso plano actual consiste em eliminar os restos dos bandos que vagueiam encurralados nas nossas montanhas e em destruir as suas bases que se encontram sobretudo entre os kulaks. A maior parte dos grupos reaccionários existentes nas cidades foi fustigada pela Segurança do Estado que obteve grandes êxitos nessa tarefa. O Partido reorganizou o ministério do Interior, antigo ninho dos titistas, e a Segurança do Estado tornou-se numa arma poderosa e querida do Partido e do povo. O general Mehmet Shehu é um grande dirigente e goza da ajuda permanente do Partido e do povo para levar a cabo a sua espinhosa e delicada tarefa. O Partido tem o dever de consolidar cada dia mais as suas posições para que possamos enfrentar e aniquilar os ataques e as eventuais tentativas dos nossos numerosos inimigos.

“O nosso Partido reforça-se diariamente, referi em seguida ao camarada Stáline; os membros do nosso jovem Partido caracterizam-se por uma grande coragem e uma vontade de ferro. O nível ideológico e cultural dos funcionários do Partido é baixo, mas nota-se em todos eles uma grande vontade de aprender. Estamos a trabalhar para melhorar esta situação. Ainda se observam muitas insuficiências no trabalho partidário, mas graças a esforços perseverantes, com confiança no futuro e aproveitando a experiência do Partido bolchevique, corrigiremos esses erros.”

No seguimento das conversações, apresentei ao camarada Stáline uma exposição geral acerca da situação económica da Albânia, dos resultados obtidos e da grande luta levada a cabo pelo Partido e pelo povo para enfrentar

as dificuldades criadas na economia pela actividade hostil dos trotskistas jugoslavos e dos seus agentes. “O nosso povo, disse-lhe, é um povo simples e trabalhador. Sob a direcção do Partido, mobilizou todas as suas forças para recuperar o atraso, ultrapassar as dificuldades criadas e cumprir as tarefas fixadas pelo I Congresso do Partido.”

Informei que o I Congresso do Partido, a par da orientação dada para a industrialização socialista, dera também a directiva de consolidar o sector socialista na agricultura através do aumento do número de quintas de Estado e da colectivização gradual sob a forma de cooperativas agrícolas, às quais o Estado concederá apoio político, económico e organizativo.

“Criaram muitas cooperativas desse género? Que critérios usais nesse campo? — perguntou o camarada Stáline.

Expliquei-lhe que, sobre esse assunto, o Congresso dera a directiva de que a colectivização da agricultura deveria seguir um processo gradual, ponderado e baseado no livre consentimento. Dentro desta linha não iremos nem precipitar-nos, nem marcar passo.

“Na minha opinião, disse o camarada Stáline, não deveis apressar-vos na colectivização da agricultura. O vosso país é montanhoso e tem um relevo muito variável de região para região. Também nós, nas zonas montanhosas, só muito mais tarde criámos os kolkhozes.”

Evoquei de seguida o trabalho feito para reforçar a aliança da classe operária com o campesinato trabalhador, o apoio dado pelo Estado ao camponês individual, o acréscimo da produção agrícola e a política de armazenamento dos produtos vegetais e animais.

“Essa questão é muito importante, disse-nos o camarada Stáline, e fazem muito bem em lhe dar toda a atenção. Se os camponeses albaneses têm necessidade de tractores ou outra maquinaria agrícola, de animais de trabalho, de sementes ou outras coisas, ajudai-os. E não fíqueis por aí: abri canais de irrigação para o campesinato e vereis do que ele é capaz. Na minha opinião é correcto que o camponês pague em géneros as ajudas que recebe.

O Estado, continuou o camarada Stáline, deve criar parques de máquinas e tractores. Não deveis entregar os tractores às cooperativas, mas deveis ajudar os camponeses individuais no amanho das terras se eles assim o desejarem. Deste modo os camponeses pobres tomarão gradualmente consciência das vantagens da colectivização.

“Quanto aos excedentes da produção agrícola, prosseguiu o camarada Stáline, os agricultores devem poder dispor deles à sua vontade, pois se agirmos de outro modo os camponeses deixarão de colaborar com o governo. Se os camponeses não virem na prática a ajuda do Estado não se disporão a apoiá-lo.”

Depois Stáline disse-me que não conhecia a história e as características da burguesia albanesa e perguntou: “Houve no vosso país uma burguesia mercantil?”

— Sim, uma burguesia mercantil em formação, respondi, mas já nada possui.

— Expropriaram-na totalmente?”

Para responder a esta pergunta expliquei ao camarada Stáline a política praticada pelo Partido desde a época da luta de libertação face às classes ricas, a profunda diferenciação que se operara em função da atitude dos elementos dessas classes face ao ocupante visto que a maior parte deles, por se terem tornado colaboracionistas ou terem sujado as mãos no sangue do povo, ou fugiram com o ocupante ou, quando não o conseguiram, foram capturados pelo povo e entregues à justiça. Quanto aos elementos que faziam principalmente parte da média e pequena burguesia patriota e que se tinham ligado à luta do povo e oposto ao ocupante estrangeiro, o Partido apoiou-os, interessou-se por eles e mostrou-lhes o caminho certo para contribuírem para o desenvolvimento do país e para o reforço da independência da pátria. “No entanto, acrescentei, nestes últimos anos, devido às conjuras hostis de Koçi Xoxe e seus cúmplices, foram tomadas certas atitudes injustas e medidas rigorosas contra alguns destes elementos e contra certos intelectuais patriotas, mas o Partido denunciou severamente estes erros e não permitirá a sua repetição.”

Tomando a palavra, o camarada Stáline ressaltou que, em relação a este problema como a todos os outros, tudo depende das condições e da situação concreta de cada país. “Todavia, precisou, é necessário, na minha opinião, durante a primeira etapa da revolução, seguir face à burguesia patriota, que quer realmente a independência do país, uma política que lhe permita ajudar esta causa com os meios e as riquezas de que dispõe.”

“Lénine ensina-nos, prosseguiu, que durante a primeira etapa da revolução, quando esta se reveste de um carácter anti-imperialista, os comunistas podem beneficiar da ajuda da burguesia patriota. Naturalmente, isto deve fazer-se em função das condições concretas, da atitude desta mesma burguesia face aos problemas mais prementes do país, etc.

“Nos países de democracia popular, por exemplo, a grande burguesia estava comprometida com os ocupantes alemães e ajudou-os. Quando o exército soviético libertou esses países, a burguesia vendida emigrou.”

Reflectiu um momento antes de prosseguir:

“O exército soviético, parece-me, não foi ajudar-vos à Albânia; e o exército jugoslavo? Foi ajudar-vos durante a vossa luta de libertação nacional?”

— Não, respondi, pelo contrário, foi o nosso exército de libertação nacional que enviou dois destacamentos de guerrilheiros combaterem em território jugoslavo para ajudar à libertação dos povos da Jugoslávia.”

Prosseguindo, o camarada Stáline sublinhou que todos os partidos comunistas e Estados socialistas devem dar muita atenção às suas relações com os intelectuais. Devem levar a cabo junto deles um trabalho intenso, atento e clarividente para que os intelectuais honestos e patriotas se aproximem cada vez mais do poder popular.

Lembrando certas particularidades da revolução russa, o camarada Stáline referiu que “nessa altura a Rússia não estava sob o domínio de nenhuma potência imperialista estrangeira, pelo que somente nos levantámos contra os exploradores internos; a burguesia nacional russa, exploradora como era, não aderiu à nossa revolu-

ção. Desenvolveu-se entre nós então uma violenta luta de classe e a burguesia russa pediu a ajuda e a intervenção dos imperialistas.

“Portanto, vê-se claramente que há uma diferença entre a revolução russa e a luta levada a cabo nos países vítimas dos agressores imperialistas.

“Se vos digo isto, prosseguiu Stáline, é para vos mostrar como é importante ter em conta as condições concretas de cada país, porque estas condições variam sempre de um país para outro. E é precisamente por isso que ninguém deve copiar a nossa experiência ou a dos outros, mas apenas estudá-la e aproveitá-la, aplicando-a de acordo com as condições concretas do próprio país.”

A nossa entrevista com Stáline durava há já muito. O tempo passava sem darmos por ele. Retomando a palavra, comecei a abordar os problemas do nosso plano de reforço da defesa e de desenvolvimento da economia e da cultura da RPA.

“O vosso chefe do Estado-Maior, disse-me o camarada Stáline, fez-nos alguns pedidos para o exército. Demos instruções para que fossem satisfeitos. Já receberam o equipamento que pediram?

— Ainda não nos informaram”, respondi.

Stáline chamou então um general e encarregou-o de recolher informações concretas sobre esse assunto. Pouco depois, soou o telefone. Stáline levantou o auscultador e, passado um momento, informou-nos que o equipamento já tinha sido enviado.

“E receberam os carris? O vosso caminho de ferro já está pronto? — perguntou.

— Sim, já os recebemos e o caminho de ferro já foi inaugurado”, e continuei a expor-lhe em linhas gerais os principais objectivos do plano de desenvolvimento económico, cultural e de defesa do nosso país. Nesta ocasião apresentei-lhe também os nossos pedidos de ajuda à União Soviética.

Tal como anteriormente, o camarada Stáline acolheu

favoravelmente estes pedidos de ajuda e falou-nos abertamente:

“Camaradas, disse-nos, somos um grande país, mas vós sabeis que ainda não eliminámos todas as graves sequelas da guerra. Seja como for, ajudar-vos-emos hoje e no futuro, talvez não tanto como seria necessário mas na medida das nossas possibilidades. Sabemos bem que precisais de criar e desenvolver o sector da indústria socialista e estamos dispostos a satisfazer todos os pedidos que acabais de nos apresentar, bem como aqueles que dizem respeito à agricultura.”

Depois, sorrindo, acrescentou:

“E os albaneses, trabalham mesmo?”

Sabia porque é que ele me fazia aquela pergunta. Era baseada na informação mal intencionada do marechal arménio Mikoyan que, num encontro que eu tivera com ele, não só usara uma linguagem completamente diferente da de Stáline, como empregara inclusivamente palavras ásperas nas suas observações acerca da realização dos planos, insinuando que o nosso povo não trabalhava, etc. Pretendia assim fazer diminuir o ritmo e o volume das ajudas soviéticas. Mikoyan manteve sempre esta posição para connosco. Mas Stáline sempre nos concedeu todo o auxílio que lhe pedimos.

“Também vos enviaremos, prosseguiu, os quadros que nos pediram e eles não pouparão esforços para vos ajudar, mas é evidente que não ficarão sempre na Albânia. Por isso, camaradas, deveis formar os vossos próprios quadros e especialistas, que possam substituir os nossos. Esta é uma questão importante. Por mais numerosos que sejam os quadros estrangeiros enviados ao vosso país, não deixa de ser indispensável que tenhais os vossos próprios quadros. Também acho, camaradas, aconselhou, que deveis criar a vossa Universidade, que será um grande centro de formação de futuros quadros.

— Já criámos os primeiros Institutos, respondi ao camarada Stáline, e eles funcionam convenientemente, mas demos apenas os primeiros passos. Faltam-nos, não só

a experiência e os livros, mas também os quadros necessários para fundar a Universidade.

— O importante é começar, retorquiu Stáline; depois, pouco a pouco, tudo se irá aperfeiçoando. Pela nossa parte ajudar-vos-emos com literatura especializada e especialistas para que possais aumentar o número dos vossos estabelecimentos de ensino superior, que servirão de alicerces à vossa futura Universidade.

“Os especialistas soviéticos, continuou o camarada Stáline, serão pagos pelo vosso Governo do mesmo modo que os especialistas albaneses. Não lhes devem dar quaisquer privilégios face aos vossos especialistas.

— Os especialistas soviéticos vêm de um país longínquo para a nossa terra, respondi, e não os podemos tratar como os nossos.”

O camarada Stáline interrompeu-me logo:

“Não, não, disse, tanto faz que venham do Azerbaijão como de qualquer outra região da União Soviética; temos as nossas regras no que diz respeito ao pagamento dos especialistas que enviamos em ajuda dos povos irmãos. Como revolucionários internacionalistas eles têm o dever de trabalhar com todo o empenho, tanto para a Albânia como para a União Soviética. O Governo soviético encarregar-se-á de pagar os suplementos necessários aos seus salários.”

Agradei ao camarada Stáline e levantei depois o problema das necessidades que tínhamos de equipas para estudos geológicos, hidroeléctricos, para a construção de linhas férreas, assim como uma série de outros problemas relacionados com o desenvolvimento a longo prazo da nossa indústria. Respondendo afirmativamente a todas as questões expostas, perguntou-me entre outras coisas: “Têm muitos rios de grande caudal para construir centrais hidroeléctricas? Há na Albânia muitas reservas de carvão?”

Respondi a estas perguntas e depois perguntei-lhe se podíamos enviar à União Soviética um certo número de quadros para se especializarem em determinados sectores onde as nossas necessidades são particularmente urgentes.

“Se não for possível, acrescentei, podiam enviar-nos então alguns especialistas soviéticos para instruírem os nossos quadros.”

Disse-me então o camarada Stáline:

“Nesta matéria é preferível sermos nós a enviar instrutores para a Albânia, porque se forem os vossos a vir para a União Soviética será necessário um período maior para a sua formação pois terão de aprender russo, etc.”

O camarada Stáline recomendou-nos que contactássemos o ministério dos Negócios Estrangeiros da União Soviética para tratar deste assunto e depois acrescentou:

“Do nosso lado é o camarada Vychinski que está encarregue de dirigir todas as negociações sobre esta matéria pelo que é a ele que deveis endereçar os vossos pedidos.”

Expliquei ao camarada Stáline que em traços gerais eram aquelas as questões que queria discutir com ele acerca da situação interna na Albânia e manifestei o desejo de lhe expor sucintamente as posições políticas da Albânia sobre a situação internacional. Olhou para o relógio e perguntou-me:

“Vinte minutos chegarão?”

— Possivelmente um pouco mais, camarada Stáline, se não fizer diferença”, respondi.

Depois de ter invocado a situação tensa das nossas relações com a Jugoslávia, a actividade hostil dos traidores jugoslavos, os bandos criminosos por eles organizados e a sua infiltração em território albanês para levarem a cabo acções de subversão e sabotagem contra o nosso país, falei acerca da política de terror selvático seguida pela clique de Tito em relação aos albaneses de Kosova, da Macedónia e do Montenegro.

“Há muitos albaneses na Jugoslávia?” — perguntou-me ele. Que religião praticam?

— Há mais de um milhão, respondi (face a este número Vychinski manifestou a sua surpresa; aparentemente ignorava que houvesse tantos albaneses na Jugoslávia) e acrescentei: “E quase todos são muçulmanos.”

— Como se explica que não tenham sido assimilados

pelos eslavos e quais as relações dos albaneses que vivem na Jugoslávia com os da Albânia? — perguntou Stáline.

— Os albaneses residentes na Jugoslávia, respondi, sempre se distinguiram pelo seu ardente patriotismo e pelos fortes laços que os ligam à pátria e aos compatriotas. Sempre se opuseram tenazmente aos esforços febris, expansionistas e integracionistas, dos reaccionários grã-sérvios e grã-eslavos, preservando fanaticamente em todos os aspectos a sua identidade de albaneses.

“Actualmente a clique de Tito aplica em Kosova e nas regiões do Montenegro e da Macedónia habitadas por albaneses a mesma linha e métodos que aplicaram outrora os seus antecessores, o rei Alexandre e outros. Kosova constitui um ponto muito fraco para a clique de Tito e é por isso que ela aí tem espalhado o terror, pratica a deportação em massa, os trabalhos forçados, as prisões, a incorporação compulsiva no exército e as expropriações massivas. A população albanesa residente na Jugoslávia titista tem sido particularmente atingida, porque os actuais dirigentes jugoslavos conhecem bem as suas qualidades patrióticas e revolucionárias e sabem que, para esta população, o problema nacional sempre tem sido uma ferida aberta que exige tratamento. Além disso, Kosova e as outras regiões da Jugoslávia habitadas por albaneses foram transformadas pelos titistas em importantes locais de concentração de traidores albaneses, bandidos e espiões que, treinados pelos membros da UDB, se preparam para levar a cabo no nosso país acções de terror, de subversão e sabotagem e mesmo ataques armados. A clique de Belgrado reactivou redes de antigos agentes sérvios, ingleses e americanos, além de italianos e alemães, para mobilizar a reacção albanesa de Kosova e com ela organizar destacamentos para penetrarem no nosso território e criarem problemas, de conluio com os outros bandidos albaneses.”

Em seguida falei resumidamente ao camarada Stáline da luta do povo grego contra os monarca-fascistas e os anglo-americanos, do apoio político que dávamos a essa justa luta, assinalando, entre outras coisas, que o Exército Democrático Grego se mantinha afastado do povo.

“O quê? Como disse? — interrompeu Stáline espantado com o que acabara de ouvir.”

Completei as minhas explicações sobre esta questão e sobre as posições erradas de Niko Zahariadhis e seus adeptos a propósito do papel do partido e dos comissários políticos no exército, no governo, etc.

“Pensamos, prossegui, que a direcção do Partido Comunista da Grécia tem cometido, desde a época da luta contra os nazis, graves erros no que diz respeito ao reforço do partido e da sua implantação nos campos e nas cidades, erros esses que se voltaram a manifestar na luta contra a reacção interna e a intervenção anglo-americana.

“Julgando erradamente que as cidades deveriam desempenhar o papel decisivo na vitória sobre os nazis e a reacção interna, a direcção de Siantos (1) tinha dado directivas para que o proletariado grego se mantivesse nas cidades durante a luta antifascista. Em consequência, a camada mais revolucionária do povo grego ficou exposta aos golpes ferozes dos nazis locais enquanto o exército guerrilheiro grego de libertação nacional se via privado do proletariado, que deveria ser a força motriz e dirigente da revolução popular grega.” Sublinhei então que, mau grado o terror bestial que os nazis e a reacção interna lançavam nas cidades contra o proletariado e os revolucionários e mau grado os rudes golpes que lhes desferiam, esses elementos, em vez de se juntarem à guerrilha, se tinham mantido, regra geral, nas cidades, onde foram assassinados, torturados, presos e deportados, pois era essa a directiva do Partido Comunista da Grécia. É certo que as cidades também foram palco de importantes acções armadas, sabotagens e atentados mas estas acções tiveram apenas um papel secundário no quadro da luta do povo grego.

“Estas fraquezas, indiquei, verificaram-se igualmente nos campos, onde o partido não alargara a sua acção, onde era fraca e frouxa a organização das células e dos outros

(1) Antigo secretário-geral do Partido Comunista da Grécia, oportunista e capitulacionista face à reacção anglo-americana.

organismos partidários, onde as organizações do partido se confundiam com as do EAM em que o oportunismo reinava, tanto na organização como na linha política dos conselhos de libertação nacional dos campos, em que existia uma dualidade de poder e uma coexistência com as organizações reaccionárias e zervistas, etc., tanto nas regiões libertadas como nas outras. Fizemos sentir aos camaradas gregos que o facto de porem o comando do seu exército de libertação nacional sob as ordens do comando das forças aliados do Mediterrâneo, os contactos e acordos oportunistas e capitulacionistas com Zervas e o governo reaccionário grego no exílio, o facto de dominarem na direcção do exército grego de libertação nacional elementos camponeses e oficiais de carreira, eram outros tantos erros que levariam à derrota a luta heróica do povo grego. Os acordos de Varkize foram a conclusão lógica de todas estas acções e análises erradas e conduziram à capitulação frente à reacção inglesa e interna.

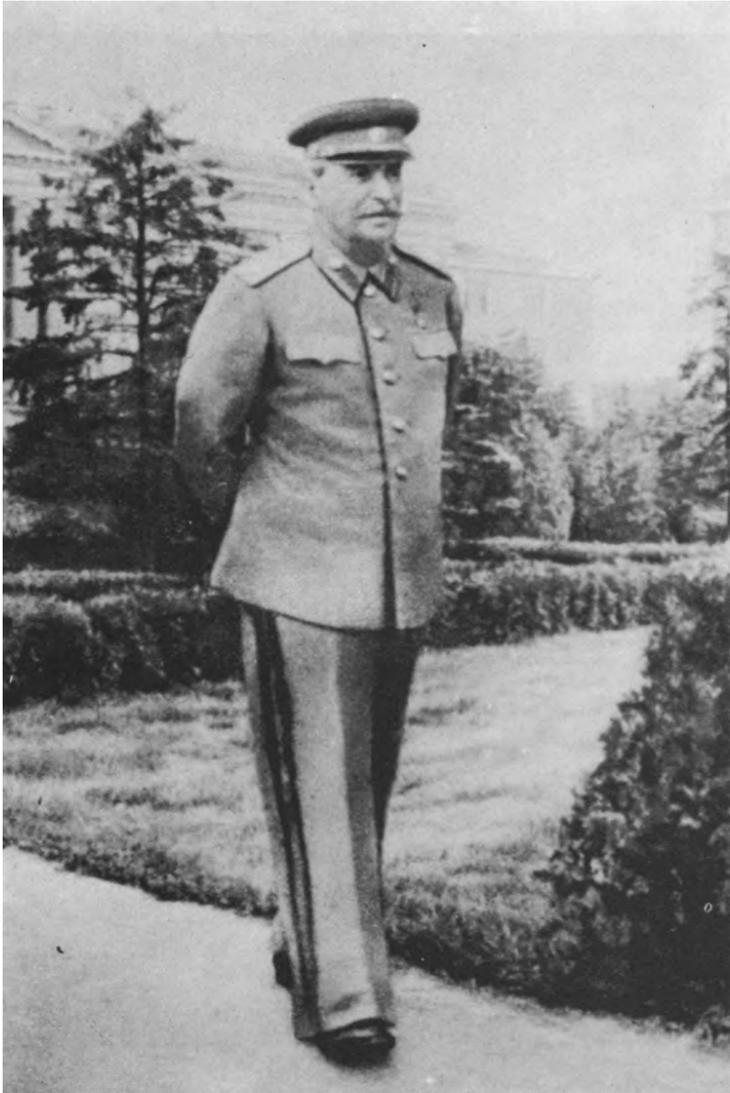
“Mas mesmo depois dos acordos capitulacionistas de Varkize e do período de ‘legalidade’ do Partido Comunista da Grécia, a direcção deste não analisou, quanto a nós, a sua actividade de molde a corrigir por inteiro os erros anteriores. O reforço do partido nas cidades e nos campos, a criação de laços sólidos com as massas deveriam ter constituído a preocupação fundamental da direcção do Partido Comunista da Grécia, pois era nisto que tinham consistido os seus erros mais graves. Mas o partido não seguiu este caminho porque não fez uma apreciação correcta da nova situação criada com a derrota do fascismo, subestimou o inimigo interno e a reacção anglo-americana, não soube prever como devia o grande perigo que provinha destas forças reaccionárias. Depositou muitas esperanças na acção ‘legal’ e no parlamentarismo. Assim, o partido encontrou-se desarmado face ao inimigo e perdeu os laços sólidos com o povo; a revolução popular grega atravessou uma grave crise; alimentou-se no povo a ilusão de que a revolução ia triunfar pela via parlamentar e eleitoral e assim este viu-se desorientado, apanhado de surpresa e desamparado perante os golpes da reacção. O povo grego

bateu-se heroicamente para conquistar a sua liberdade mas esta fugiu-lhe devido aos erros da direcção do Partido Comunista da Grécia. Todos estes erros tiveram graves consequências no desenrolar dos acontecimentos, quando se desvaneceram todas as ilusões numa vitória por via legal e quando o partido passou à clandestinidade decidindo retomar a luta.

“É verdade, referi ao camarada Stáline, que antes de passar à clandestinidade o partido conseguiu reagrupar parte das forças combatentes, fazê-las voltar à guerrilha e retomar o combate. Foi correcto. Porém, somos de opinião que é precisamente aqui que recomeçam os erros dos camaradas gregos quanto à estratégia e à tática a seguir, à organização do partido nas cidades e nos campos, à sua organização no exército e sobretudo no que toca aos seus laços com as massas e ao papel dirigente do partido.

“Os camaradas da direcção do Partido Comunista da Grécia subestimaram as forças do inimigo e imaginaram que poderiam apoderar-se facilmente do poder e que facilmente poderiam libertar a Grécia dos anglo-americanos e dos monarco-fascistas. Imbuídos desta concepção errada não se prepararam para uma luta longa e difícil, subestimaram a guerra de guerrilha e baptizaram de ‘exército regular’ o reagrupamento de forças guerrilheiras que tinham conseguido efectuar. Foi neste ‘exército regular’ que puseram todas as esperanças de vitória, negligenciando assim o povo como factor principal e o princípio marxista-leninista segundo o qual ‘o exército e o povo formam um todo’. Os camaradas dirigentes gregos não fizeram uma apreciação correcta da situação da Grécia nessa época. Em consequência da derrota tinha enfraquecido o ímpeto revolucionário das massas; assim, era preciso reanimar esse ímpeto reorganizando poderosamente o partido nos campos e nas cidades, corrigindo radicalmente os antigos erros e estendendo a guerra de guerrilha a todo o país.

“O monarco-fascismo, observei, continuando a minha exposição, temia duas coisas: o povo, seu grande inimigo, e a guerra de guerrilhas. Estes dois factores foram negligenciados pela direcção do Partido Comunista da



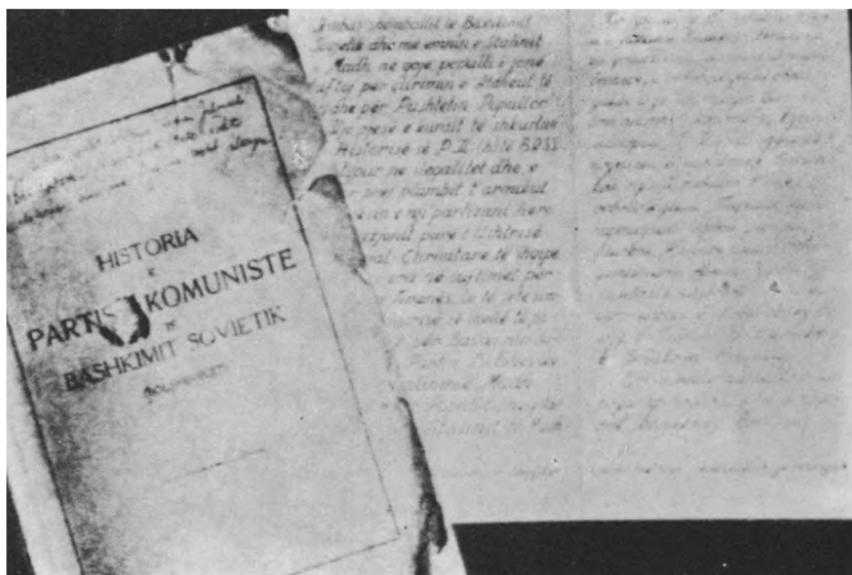
**J. V. Stáline (1879-1953).**





**J. V. Stáline e o camarada Enver Hoxha no Estádio central de Moscovo. Julho de 1947.**





Este livro, trespassado por uma bala dos fascistas sobre o peito dum guerrilheiro do nosso exército de libertação nacional, foi oferecido a J. V. Stáline em 1947.





Frente ao Mausoléu do imortal Lénine. Março de 1949.





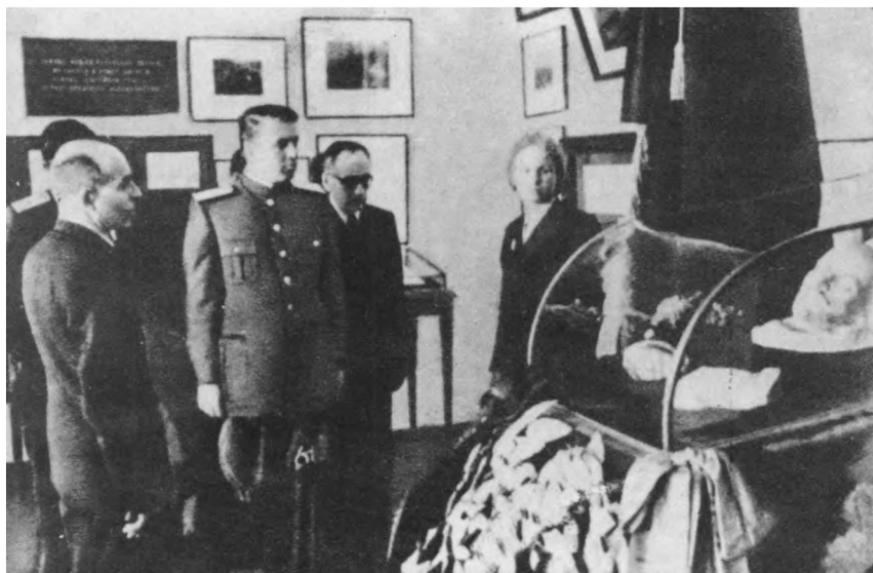
**O camarada Enver Hoxha falando ao povo da capital no regresso da delegação da RPA da sua visita a Moscovo. Abril de 1949.**





No Estádio central de Moscovo. Julho de 1947.





No Museu central de V. I. Lénine. Moscovo, Março de 1949.









**Os camaradas Enver Hoxha e Hysni Kapo depositando, em nome do CC do PTA, uma coroa de flores no monumento a José Stáline em Tirana. 6 de Março de 1953.**





O monumento a José Stáline na praça situada em frente ao complexo têxtil “Stáline” em Tirana (obra do escultor O. Paskali).



Grécia e o inimigo conseguiu aproveitar-se deste erro. O inimigo receava uma guerra de guerrilhas, que teria aumentado de dia para dia agregando pouco a pouco as massas populares das cidades e dos campos e que, ganhando amplitude, desembocaria na insurreição geral armada e na tomada do poder. Se o inimigo escapou a isto, tal deveu-se à tática errada da direcção grega que pensava, e ainda hoje pensa, opor ao inimigo o grosso das suas forças numa guerra frontal e numa retaguarda passiva. Era isto precisamente que o inimigo desejava: encurrular em certos pontos as principais forças do exército democrático grego, dispersá-las e aniquilá-las com a sua superioridade em homens e armamento.

“Aproveitando-se deste grave erro da direcção do Partido Comunista da Grécia, os monarco-fascistas afastaram o povo do exército democrático grego e arrancaram ao partido a sua base fundamental. Usando o terror e os assassinatos, expulsaram a população de todas as zonas onde as forças mais numerosas e activas do exército democrático grego tinham estabelecido as suas bases, não com o objectivo de atacarem, mas para se defenderem. Consideramos esta tática um erro fatal. Também entre nós durante a luta de libertação nacional, disse eu ao camarada Stáline, o fascismo assassinou, massacrou a população e incendiou regiões inteiras, mas o nosso povo não se deixou encerrar em campos de concentração; juntou-se à guerrilha, combateu e depois voltou a casa e aí resistiu encarnadamente, porque o Partido lhe ensinara a combater e resistir. O nosso exército de libertação nacional nunca se separou do povo pois era no povo que o próprio Partido tinha as suas bases poderosas. Pensamos que o inimigo conseguiu isolar os guerrilheiros gregos em montanhas desertas porque o Partido Comunista da Grécia não tinha bases sólidas no povo. Eis a razão por que eu disse que a direcção do Partido Comunista da Grécia se tinha privado a ela própria e ao exército democrático da sua base fundamental que é o povo.”

A terminar referi ao camarada Stáline as ameaças de

que a Albânia era alvo por parte dos seus inimigos externos.

Ele escutara-me atentamente e exprimiu então a sua opinião sobre as questões que eu tinha levantado.

“Quanto à luta do povo grego, disse entre outras coisas, sempre a considerámos uma luta justa e apoiámo-la de todo o coração. Qualquer guerra popular não é levada a cabo apenas pelos comunistas mas também pelo povo e o importante é que os comunistas a dirijam. Tsaldaris está em maus lençóis e procura salvar o regime com a ajuda dos anglo-americanos.

“Quanto aos gritos dos inimigos externos pela partilha da Albânia, são lançados com a única intenção de vos intimidar; penso que nada tendes a temer actualmente neste campo, não por causa da ‘benevolência’ dos inimigos, mas por uma série de razões. Primeiro, a Albânia é um país livre e independente, onde o povo se apoderou do poder e saberá defender a sua independência tal como a soube conquistar. Em segundo lugar, os próprios inimigos externos têm divergências no que toca à Albânia. Nenhum aceita ver a Albânia pertencer apenas a este ou àquele. Se a Grécia deseja a Albânia só para si, tal não convém à Itália e à Jugoslávia, que se oporão, e vice-versa. Por outro lado, indicou o camarada Stáline, a independência da Albânia foi reconhecida e confirmada pela declaração dos três grandes: a União Soviética, a Inglaterra e os Estados Unidos. Não quer isto dizer que essa declaração não possa ser violada, mas não é fácil. Portanto, de qualquer maneira, a independência da Albânia está assegurada.”

O camarada Stáline repetiu várias vezes que se o Governo albanês soubesse seguir uma política ponderada, inteligente e clarividente, os seus assuntos correriam bem.

Depois aconselhou:

“Deveis encarar também um eventual estabelecimento de relações diplomáticas com a Itália, país vizinho do vosso, mas deveis, antes de tudo, tomar medidas para vos defenderdes das investidas dos fascistas italianos.”

Lembrando a importância do reconhecimento do nosso país na arena internacional, perguntou:

“Há mais Estados a bater à vossa porta para estabelecer convosco relações diplomáticas? Quais as vossas relações com os franceses?”

— Já temos relações com a França, expliquei. Eles têm a sua embaixada em Tirana e nós a nossa em Paris.

— E com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha?

— Não temos. Desde 1945 que os Estados Unidos nos põem como condição para o estabelecimento de relações que reconheçamos todos os seus antigos acordos com o governo antipopular de Zogu. Nós não podemos considerar legítimos esses acordos porque têm um carácter escravizante e o Congresso de Permet interditou expressamente acordos desse tipo. Por seu turno os ingleses querem que os deixemos estabelecer bases militares nos nossos portos como condição para nos reconhecerem. Há muito tempo que se esforçam por conseguir tais intentos.

“Numa altura em que já tínhamos aniquilado as forças nazis e libertado quase todo o país, os ingleses, por intermédio das suas missões militares no nosso país e sob a máscara de aliados da guerra antifascista, insistiram para que destruíssemos juntos, enquanto ‘aliados’, com um dos seus grupos especiais, uma guarnição alemã que se entrincheirara em Saranda, o nosso porto do sul. Aceitámos na condição de que, uma vez terminada a operação, partissem por onde tinham vindo, isto é, pelo mar. Levada a cabo com sucesso a operação, os ingleses quiseram não só ficar como inclusivamente penetrar profundamente no interior do país.

“O Estado-Maior General do nosso exército de libertação nacional intimou-os a partir imediatamente, caso contrário deitá-los-íamos ao mar à força. Portanto, os ingleses embarcaram e foram para a Grécia, mas não renunciaram aos seus intentos.”

— Agi de acordo com os interesses do vosso país, disse Stáline, e prosseguiu:

— Não permitais por preço nenhum que os ingleses estabeleçam essas bases nos vossos portos. Guardai-os bem.

— Nós nunca os entregaremos, a ninguém! —

declarei. — Estamos prontos a morrer caso isso aconteça, mas nunca os entregaremos.

— Defendei-os mas tratai de não morrer, disse o camarada Stáline sorrindo. Também é preciso diplomacia.”

Em seguida levantou-se, cumprimentou-nos um a um e saiu.

Voltámos a encontrar-nos dois dias depois, num jantar oferecido no Kremlin em honra da nossa delegação. Sentámo-nos à mesa em volta do camarada Stáline. Neste jantar, como em todos os outros encontros que com ele tivemos, ficámos impressionados e comovidos com o grande amor que Stáline testemunhava ao nosso país e ao nosso povo, com o seu desejo de aprender sempre mais sobre a história, a cultura, a língua e os costumes do nosso povo.

Stáline entabulou conversa interrogando-me sobre algumas palavras albanesas:

“Quero ouvir, disse-me ele, como soam em albanês as palavras: ‘povo’, ‘homem’, ‘pão’, ‘presente’, ‘mulher’, ‘marido’, ‘terra’”!

Pus-me a pronunciar estas palavras em albanês; escutava-me atentamente. Lembro-me que gracejou ao ouvir uma dessas palavras. Tinha-me perguntado como se dizia em albanês a palavra russa “dar”\*.

“Peshqesh”! — respondi logo.

— Ah não! disse ele. ‘Peshqesh’ não é uma palavra albanesa, é turca”, e pôs-se a rir. Tinha um riso franco, sincero, um riso que vinha do coração.

Ouviu-me pronunciar aquelas palavras albanesas e depois disse-me:

“A vossa língua é muito antiga, foi transmitida de geração em geração pela tradição oral. É mais um facto a testemunhar a resistência do vosso povo, a força extraordinária que lhe permitiu não se deixar assimilar, mau grado os tormentos que teve de enfrentar.”

\* Em russo: presente.

E a esse propósito perguntou-me:

“Qual é a composição nacional do povo albanês? Existem minorias sérvias ou croatas?”

— O nosso povo, respondi, compõe-se na sua esmagadora maioria por albaneses; há ainda uma minoria de nacionalidade grega (cerca de 28.000 pessoas) e um pequeno número de macedónios (no total cinco aldeias), mas não há sérvios nem croatas.

— Quantas religiões há e que língua se fala? — perguntou então o camarada Stáline.

— Há entre nós três religiões, muçulmana, ortodoxa e católica. A população que professa essas três crenças pertence à mesma nação, a albanesa, e por isso a língua é apenas o albanês, excepção feita à minoria nacional grega que fala a sua língua materna.”

Enquanto eu falava, Stáline de tempos a tempos puxava do cachimbo e enchia-o. Reparei que não usava nenhum tabaco especial: desenrolava cigarros “Kazbek” e enchia o cachimbo com esse tabaco. Ouviu a minha resposta e depois disse:

“Sois um povo peculiar, como os persas e os árabes, que têm a mesma religião que os turcos. Os vossos antepassados já existiam antes dos romanos e dos turcos. A religião nada tem a ver com a nação e a nacionalidade.”

A meio da conversa, perguntou-me:

“E o camarada Enver, come carne de porco?”

— Claro! respondi.

— O Islão proíbe-a aos seus fiéis. É um velho costume que já teve o seu tempo. Seja como for o problema religioso deve ser encarado com muita atenção, é preciso actuar com cuidado neste campo porque não podemos ignorar os sentimentos religiosos do povo. Há séculos que os homens cultivam esses sentimentos e por isso é preciso proceder com muita ponderação, pois a atitude adoptada em relação a este problema influirá na coesão e unidade do povo.”

O jantar desenrolou-se num ambiente extremamente cordial e amigável. Depois de ter brindado aos exércitos albanês e soviético, o camarada Stáline voltou à questão da luta do povo grego. Falava com imensa simpatia desse

povo corajoso e amante da liberdade, dos seus feitos heróicos, dos sacrifícios e do sangue que vertia na sua justa luta.

“Tal como vós, os revolucionários e os povos, também nós apoiamos, disse o camarada Stáline entre outras coisas, a justa luta do povo grego e as suas reivindicações de liberdade e democracia. A nossa ajuda e o nosso apoio ideológicos e políticos nunca lhe faltarão. Vós, que tendes fronteiras com a Grécia, deveis mostrar-vos particularmente prudentes e vigilantes para enfrentar qualquer provocação dos monarco-fascistas contra o vosso país.”

Durante o jantar fizeram-se saúdes a todos os camaradas. Brindámos também à saúde de Omer Nishani (1).

Molotov, que fazia uma saúde de vez em quando, incitava-me a beber e, ao ver-me reticente, perguntou:

“Porque bebe tão pouco? Ontem bebeu mais!

— Ah! Mas ontem era diferente” — respondi sorrindo.

Nessa altura Molotov voltou-se para o camarada Stáline:

“Ontem à noite, disse, jantámos com o camarada Enver em casa de Vychinski. Enver Hoxha tinha acabado de saber que era pai dum rapaz. Para festejar, bebemos um pouco mais.

— Os meus parabéns! — disse-me Stáline, e ergueu o copo na minha direcção. Bebemos então à saúde do seu filho e da sua esposa!”

Agradei ao camarada Stáline desejando-lhe longa vida e muita saúde para bem do Partido bolchevique e do Estado soviético, para bem da revolução e do marxismo-leninismo.

Passámos algumas horas nesta atmosfera tão calorosa, cordial e familiar. Guardaremos para sempre na memória, os meus camaradas e eu, a afabilidade e a figura

(1) Na época presidente do Presidium da Assembleia Popular da RPA.

do grande Stáline, deste homem cujo nome e obra faziam tremer os inimigos, os imperialistas, fascistas, trotskistas e reaccionários de toda a espécie, mas que entusiasmavam os comunistas, os proletários e os povos, galvanizavam as suas forças e a sua confiança no futuro.

Todo o jantar ele esteve de bom humor, alegre, sorridente, muito atento à nossa conversa, esforçando-se por pôr à vontade todos os convidados. Por volta das 23 horas Stáline propôs:

“Vamos tomar um café?”

Levantámo-nos todos e passámos a uma sala ao lado. Enquanto nos serviam o café, dois camaradas soviéticos, numa mesa próxima da nossa, incitavam alegremente Xhafer Spahiu a beber. Xhafer recusava, desculpando-se de todas as maneiras. Stáline, sempre atento, tinha reparado e virou-se para os camaradas soviéticos gracejando:

“Ah, não! Não é justo! Estais a bater-vos com armas desiguais. Sois dois contra um.”

Largámos todos a rir e continuámos a conversar e a gracejar como se estivéssemos em família. Pouco depois Stáline levantou-se e disse-nos:

“Camaradas, convido-vos a ir ao cinema.”

Conduziu-nos então ao cinema do Kremlin onde ele próprio escolheu os filmes em nossa intenção. Eram alguns documentários a cores com paisagens de diversas regiões da União Soviética e o filme “A jovem noiva que veio de longe”.

E assim terminou a nossa segunda visita a Stáline.



## TERCEIRO ENCONTRO

---

Novembro 1949

Entrevista de cinco horas em Soukhomi. Conversa a sós com o camarada Stáline. Ainda acerca da questão grega. Sobre a situação na Jugoslávia depois da traição de Tito. O problema de Kosova e das outras regiões da Jugoslávia habitadas por albaneses. “Atacar a Albânia não é coisa fácil”. “Se a Albânia for forte internamente nada terá que temer do exterior”. Um serão inesquecível. Ainda acerca do desenvolvimento económico e cultural da Albânia. A atitude face à religião e ao clero. “O Vaticano é um centro da reacção, um instrumento ao serviço do capital e da reacção mundial.”

Em Novembro de 1949 fui a Moscovo pela terceira vez. A caminho fiz uma pequena paragem em Bucareste, onde me encontrei com Rakosi, que me recebeu cordialmente e me pediu informações sobre a situação económica da Albânia, sobre as intrigas hostis dos titistas e sobre a luta das forças democráticas gregas. Conversámos amiga-

velmente, trocámos opiniões e ele, se bem me lembro, pôs-me a par da situação na Hungria.

Antes de chegar a Moscovo parei ainda em Kiev, onde me acolheram dum modo extremamente caloroso.

Em Moscovo esperavam-me Lavrentiev, o marechal Sokolovski, Orlov e outras personalidades militares e civis. Depois encontrei-me com Malenkov com quem tive uma primeira e rápida entrevista.

Malenkov pediu-me que lhe desse, caso o desejasse, uma lista dos assuntos que pensava tratar nos encontros para lhe facilitar a tarefa de os transmitir ao camarada Stáline.

“Depois camarada Enver, disse-me, esperaremos a resposta do camarada Stáline para saber se ireis encontrar-vos pessoalmente com ele em Soukhomi, onde se encontra a descansar alguns dias, ou se vos encontrareis com outro camarada da direcção soviética designado por José Vissarionovitch.”

À noite elaborei a lista das questões que pensava discutir e entreguei-a a Malenkov.

Posto ao corrente, Stáline informou que me esperava para uma entrevista em Soukhomi. E assim fizemos.

Encontrei o camarada Stáline no jardim da casa onde descansava: um jardim magnífico, cheio de árvores e canteiros de flores a ladear os passeios e caminhos. Ao longe, vi que caminhava lentamente, como era seu hábito, ligeiramente curvado e com as mãos cruzadas atrás das costas.

Como sempre acolheu-me cordialmente e mostrou-se muito afável. Parecia de óptima saúde.

“Passo todo o dia ao ar livre, só entro para comer.”

Feliz por vê-lo e encontrá-lo de tão boa saúde desejei-lhe:

“Que viva ainda cem anos, camarada Stáline!

— Cem? comentou Stáline, sorrindo e piscando levemente os olhos. É pouco. Na Geórgia temos velhos de 145 anos que estão aí para o que der e vier.

— Eu disse ‘ainda cem anos’, camarada Stáline. É um voto do nosso povo que viva mais cem anos!

— ‘Tak harasho!’\* disse a brincar. Assim estamos de acordo”. Rimo-nos.

O encontro, em que participámos apenas Stáline e eu (além do nosso intérprete Sterio Gjokoreci), teve lugar ao ar livre, na varanda. Eram nove horas da noite, hora de Moscovo. Stáline trazia boné e vestia um fato de lã castanho e um lenço da mesma cor.

Antes de me sentar, tirei o chapéu, por uma questão de respeito, e pendurei-o num cabide, mas ele disse-me:

“Não o tire, deixe lá estar o chapéu.”

Protestei, mas ele insistiu para eu não apanhar frio, pois estava húmido, e pediu ao impedido que mo trouxesse.

No decurso deste encontro inesquecível, discuti com o camarada Stáline uma série de problemas.

Expus-lhe entre outras coisas, os nossos pontos de vista relativamente às atitudes erradas e às acusações injustas levantadas contra nós pelos dirigentes do Partido Comunista da Grécia. Disse-lhe ainda que o Comité Central do nosso Partido sempre tinha mantido estreitas relações com o Comité Central do Partido Comunista da Grécia, que o nosso Partido e o nosso povo sempre apoiaram abertamente a justa e heróica luta do povo grego pela liberdade e pela democracia, contra a intervenção estrangeira anglo-americana. Em virtude das estreitas relações que tínhamos com os camaradas gregos pudemos constatar, nomeadamente em 1949, diversos erros e lacunas cometidos pela direcção do Partido Comunista da Grécia; sem subterfúgios, com amizade e dentro dum espírito são, internacionalista, demos-lhes a conhecer a nossa posição acerca desses erros e tornámos a fazê-lo mais tarde, depois dos golpes sofridos pelas forças democráticas gregas em Vitsi e Gramoz. Mais uma vez, os camaradas dirigentes do Partido Comunista da Grécia não reconheceram o fundamento das nossas observações amigáveis e, o que é mais

\* Em russo: Então está bem.

grave, considerando-se ofendidos, escreveram uma carta subscrita pelo seu Bureau Político ao nosso, onde chegam a classificar os nossos dirigentes de trotskistas e titistas pela opinião que expressámos relativamente ao rumo imprimido à luta pelos dirigentes gregos.

“O nosso Bureau Político, disse eu ao camarada Stáline, analisou a carta do Comité Central do Partido Comunista da Grécia, assinada por Niko Zahariadhis, e chegou à conclusão que o grupo de Zahariadhis, com as suas análises e tomadas de posição erradas, procura agora, não contente por ter atentado gravemente contra a nova linha adoptada pelo Partido Comunista da Grécia no fim da 11 Grande Guerra, lançar sobre outros a responsabilidade das suas derrotas e da sabotagem que ele próprio fez a essa linha.

“Quando é que conheceu Zahariadhis?” — perguntou-me Stáline.

Depois de lhe ter respondido, fez a seguinte observação:

“O camarada Zahariadhis nada disse aos nossos camaradas contra os albaneses; abriu então uma carta do Bureau Político do Partido Comunista da Grécia dirigida ao Bureau Político do PTA e lançou-lhe uma vista de olhos.” Depois, olhando para mim, acrescentou:

“Não vejo aqui as acusações a que vos referis, leio unicamente que eles vos acusam de os terem prejudicado em certas questões técnicas.

— De início, respondi, eles acusaram-nos oralmente, depois por escrito numa das suas últimas cartas. Nós enviámo-vos uma cópia dessa carta e outra da resposta que lhes demos, por intermédio do vosso embaixador Tchouvakine.”

Como não tinha lido essas cartas, Stáline perguntou quando tinham sido enviadas e deu ordem para as procurarem. Trouxeram-nas pouco depois. Leu-as e disse-me:

“Estava a descansar uns dias e por isso ainda não tinha visto estes documentos. Mas li todas as vossas outras cartas. Os gregos, acrescentou ele passado um instante, pediram para falar convosco e debater estas questões.

— No que respeita às observações e críticas que fizemos aos camaradas gregos, disse eu ao camarada Stáline, tivemos sempre intenções sinceras e amigáveis e consideramos um dever internacionalista fazer tais juízos, quer eles sejam ou não do agrado dos camaradas gregos. Temo-nos esforçado por solucionar esses problemas amigavelmente e dentro dum espírito comunista são, enquanto que eles, em vez de mostrarem igual compreensão, chegam ao ponto de nos acusarem, atribuindo a outros a responsabilidade dos seus erros. Tais pontos de vista e tomadas de posição são inaceitáveis para nós e, quando se trata de assuntos do nosso Partido, do nosso povo e da nossa pátria, o camarada Zahariadhis deve lembrar-se que somos tão responsáveis perante o nosso Partido e o nosso povo, quanto ele o é perante os seus.”

Stáline escutava atentamente; perguntou então:

Ainda há na Albânia democratas gregos a quem tenham concedido asilo? Que pensam fazer com eles futuramente?”

Em resposta expus detalhadamente a nossa posição ao camarada Stáline. Entre outras coisas, disse-lhe que há muito que os imperialistas, os monarco-fascistas e a reacção nos acusam, caluniosamente e com objectivos bem determinados, de sermos “culpados do que aconteceu na Grécia”, ou seja, de termos intervindo nos assuntos internos da Grécia, fazendo-nos igualmente outras acusações do mesmo género. “Mas toda a gente sabe, disse eu, que não intervimos nem nunca interviremos nos assuntos internos da Grécia.

“Quanto ao apoio que temos dado à luta do povo grego, trata-se, não só de um direito legítimo, mas de um dever de todos os povos face à justa luta de um povo irmão. Ora, como somos vizinhos da Grécia, atravessaram a nossa fronteira e refugiaram-se entre nós muitos homens, mulheres e crianças gregas, inocentes, mutilados, aterrorizados e ferozmente perseguidos pelos monarco-fascistas. Adoptámos para com todos uma posição justa e solícita: demos-lhes ajuda e alojamento, juntámo-los em locais distantes da fronteira grega.”

No seguimento da minha exposição sobre este assunto, referi ao camarada Stáline que a vinda desses refugiados nos tinha criado muitas e prementes dificuldades e que, ao cumprirmos o nosso dever humanitário, tivéramos o cuidado de evitar que a presença de democratas gregos refugiados no nosso país contribuisse para atizar ainda mais a psicose anti-albanesa dos governantes gregos; essa, uma das razões principais que nos levou a acolher favoravelmente o pedido do camarada Zahariadhis e dos próprios refugiados no sentido de abandonarem a Albânia e procurarem refúgio noutros países. Actualmente, e no seguimento das injustas posições contra nós tomadas e das acusações que nos dirigem os camaradas dirigentes do Partido Comunista da Grécia, o nosso Bureau Político é de opinião que a partida do reduzido número de refugiados gregos que ainda permanecem no nosso país é algo que se impõe ainda com maior urgência.” Frisei que deviam deixar o nosso país não só os combatentes democratas como os dirigentes gregos que recentemente tinham encontrado asilo na Albânia.

Continuando a expor os nossos pontos de vista sobre o problema grego, falei ao camarada Stáline de alguns outros erros dos camaradas gregos, como sejam a subestimação da guerra de guerrilhas, guerra prolongada e alargada a todo o país, e o facto de se basearem apenas na “guerra frontal” com um “exército regular”; como seja terem suprimido o papel do comissário político nas unidades guerrilheiras, etc. “O papel dirigente dos comissários no exército democrático grego, expliquei ao camarada Stáline, foi apagado, deixado para segundo plano e até mesmo completamente eliminado sob a pressão dos comandantes militares de carreira, que não suportavam a presença de homens de confiança do partido. Estes erros e outros fazem-nos pensar que a confusão, o oportunismo e a falsa modéstia reinam na direcção do Partido Comunista da Grécia e que foi esquecido o papel dirigente do partido.”

Stáline ouvia-me muito atento e disse então, entre outras coisas:

“Também nós subscrevemos o pedido de Zahariadhis

sobre a partida da Albânia dos democratas gregos refugiados e estamos empenhados em que consigam chegar aos locais que escolheram. Fizemo-lo porque se tratava de uma atitude humanitária. Para nós próprios o auxílio a prestar a essa gente representava um peso, mas era preciso que fossem para qualquer lado pois não podiam ficar num país fronteiriço da Grécia.

“Parece-me justa a atitude que adoptaram face aos combatentes democratas que atravessaram a vossa fronteira, acrescentou o camarada Stáline. Quanto às armas que ficaram na Albânia, acho que mereceis guardá-las para vós.

“Os dirigentes do Partido Comunista da Grécia, prosseguiu Stáline, parecem não ter avaliado bem as situações, subestimaram as forças do inimigo ao crerem ter que se haver apenas com Tsaldaris e não com os ingleses e americanos. No que se refere à última retirada, há quem seja de opinião que não a deviam ter efectuado, mas, na minha opinião e dada a evolução dos acontecimentos, a retirada era a única alternativa ao extermínio.

“Quanto às outras questões, os camaradas gregos estão errados. Não podiam levar a cabo uma guerra frontal com um exército regular porque não dispunham, nem de um exército apto, nem de um território suficientemente vasto para tal efeito. Sobrestimaram as suas forças e possibilidades e agiram sempre às claras, o que permitiu ao inimigo descobrir todas as suas posições e arsenais.

“Seja como for, penso que deveis entender-vos com os camaradas gregos. É a minha opinião. As acusações que vos fazem, de que teríeis adoptado atitudes ‘trotskistas’ e ‘titistas’ para com eles, não têm fundamento.”

Mais tarde, Stáline perguntou-me onde e quando pensávamos reunir com os camaradas gregos para esclarecer as divergências de princípio que entre nós tinham surgido.

“Estamos dispostos a reunir quando o julgar oportuno, respondi, talvez mesmo em Janeiro próximo, em Moscovo.”

Nesta entrevista com o camarada Stáline falámos

ainda da grave situação existente no Partido Comunista da Jugoslávia após a traição de Tito, da política antimarxista, nacionalista e chauvinista que a clique titista seguia em relação à Albânia e aos outros países de democracia popular. Referi em particular a situação da população albanesa em Kosova e nas outras regiões da Jugoslávia.

“Desde o início da luta antifascista até à libertação e principalmente a partir daí, disse eu ao camarada Stáline, a linha do Partido Comunista da Jugoslávia relativamente a Kosova e às outras regiões da Jugoslávia habitadas por albaneses tem sido baseada em posições chauvinistas e nacionalistas. Se o Partido Comunista da Jugoslávia se tivesse mantido em posições marxistas-leninistas firmes, teria dado particular importância, mesmo durante a luta antifascista de libertação nacional, ao problema da população albanesa da Jugoslávia porque esta é uma minoria numerosa que vive junto à fronteira com a Albânia. Nos primeiros anos da luta, a nossa posição era que a questão do futuro de Kosova e das outras regiões albanesas da Jugoslávia não devia ser levantada durante a guerra, mas que os albaneses de Kosova e das outras regiões albanesas deviam lutar contra o fascismo no quadro da Jugoslávia, devendo este problema ser resolvido pelos dois partidos irmãos, pelos regimes democrático-populares instaurados nos dois países e pela própria população albanesa da região.

“O fundamental era que os albaneses de Kosova e das outras regiões da Jugoslávia estivessem seguros e certos de que, ao combaterem o fascismo lado a lado com os povos da Jugoslávia, seriam livres depois da vitória e que lhes seriam dadas todas as possibilidades de decidirem eles próprios do seu futuro, se se reuniram à Albânia ou se ficariam na Jugoslávia como entidade gozando de um estatuto particular.

“Uma política justa e de acordo com os princípios neste campo teria levado a população albanesa de Kosova e das outras regiões a mobilizar todas as suas forças para a grande luta antifascista, mau grado a reacção feroz e a propaganda demagógica dos fascistas. Logo no início da

guerra, expressámos aos dirigentes jugoslavos a opinião de que deviam mobilizar a população albanesa num espírito patriota, permitir-lhe que conservasse a bandeira albanesa junto da bandeira jugoslava, encarar uma maior participação de albaneses no novo poder a criar no decorrer da luta, apoiar e desenvolver simultaneamente no seio dos albaneses o sentimento de amor profundo pela sua pátria, a Albânia, e o sentimento de solidariedade com a justa luta dos povos da Jugoslávia, criar e reforçar uma estreita colaboração dos destacamentos albaneses de Kosova com a luta de libertação nacional do nosso país, deixando todavia claro que esses destacamentos ficariam sob as ordens do Estado-Maior General do exército de libertação nacional da Jugoslávia, etc. Mas, acrescentei, a vida mostrou que estes pedidos, perfeitamente justificáveis e exigíveis, não eram do agrado da direcção jugoslava, que se mostrou pouco clara nas suas declarações de princípio, chegando Tito a acusar-nos, a nós e aos camaradas jugoslavos que achavam justos os nossos pedidos, de ‘desvio nacionalista’.

“A política chauvinista e nacionalista da direcção jugoslava em Kosova e nas regiões habitadas por albaneses intensificou-se ainda mais depois da guerra, a despeito da demagogia e de algumas panaceias, como a abertura de algumas escolas albanesas, a princípio utilizadas pela di-que de Tito-Rankovic.

“Mesmo assim, nos primeiros anos que se seguiram à guerra, considerávamos ainda o Partido Comunista da Jugoslávia como um partido irmão e tínhamos esperança de que a questão de Kosova e das outras regiões albanesas encontrasse oportunamente uma justa solução.

“Pensámos que chegara esse momento quando da assinatura do tratado (1) com a Jugoslávia e pus o problema a Tito. Ele quis saber a minha opinião sobre a questão de Kosova e eu respondi-lhe: ‘Kosova e as outras regiões albanesas na Jugoslávia são território albanês que as grandes

(1) Trata-se do Tratado de Amizade, Cooperação e Assistência Mútua entre a República Popular da Albânia e a República Federativa Popular da Jugoslávia, assinado em Julho de 1946.

potências roubaram à Albânia injustamente; pertencem à Albânia e devem ser-lhe restituídos. Agora que os nossos dois países são socialistas, estão criadas as condições para resolver este problema duma forma justa'. Tito replicou: 'Concordo e também é esse o nosso desejo, mas de momento nada podemos fazer porque os sérvios não compreenderiam'. 'Se não compreendem hoje, disse-lhe eu, é preciso que o façam amanhã'."

O camarada Stáline perguntou-me então quando conhecera Tito e os outros dirigentes jugoslavos. Disse-lhe que os tinha conhecido depois da guerra, quando fora a Belgrado pela primeira vez em 1946, e continuei:

"O problema de Kosova, e da população albanesa residente noutras regiões da Jugoslávia, e o futuro desta questão são assuntos que o próprio povo de Kosova e das outras regiões deve decidir. Pela nossa parte, e sem nos intrometermos nos assuntos internos da Jugoslávia, jamais deixaremos de apoiar os direitos dos nossos irmãos de sangue que vivem na Jugoslávia e elevaremos a voz contra o terror e a política de extermínio que a clique de Tito-Rankovic pratica para com eles." Disse ainda ao camarada Stáline que lhe tínhamos escrito uma carta sobre este assunto.

"Li a vossa carta, respondeu o camarada Stáline. Concordo convosco. O próprio povo de Kosova deve decidir, e decidirá, do seu futuro.

"Tito, prosseguiu Stáline, para além da política anti-marxista que seguiu em Kosova, quis ainda anexar a própria Albânia. Isso ficou claro quando procurou enviar as suas divisões para a Albânia, ao que nos opusemos. Sabíamos, tal como vós o sabeis, que as tropas jugoslavas seriam enviadas para ajudar Koçi Xoxe a destruir a Albânia livre e o Governo albanês.

— Tito, observei, aproveitou-se do facto de nessa altura a Grécia se entregar a provocações nas nossas fronteiras para urdir a intriga de que devíamos esperar 'um ataque de envergadura por parte da Grécia', que 'o ataque estava próximo' e que 'seria um perigo para a Albânia', etc. Depois, Tito propôs-nos, de conluio com Koçi Xoxe e seus

acólitos com quem tinha ligações secretas, enviar tropas suas para a Albânia, mais concretamente para Korça e Gjirokaster, com o fim de ‘nos defender do ataque grego’. Rejeitámos firmemente esta proposta e pusemo-vos imediatamente ao corrente. Estávamos convencidos de que Tito visava ocupar a Albânia com a cobertura das divisões que viriam socorrer-nos, e tal foi também a vossa opinião.”

Com um sorriso onde transparecia simultaneamente a irritação e uma profunda ironia, Stáline comentou:

“E agora Tito acusa-nos, a nós soviéticos, de ingerência nos assuntos internos da Jugoslávia, de querermos atacá-la! Não, nunca quisemos fazer semelhante coisa e nem sequer o sonhamos, porque somos marxistas-leninistas, somos um país socialista e não podemos pensar nem agir como Tito.

“Creio que também no futuro, e porque somos marxistas-leninistas, continuou Stáline, devemos denunciar as práticas e ideias antimarxistas de Tito e da direcção jugoslava, mas, repito, não devemos, seja a que pretexto for, interferir nos seus assuntos internos. Isso não seria marxista. Os comunistas e o povo jugoslavo que tomem posição nesse sentido; é a eles que cabe a resolução dos problemas do presente e do futuro desse país. É neste quadro que encaro também o problema de Kosova e da restante população albanesa residente na Jugoslávia. Não devemos dar ao inimigo titista o mínimo pretexto para nos vir acusar de supostamente pretendermos desmantelar a Federação jugoslava. Este aspecto da questão é delicado e torna-se necessário agir com cautela, pois Tito, ao dizer ‘Vejam, eles querem desmembrar a Jugoslávia’, não só congrega a reacção, como procura atrair para o seu lado alguns elementos patriotas.

“No que diz respeito à situação da Albânia, prosseguiu o camarada Stáline, ela foi definida do ponto de vista internacional pela conferência dos ministros dos Estrangeiros dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da União Soviética. Conheceis as declarações de Hull, Eden e Molotov a esse respeito. Faz-se para aí muito barulho acerca dum eventual ataque à Albânia por parte da Jugoslávia, da

Grécia, etc., mas isso não é tarefa fácil, nem para eles nem para qualquer outro inimigo.” E o camarada Stáline perguntou:

“Os gregos continuam com provocações na vossa fronteira?

— Depois das lições que lhes demos sobretudo neste Verão, respondi, acabaram com os ataques armados mas, de qualquer modo, nós não abrandamos nunca a nossa vigilância e mantemo-nos em permanente estado de alerta.

— Tsaldaris, prosseguiu o camarada Stáline, está muito ocupado com os seus problemas internos; não tem tempo para montar provocações, pois os monarco-fascistas guerreiam-se mutuamente. Penso que os anglo-americanos também não poderão atacar-vos do exterior, esforçar-se-ão sim por vos criar problemas internamente, organizando revoltas e movimentos subversivos, infiltrando agentes e terroristas para assassinar os dirigentes albaneses, etc. Os inimigos tentarão criar problemas e conflitos no interior da Albânia, mas se a Albânia for forte internamente nada terá a temer do exterior. Isto é essencial. Se a Albânia seguir uma política esclarecida e de princípios nada tem a recear.

“Quanto aos documentos dos três ministros dos Negócios Estrangeiros, disse o camarada Stáline, deveis tê-los presentes e relembrá-los aos ‘amigos’ quando for caso disso.

“Só que deveis reforçar continuamente a vossa situação interna em todos os domínios e consolidá-la incessantemente. Isso é o decisivo, insistiu ele antes de me perguntar:

“Dispõem de forças de defesa dependentes do ministério do Interior para golpear os bandos contra-revolucionários e as conspirações da reacção interna?

— Sim, respondi. Essas forças, compostas por filhos do povo, fizeram um bom trabalho, principalmente nos primeiros anos após a libertação, para limpar o país dos bandos criminosos, dos inimigos escondidos nas montanhas e dos agentes subversivos vindos do estrangeiro. Em estreita ligação com o povo, as nossas forças militares cum-

prem cada vez melhor as suas tarefas; o Partido e o poder têm tido o cuidado de as preparar e equipar o melhor possível.

— Devem manter essas forças sempre preparadas para ajustar contas com os grupos contra-revolucionários e com os bandidos que eventualmente apareçam, aconselhou o camarada Stáline e perguntou:

“Tito denunciou o tratado de amizade com a Albânia?

— Sim, disse eu. E é mesmo de Tito o modo como o fez. Em 2 de Novembro deste ano, os dirigentes jugoslavos mandaram-nos uma carta oficial cheia de calúnias e acusações falsas, intimando-nos a abandonar o nosso caminho e a aderirmos à sua linha de traição. No dia 12, mesmo sem aguardarem resposta à primeira carta, mandaram-nos outra a denunciar o tratado.

“Apesar de tudo, respondemos às duas como mereciam e continuamos a viver muito bem sem o seu tratado de ‘amizade’.”

Todo este encontro se desenrolou numa atmosfera calorosa, cordial e muito íntima. Após esta conversa a sós, entrámos em casa para jantar. Antes, pendurámos os casacos e os chapéus numa espécie de vestíbulo. A casa de jantar tinha uma grande mesa e as paredes estavam forradas até meia altura de painéis de madeira; à volta da sala estavam dispostos vários aparadores com os pratos e as bebidas. Jantaram connosco dois generais soviéticos: um era o impedido de Stáline e o outro era o meu acompanhante. Stáline gracejava, fazia-nos perguntas e brincava connosco a propósito dos pratos. O desenrolar do jantar foi muito original. Ninguém vinha servir. Uma jovem trazia os pratos tapados e colocava-os na mesa, saindo em seguida. Stáline levantou-se, trinchou o frango, voltou ao seu lugar e gracejou:

“Então sirva-se, disse-me. Está à espera que o venham servir? Tem os pratos à sua frente. Sirva-se senão fica sem comer.”

Ria-se com um riso claro, comunicativo, que nos ale-

grava. De vez em quando pegava no copo e fazia uma saúde. A certa altura, o seu general às ordens, vendo que Stáline ia mudar de vinho, aconselhou-o a não fazer misturas. Pelos vistos estava encarregue de vigiar o regime de Stáline. Este riu-se e disse-lhe que não tinha importância. Como o general insistisse, Stáline retorquiu-lhe meio a sério, meio a brincar:

“Não nos aborreças, já pareces o Tito!” E riu-se para mim. Todos nos rimos.

À sobremesa mostrou-me um fruto que tinha na mão e perguntou-me: “Já alguma vez comeu destes frutos? — Não, disse eu, nunca tinha visto nenhum, como se comem?” Ele disse-me o nome, era um fruto da Índia ou tropical, e descascou um que me deu. “Prove este, disse, tenho as mãos lavadas”. Lembrei-me da simpática tradição do nosso povo que, enquanto conversa, vai descascando uma maçã que depois oferece ao seu hóspede.

Neste encontro inesquecível com o camarada Stáline, tanto na conversa que tivemos na varanda como durante o jantar, falámos amigavelmente dos problemas do desenvolvimento económico, social e cultural do nosso país.

Tal como nos encontros anteriores, Stáline interessou-se de muito perto pelo desenvolvimento global da nova Albânia e deu-me uma série de conselhos que têm sido muito úteis para o nosso trabalho.

Descrevi-lhe em traços largos a nossa situação, falei-lhe dos sucessos obtidos na realização dos nossos planos, da grande mobilização popular e também de uma série de dificuldades e insuficiências detectadas e que nos esforçávamos por ultrapassar.

“Além das imperfeições do nosso trabalho, disse eu ao camarada Stáline, a sabotagem sistemática da nossa economia pelos jugoslavos criou-nos também grandes dificuldades na realização dos planos no sector da indústria e noutros. Actualmente desenvolvemos grandes esforços em todos os sentidos para eliminar os efeitos dessa sabotagem e dedicamos particular importância ao sector socialista da indústria que, apesar de existir há pouco tempo, abre já

grandes perspectivas para o nosso país. A par da construção de novas equipamentos, os recursos mineiros constituem um vasto e rico campo de exploração. O nosso subsolo encerra recursos minerais ainda por explorar. O grupo de cientistas e geólogos que o Governo soviético nos enviará este ano fornecer-nos-á novas indicações sobre os locais onde existem essas riquezas e quais as suas dimensões. Por outro lado, começámos a explorar jazidas de petróleo, crómio, cobre e outros. De acordo com os dados dos especialistas existem no nosso país grandes quantidades de petróleo, de cobre e de crómio, além de gás natural. Graças à nossa luta e aos nossos esforços, à mobilização de todas as nossas forças e de todos os meios e créditos que o Governo soviético pôs à nossa disposição, aperfeiçoámos a exploração dessas preciosas matérias-primas. Mas sabemos que são necessários grandes investimentos para elevar ao máximo a extracção desses produtos. Neste momento é-nos impossível fazê-lo com as nossas forças e com os meios de que dispomos. Utilizámos a maior parte dos créditos concedidos pelo Governo soviético e pelas democracias populares para melhorar as explorações já iniciadas. Portanto, não conseguimos, por um lado, explorar como desejávamos as riquezas já conhecidas, como o crómio, o cobre e o petróleo, não conseguimos aumentar o número dessas explorações nem desenvolver a ritmos rápidos os outros ramos da indústria.

“O nosso Bureau Político estudou este assunto, que se reveste de grande importância para o futuro do nosso povo, e chegou à conclusão de que, neste momento, não dispomos de meios e condições internas para levar a cabo sozinho essa tarefa. Gostaríamos de saber se acha oportuna a criação de sociedades mistas albanó-soviéticas na indústria do petróleo, do cobre e do crómio. Podíamos colocar essa questão ao Conselho de Entreatajuda Económica mas, antes de o fazermos, desejávamos conhecer a sua opinião.”

Stáline, após ter mostrado a sua satisfação pelos nossos sucessos no desenvolvimento económico do país, disse-

me que não concordava com a criação de sociedades mistas albanos-soviéticas e explicou-me que algumas medidas tomadas anteriormente nesse sentido com alguns países de democracia popular tinham sido erradas e anuladas; e acrescentou:

“Continuaremos a ajudar-vos e fornecer-vos-emos tudo o que necessitarem em quantidades maiores do que até agora. Estamos em condições de vos auxiliar mais porque o nosso plano quinquenal está a ser cumprido de modo satisfatório.”

Agradei ao camarada Stáline as ajudas concedidas e também as que o seriam no futuro.

“Agradeçam-me quando as receberem” — disse rindo, e depois perguntou-me:

“Os vossos comboios trabalham a fuel ou a carvão?”

— A maior parte a carvão, mas os novos modelos que recebemos já são a fuel, respondi.

— Sois vós que refinais o vosso petróleo? Como estão nesse campo? — perguntou em seguida.

— Estamos a construir uma refinaria nova com material soviético, disse eu. No próximo ano já montaremos as máquinas.

— E têm carvão?

— Sim, temos, disse eu, e os estudos geológicos revelam boas perspectivas nesse campo.

— Deveis esforçar-vos por localizar e extrair o máximo possível, aconselhou o camarada Stáline. É um produto muito usado na indústria e na economia no seu conjunto, deveis portanto dedicar-lhe toda a atenção pois a falta de carvão criar-vos-á dificuldades.”

Como em todos os encontros anteriores que tive com ele, o camarada Stáline mostrou um interesse particular pela situação do nosso campesinato, pelo desenvolvimento da nossa agricultura e pela política do nosso Partido neste importante domínio. Indagou acerca da nossa situação quanto aos cereais e às sementes que usávamos para os cereais panificáveis.

Respondi-lhe que nos tínhamos esforçado por aumentar de ano para ano a produção cerealífera, um pro-

blema vital, e que tínhamos obtido sucessos nesse sentido, mas que ainda havia muito a fazer para assegurar o pão do povo.

“O vosso Governo, disse entre outras coisas o camarada Stáline, deve esforçar-se por desenvolver a agricultura e ajudar os camponeses, para que estes vejam no concreto que o Governo se interessa por eles e pela melhoria contínua das suas condições de vida.” Depois perguntou:

“Têm um clima favorável para a agricultura, não é?  
— Sim, respondi, temos um bom clima.

— Bem sei, bem sei, reforçou ele, na vossa terra tudo cresce. O importante é escolher correctamente o que semear. Devem, aconselhou, escolher boas sementes e podem contar connosco para isso. Vão precisar de preparar numerosos agrónomos, pois a Albânia é um país agrícola e a agricultura não progride sem trabalho e sem profundos conhecimentos científicos. Enviem cá um agrónomo, acrescentou, para ele escolher sementes.”

Depois perguntou-me:

“Como está a vossa cultura de algodão? Os vossos camponeses gostam de o plantar?”

Respondi ao camarada Stáline que entre nós não havia qualquer tradição dessa cultura, mas que agora todos os anos aumentávamos a área cultivada com algodão. “É indispensável, acrescentei, pois além de mais o complexo têxtil que estamos a construir terá por base o nosso algodão.

“Devem levar os vossos camponeses a produzi-lo, comprando-lhes o algodão a bom preço, aconselhou Stáline. Enquanto a ideologia socialista não estiver enraizada na sua consciência os camponeses nada vos darão com facilidade e terão sobretudo em vista o seu próprio interesse.”

No seguimento da entrevista perguntou-me:

“Têm terras por cultivar?”

— Sim, tanto nas colinas e nas montanhas como nas planícies. Os pântanos, em particular, afectavam fortemente a nossa agricultura e a saúde do nosso povo.”

Acrescentei que, desde a instauração do poder popular, levávamos a cabo com sucesso um extenso trabalho de secagem dos pântanos; mas como os nossos planos neste campo eram muito vastos, íamos avançando progressivamente.

“Os camponeses, observou Stáline, não devem deixar um palmo de terra por cultivar. É preciso convencê-los a aumentar a superfície cultivada.

“Para combater os efeitos insalubres dos pântanos e acabar com a malária, aconselhou ele, devem plantar eucaliptos. É uma árvore que tem várias vantagens e que cresce em vários terrenos e climas. Tem a propriedade de afastar os mosquitos, cresce rapidamente e absorve a água dos terrenos pantanosos.”

Durante o jantar Stáline quis conhecer as impressões dos camponeses albaneses que tinham visitado a União Soviética.

Disse-lhe que tinham regressado à Albânia com excelentes e inesquecíveis impressões.

“Nos encontros com os camaradas, com os vizinhos e com o povo eles expressaram a sua profunda admiração por tudo o que viram na União Soviética, pelos vossos sucessos em todos os domínios e em particular no desenvolvimento da agricultura soviética. Conte-lhe como um dos camponeses que tinha estado na União Soviética gabava o milho da Geórgia.

O camarada Stáline ficou muito contente e no dia seguinte eu soube, por intermédio de alguns camaradas soviéticos que me vieram visitar, que ele lhes tinha contado este caso. Stáline recomendou-lhes que me trouxessem alguns sacos de milho da Geórgia para semente. Também nesse dia, de acordo com as suas instruções, entregaram-me sementes de eucalipto.

Durante este encontro, o camarada Stáline, como sempre, falava suave e pausadamente, colocava perguntas e escutava com muita atenção, expressava as suas ideias, dava conselhos, mas sempre com um espírito amigável.

“Não há receitas para agir nesta ou naquela situação,

nem para resolver este ou aquele problema”, repetia ele frequentemente, a propósito das questões que eu levantava.

No desenrolar da entrevista falei a Stáline da atitude do clero na Albânia, principalmente do clero católico, das nossas relações com este e perguntei-lhe o que achava da nossa atitude.

“O Vaticano, disse o camarada Stáline, é um centro da reacção, um instrumento ao serviço do capital e da reacção mundial, que apoiam esta organização internacional de subversão e espionagem. É uma realidade que muitos padres católicos e missionários do Vaticano são espíões reconhecidos à escala mundial. O imperialismo serve-se deles para realizar os seus desígnios.” Depois contou-me o que se tinha passado em Yalta com Roosevelt e outros, na presença do representante da igreja católica americana.

Quando estava a falar com Roosevelt, Churchill, etc., sobre os problemas da guerra anti-hitleriana, estes disseram-lhe:

“Acabemos com os ataques ao papa: Porque razão persiste em atacá-lo?”

“Não tenho nada contra ele” — respondera Stáline.

“Então façamos dele um aliado, responderam, devemos levá-lo a participar na coligação dos grandes aliados”.

“De acordo, respondeu Stáline, mas a aliança antifascista é uma aliança que tem por objectivo destruir o fascismo e o nazismo. Esta luta, como os senhores sabem, faz-se com soldados, canhões, metralhadoras, tanques, aviões. Se vós ou o papa me disserem que exército, que canhões, que metralhadoras, que tanques e que outro material ele tem para combater, pode tornar-se nosso aliado. Não faltava mais nada senão aliar-nos a quem só tem homílias e turíbulo”.

Após o que nunca mais vieram falar do papa e do Vaticano.

“Houve na Albânia padres católicos que tenham traído o povo?” — perguntou em seguida o camarada Stáline.

— Sim, disse eu. Os chefes da igreja católica uniram-se desde logo aos ocupantes estrangeiros nazi-fascistas e

puseram-se de corpo e alma ao seu serviço, tudo tendo feito para minar a nossa luta de libertação nacional e perpetuar o domínio estrangeiro.

— Como agiram em relação a eles?

— Depois da vitória prendêmo-los e julgámo-los. Receberam o que mereciam.

— Fizeram bem, comentou ele e perguntou:

— Houve alguns que tenham tido uma posição justa?

— Sim, principalmente padres ortodoxos e muçulmanos.

— E que fizeram deles?

— Trouxemo-los para o nosso lado. Logo desde a primeira Resolução, o nosso Partido apelou às massas e também aos padres, para que, em nome da grande causa nacional, se unissem na grande luta pela liberdade e pela independência. Muitos deles ligaram-se a nós, participaram na luta e deram um precioso contributo à libertação da pátria. Após a libertação aderiram à política do Partido e participaram no trabalho de reconstrução do país. Sempre respeitámos esses padres e há alguns que são deputados à Assembleia Popular ou que foram promovidos a postos dirigentes do exército. Há mesmo um antigo padre que se ligou tão estreitamente ao movimento de libertação nacional e ao Partido que durante a luta compreendeu o erro dos seus dogmas religiosos, abandonou a religião e abraçou a ideologia comunista, e que, pela sua luta, trabalho e convicções, acabou por ser admitido no Partido.

— Muito bem, disse Stáline. Que posso acrescentar? Quando se tem consciência de que a religião é o ópio do povo e de que o Vaticano é um centro de obscurantismo, de espionagem e de subversão contra a causa dos povos, então sabe-se o caminho a seguir, como vocês souberam.

“A luta contra os padres que se dedicam à espionagem e à subversão, não deve processar-se somente no plano religioso, disse Stáline; deve também estender-se ao plano político. Os padres devem obedecer às leis do Estado, pois essas leis exprimem a vontade da classe operária e do povo trabalhador. Expliquem bem ao povo as leis e a hostilidade dos padres reaccionários a essas leis, para que até mesmo a

população crente veja que há padres que, a coberto da religião, conspiram contra a pátria e o povo. Também é preciso que o povo, convencido pelos factos e pelos argumentos, combata ao lado do Governo contra os padres inimigos. Deveis condenar e afastar apenas os padres que não obedecem ao Governo e que cometem crimes graves contra o Estado. Mas, repito, o povo deve estar consciente dos crimes desses padres para se convencer do logro da ideologia religiosa e dos males que ela traz.”

Lembro-me que à guisa de conclusão deste inesquecível encontro, o camarada Stáline me aconselhou: “Reforcem bem a situação interna; reforcem o trabalho político junto das massas.”

Stáline recebeu-me durante cinco horas. Tinha chegado às nove horas da noite e parti às duas da manhã. Quando nos levantámos da mesa, Stáline disse-me:

“Vá vestir o casaco.”

Saí com os dois generais contando voltar à sala de jantar para lhe agradecer a sua hospitalidade e para me despedir. Esperámos um momento e quando olhámos ele já lá não estava.

Um dos generais disse:

“Deve estar lá fora no jardim.”

Realmente foi lá que o vimos, simples, sorridente, de boné e com o lenço castanho ao pescoço. Acompanhou-nos até ao automóvel. Agradei-lhe.

“Ora essa, de nada, protestou, amanhã telefono-lhe e voltamos a encontrar-nos. Tem de ficar cá alguns dias para visitar Soukhomi.”

No dia seguinte à noite, 25 de Novembro, esperei impacientemente o toque do telefone, mas infelizmente não tive oportunidade de reencontrar Stáline. A 26, à uma da manhã, ele tinha chegado a Sotchi. Despediu-se por intermédio do general que me acompanhava. Dia 25 de Novembro de 1949 mandei a Mehmet de Soukhomi o seguinte telegrama:

“Acabei ontem. Ajudar-nos-ão em tudo. Concordaram com todos os meus pedidos. Estou bem. Será difí-

cil voltar a tempo das festas. Felicidades. Partirei o mais breve possível”.

A 25 de Novembro visitámos a cidade de Soukhomi, um aglomerado de 60.000 habitantes. Durante a visita fui acompanhado pelo ministro do Interior da República Socialista da Geórgia e por um outro general. Soukhomi é uma bela cidade, muito asseada e cheia de jardins e parques floridos. Tem muitas árvores tropicais e flores em toda a parte. Agradou-me principalmente um parque maravilhoso que tinha sido arranjado pelos habitantes em apenas 50 dias e que era um pouco maior que o terreno do nosso hotel “Dajti”. À noite Soukhomi cintilava com as suas luzes. Os habitantes são simpáticos, sorridentes, alegres e felizes. Não se vê um pedaço de terreno abandonado. Diante dos nossos olhos estendiam-se as plantações de tangerineiras, limoeiros, cidreiras, laranjeiras, vinhas, imensas planícies de trigo, milho, etc. As colinas estavam cultivadas. Pela cidade e arredores erguiam-se grandes eucaliptos.

Fomos visitar um sovkhoz perto da cidade. As colinas estavam completamente cobertas de tangerineiras, laranjeiras, limoeiros e vinhas. Os ramos das tangerineiras arqueavam com o peso dos frutos. Cada árvore dava 1500 a 2000 tangerinas. “Por vezes não conseguimos colhê-las todas” — disse-nos o director do sovkhoz. Levaram-nos ao local onde as mulheres embalavam as tangerinas depois de passarem por uma máquina que as separava por tamanhos.

Visitámos também uma velha ponte do século XV, conservada como monumento nacional, e um jardim botânico. Este tinha imensas variedades de árvores, flores e frutos. Visitámos igualmente um jardim climatizado onde havia macacos, entretidos nas suas divertidas habilidades. Disseram-me que Pavlov tinha trabalhado nesse centro durante as suas investigações.

Os georgianos são pessoas extremamente afáveis, acolheram-nos calorosamente.

Dia 26 de Novembro, de manhã, o camarada sovié-

tico que me acompanhava veio ter comigo com o jornal “Krasnaya Zvezda” na mão, anunciando-me a minha promoção (1) por decisão do Presidium da Assembleia Popular da RPA.

Dia 27 de Novembro às 8 da manhã partimos de avião para Moscovo onde aterrámos após cinco horas e meia de voo. Alguns dias mais tarde voltei para a Albânia.

(1) Em 21 de Novembro de 1949 o Presidium da Assembleia Popular da RPA, por proposta do Conselho de Ministros da RPA e do Bureau Político do CC do PTA, publicou o decreto nos termos do qual o camarada Enver Hoxha era promovido a general do Exército.



## QUARTO ENCONTRO

---

Janeiro 1950

**Debate na presença de Stáline entre a direcção do Partido do Trabalho da Albânia e os dirigentes do PC da Grécia sobre as suas divergências de princípio. Participantes: Stáline, Molotov, Malenkov; Enver Hoxha, Mehmet Shehu; Niko Zahariadhis, Mitcho Partsalidhis. Sobre a estratégia e a tática do Exército Democrático Grego. Varkize. A tática da defesa passiva é a mãe da derrota. Porquê as derrotas de Vitsi e Gramoz? Do papel dirigente do partido no exército. O lugar e papel do comissário. Niko Zahariadhis exprime os seus pontos de vista. Opinião de Stáline.**

Em Novembro de 1949, ao encontrar-me com o camarada Stáline em Soukhomi, ele perguntou-me quando poderíamos encontrar-nos com os representantes do Partido Comunista da Grécia para esclarecer os desacordos de princípios entre nós e os dirigentes desse partido. Ficou acordado para o mês de Janeiro e, como os camaradas gregos aceitaram essa data, a reunião teve lugar no

Kremlin em começos de Janeiro de 1950. Do lado soviético estavam presentes os camaradas Stáline, Molotov, Malenikov e um certo número de funcionários do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. O nosso Partido estava representado pelo camarada Mehmet Shehu e por mim, e o Partido Comunista da Grécia pelos camaradas Niko Zahariadhis e Mitcho Partsalidhis. A reunião realizou-se no gabinete de Stáline.

Stáline, simples e amável como de costume, levantou-se para nos receber e apertou a mão a todos, sorrindo. Tomando a palavra em primeiro lugar, dirigiu-se-me:

“Camarada Hoxha, que tem a dizer em relação aos camaradas do Partido Comunista da Grécia?”

E, dirigindo-se aos camaradas gregos, disse:

“Os camaradas albaneses falarão primeiro, depois sereis vós a manifestar a vossa opinião.”

Portanto tomei a palavra:

“Camarada Stáline, enviámos uma carta ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética acerca das nossas divergências de princípio com o Partido Comunista da Grécia, em particular com os seus principais dirigentes. Solicitámos este encontro consigo para que possa julgar se os nossos pontos de vista são correctos ou não.

— Estou a par das questões que levantam, respondeu o camarada Stáline, mas gostaria que expusessem novamente aqui, diante dos camaradas gregos, os problemas que vos preocupam.

— Certamente que terei de invocar todas as questões que o nosso Partido vos apresentou nessa carta. Tratámos também destes assuntos com camaradas gregos, particularmente com os camaradas Niko Zahariadhis, Joanidhis, o general Viandas, Bardzotas e outros camaradas da direcção do Partido Comunista da Grécia. Devo acentuar que entrámos em desacordo sobre um certo número de questões logo desde início, mas limitar-me-ei a falar das mais importantes:

— “É exactamente isso que pretendemos”, comentou Stáline.

Comecei então a minha exposição:

“A nossa primeira divergência diz respeito ao problema da estratégia e da tática da guerra travada pelo exército democrático grego. Tanto para o povo grego como para nós, albaneses, a luta contra os fascistas hitlerianos e italianos foi uma luta de libertação de que dependia o destino dos nossos povos. Devíamos coordenar esta luta, como de resto fizemos, com a guerra heróica do Exército Vermelho da União Soviética. Nós, albaneses, estivemos sempre certos da vitória já que todo o nosso povo se lançara como um só homem na grande luta de libertação, na qual tínhamos por aliada a União Soviética, que esmagaria o nazismo alemão.

“O nosso Partido apoiou a aliança sovieto-anglo-americana, pois considerou-a sempre como uma coligação antifascista cuja finalidade era esmagar os nazis. Todavia, nunca tivemos a ilusão de pensar que os imperialistas anglo-americanos eram amigos e aliados fiéis do povo albanês. Pelo contrário, desde logo estabelecemos uma diferença fundamental entre a União Soviética e os anglo-americanos, apesar de apoiarmos a aliança no seu conjunto. Quero dizer com isto que o nosso Partido, o nosso Exército e o nosso Estado-Maior General, longe de se submeterem às imposições dos ingleses e do Comando aliado no Mediterrâneo, recebiam com grande desconfiança até mesmo os poucos conselhos que permitimos que nos dessem. Pedimos aos ingleses que nos atrasassem armas em paraquedas, mas constatámos que poucas nos mandaram. Como é do vosso conhecimento, travámos primeiro uma guerra de guerrilha e depois começámos a criar unidades cada vez maiores até à formação do nosso exército regular de libertação nacional.

“O povo grego lutou nas mesmas condições que nós. Insurgindo-se contra os agressores fascistas italianos, pôlos em debandada, venceu-os e chegou até a entrar na Albânia. Embora naquela época o nosso Partido Comunista ainda não existisse, os nossos comunistas e o nosso povo ajudaram os gregos na guerra contra a Itália fascista, apesar da Albânia estar também ocupada. Porém, na

sequência da intervenção do exército hitleriano na guerra contra a Grécia, o exército monárquico grego foi obrigado a recuar no seu próprio território e vencido. Foi então que nasceram a resistência e a luta de libertação nacional do povo grego, dirigidas pelo Partido Comunista da Grécia, que criou o EAM e os destacamentos de guerrilheiros e, mais tarde, outras unidades mais importantes.

“No decorrer da luta de libertação nacional, os nossos dois povos reforçaram ainda mais a sua amizade. Já no passado existiam laços de amizade entre o povo albanês e o povo grego. Sabe-se que foram muitos os albaneses que, na segunda década do século passado, participaram na revolução grega chefiada por Ypsilanti, onde desempenharam um papel muito importante. Mas desta vez as nossas lutas revestiam-se das mesmas características e ambos os povos tinham a guiá-los os respectivos partidos comunistas. Reforçámos os laços que nos uniam e os nossos destacamentos de guerrilheiros chegaram mesmo a organizar operações militares conjuntas contra as forças alemãs em território grego. Por outro lado, a reacção era bastante poderosa, tanto na Albânia como na Grécia, e os ocupantes estavam bastante bem organizados. Aqui temos outro fenómeno comum aos dois países.

“Pela nossa parte, desenvolvemos esforços no sentido de isolar os chefes da reacção e subtrair às suas fileiras os elementos enganados; conseguimos resultados nesse campo. Não podemos dizer com exactidão o que se passou na Grécia, mas criticámos os camaradas da direcção do Partido Comunista da Grécia por o EAM e eles próprios terem cometido um grave erro político de princípio ao subordinarem a luta de libertação nacional do seu povo à estratégia anglo-americana, quase que a colocando sob a direcção dos ingleses e do Comando aliado do Mediterrâneo. Enviámos esta crítica ao camarada Niko Zahariadhis em pessoa.

“O principal responsável por esta situação era Siantos, que assumira as funções de secretário-geral do Partido Comunista da Grécia durante a ausência de Zahariadhis, na altura deportado nos campos de concentração alemães.

Quando mais tarde chamámos a atenção do camarada Zahariadhis para esta questão, ele não nos respondeu claramente e inclinou-se para a ideia de que não tinham sido cometidos erros. Mantive com insistência esta crítica do nosso Partido e acabei por dizer ao camarada Zahariadhis que Siantos era um provocador, um agente dos ingleses. Se Siantos fosse um dos nossos, disse ainda ao camarada Zahariadhis, o nosso Partido tê-lo-ia levado a julgamento e punido com o castigo merecido, mas os camaradas gregos agiram doutra maneira. Claro que isto é um assunto vosso, mas em todo o caso fica dada a nossa opinião sobre esta questão.

“Em suma, o camarada Niko Zahariadhis reconheceu que “Siantos não devia ter agido desse modo” e que “os camaradas o criticaram mas não o julgaram, somente o expulsaram do Partido”.

“Dito isto, devo acrescentar que tivemos com os camaradas dirigentes do Partido Comunista da Grécia uma série de debates políticos, ideológicos e militares, uma vez que éramos dois partidos comunistas e tínhamos, como é lógico, o mesmo objectivo estratégico — libertar os nossos países do jugo dos ocupantes nazi-fascistas e da burguesia reaccionária.

“Reparámos que, apesar da coragem notável dos guerrilheiros gregos e dos seus comandantes, o camarada Niko Zahariadhis, depois de libertado dos campos de concentração hitlerianos, assumiu um elevado cargo dirigente, numa Grécia “libertada” mas em cujo território se mantinha o exército inglês, em virtude da assinatura anterior do acordo de Caserte e do acordo do Cairo pelos representantes do EAM, acordos esses que haviam de levar aos de Varkize. O nosso Partido reprovou tais actuações do Partido Comunista da Grécia, por as considerar como um acto de submissão da luta democrática grega, como uma fraqueza da sua política de libertação e uma capitulação perante a reacção anglo-americana.

“Tempos depois, num comício de massas organizado no estádio de Atenas, onde discursaram os líderes dos partidos burgueses gregos, o camarada Niko Zahariadhis,

enquanto dirigente do Partido Comunista da Grécia, pronunciou um discurso onde declarou, entre outras coisas: “Se os outros partidos democráticos gregos reclamam a autonomia do ‘Vorio-Epire’, o Partido Comunista da Grécia juntar-se-á a eles” (!). O nosso Partido protestou logo abertamente contra tais pontos de vista. Após este acontecimento, convidámos para um encontro o camarada Niko Zahariadhis e eu critiquei-o severamente, considerando a sua declaração como uma atitude antimarxista e hostil à Albânia. Disse-lhe claramente que o “Vorio-Epire” era um território albanês que nunca seria grego. Devo acrescentar que nessa ocasião o camarada Niko Zahariadhis reconheceu o seu erro, confessou ter-se enganado redondamente e prometeu corrigi-lo.

“Podemos talvez estar enganados, mas pensamos que Markos Vafiadhis, que foi rapidamente afastado depois de tudo isto, era um bom comunista e um comandante competente. É claro que é apenas a nossa opinião e tanto pode estar certa como errada; não temos nada a ver com isto, porque é ao Partido Comunista da Grécia e não a nós que cabe julgar esta questão.

“As nossas divergências com a direcção do Partido Comunista da Grécia dirigido pelo camarada Zahariadhis, reportam-se em primeiro lugar aos tratados de Varkize, assinados por aquele Partido e pela EAM, e que não são mais do que uma capitulação, uma rendição. O Partido do Trabalho da Albânia criticou este acto de traição ao povo grego e ao Partido Comunista da Grécia. Não só não deviam ter assinado os acordos, como deviam inclusivamente ter criticado asperamente o espírito que a eles levou. Há muito tempo que expus estes pontos de vista aos camaradas Niko Zahariadhis e Mitcho Partsalidhis, este último um dos signatários de tais acordos. Apesar do respeito que temos pelos dois camaradas dirigentes gregos, não podemos deixar de considerar esta acção que eles próprios inspiraram e executaram como completamente errada e causadora de grandes males para o povo grego.

“Relativamente aos tratados de Varkize, Niko Zahariadhis defendeu uma tese contrária à nossa. Ele repete

constantemente que os acordos não constituíram, nem uma capitulação, nem uma traição, mas “uma acção necessária para ganhar tempo e facilitar a conquista do poder”.

“A propósito desses tratados perguntei uma vez ao camarada Niko Zahariadhis quais as razões da condenação e execução de Aris Véluhiotis que, depois da assinatura dos mesmos, partiu para a Albânia a fim de contactar o Comité Central do nosso Partido. Niko Zahariadhis respondeu-me: “Apesar de ter sido um general corajoso, Aris Véluhiotis não passava de um rebelde, de um anarquista, que rejeitou a decisão do Comité Central do Partido Comunista da Grécia sobre os tratados de Varkize; limitámo-nos a excluí-lo do Comité Central do Partido e quanto ao que lhe aconteceu posteriormente, quem o matou, etc., não sabemos nada”. “Asseguramo-vos de que não somos responsáveis pelo seu desaparecimento”, acrescentou ele. Já disse ao camarada Niko Zahariadhis que, sem nos querermos intrometer nos seus assuntos e sem termos conhecido Aris pessoalmente mas apenas pela sua imagem de heróico combatente do povo grego, pensamos que não o deviam ter afastado. Quanto ao seu desaparecimento, disse-lhe eu, acreditamos naquilo que nos contam mas também quanto a isso, e consequentes na nossa posição sobre os tratados de Varkize, estamos em oposição a vós.

“Como marxistas-leninistas, lamentamos imenso o que aconteceu ao povo grego com quem travámos o mesmo combate durante a luta antifascista de libertação nacional; por isso, quando mais recentemente o povo grego se viu posto perante o dilema: liberdade ou servidão, quisemos prosseguir a mesma colaboração.

“Não vou falar aqui da ajuda e apoio internacionalistas que demos ao Partido Comunista da Grécia e à luta de libertação nacional do povo grego, apesar das difíceis condições em que se encontrava o nosso país acabado de libertar do jugo dos invasores. Que sejam os próprios camaradas gregos a falar sobre isto. A despeito da nossa grande pobreza fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para os socorrer, fornecendo alimentos e abrigos aos gre-

gos refugiados no nosso território. O facto da Albânia ser um país amigo libertado, onde o povo e o Partido do Trabalho tinham tomado o poder, constituiu uma grande ajuda para o exército democrático grego, que assim ficava com uma retaguarda segura e bem defendida, em especial a noroeste.

“Depois da capitulação de Varkize recomeçou a luta de libertação nacional grega. O Comité Central do Partido Comunista da Grécia reuniu em plenário, para o qual convidou delegados do nosso Partido; enviámos o camarada Mehmet Shehu. Houve então uma série de mudanças no seio da direcção do Partido Comunista da Grécia, mas isto eram assuntos internos desse partido. Nós apenas aprovámos e encorajámos com alegria os duros golpes infligidos nos quatro cantos da Grécia aos monarco-fascistas, que vendo o perigo que corriam deixaram de se apoiar nos ingleses e pediram auxílio aos americanos. Os EUA enviaram à Grécia o sinistro general Van Fleet, considerado um estratega eminente, para comandar o exército fascista.

“Entrámos em desacordo com Zahariadhis, Bardzotas e Joanidhis a propósito do carácter da luta que o exército democrático grego deveria conduzir contra as numerosas forças regulares da reacção grega, equipadas pelos imperialistas americanos com as armas mais sofisticadas. Surgiu portanto entre os nossos dois partidos uma divergência de fundo sobre esta questão. Fundamentados na experiência da nossa luta de libertação nacional, achámos que a luta democrática grega não se devia tornar uma guerra clássica, mas conservar o carácter da luta de guerrilha com destacamentos de maior ou menor dimensão. Se se tivesse conduzido a luta deste modo, ter-se-ia não só evitado que as numerosas forças de Van Fleet ficassem à altura de poder destruir o exército democrático grego, como seria este, pelo contrário, que as iria enfraquecendo progressivamente com a táctica da guerra de guerrilha até organizar a contra-ofensiva vitoriosa. Defendemos a ideia de que a guerra guerrilheira grega devia assentar no povo e que as armas deviam ser tiradas ao inimigo.

“Os pontos de vista estratégicos de Zahariadhis eram

opostos aos nossos. Os camaradas da direcção do Partido Comunista da Grécia chamaram exército “regular” e “moderno” aos destacamentos guerrilheiros que conseguiram reagrupar e, ainda por cima, pretendiam tê-lo dotado da estratégia e da tática adequadas à guerra de posições dum exército clássico. Porém, na nossa opinião, as forças reorganizadas constituíam sim um exército de guerrilheiros, que acabou por não possuir nem a tática da guerrilha nem a tática de combate dum exército regular. Além disso nas suas operações os camaradas gregos acabaram por adoptar a tática de defesa passiva, que sempre origina derrotas. Isto foi, quanto a nós, um grave erro dos camaradas dirigentes do Partido Comunista da Grécia, que se guiaram pela ideia falsa de que a guerra de guerrilha não tem um objectivo final, ou seja, não pode levar à tomada do poder. Ao longo das discussões que travámos ficámos com a impressão de que os camaradas gregos vêem a guerra de guerrilhas como uma guerra de grupos isolados de 10 a 15 combatentes, sem perspectivas de alargamento e de criação de brigadas, divisões e corpos de exército, etc. Isto não é correcto. Como mostra a experiência de todas as guerras de guerrilha e como a nossa luta de libertação nacional confirmou, a guerra de guerrilhas com pequenas unidades, se for bem dirigida, cresce gradualmente à medida que a própria luta se amplia e que aumenta a consciência revolucionária das massas até chegar à insurreição geral armada e à formação dum exército popular regular. Contudo, os camaradas dirigentes do Partido Comunista da Grécia defenderam teimosamente as suas ideias e negaram categoricamente a necessidade de estender e reforçar a guerrilha na Grécia. Não apoiámos e não apoiaremos nunca tais pontos de vista. Permita-me exprimir o que pensamos da situação que se vivia na altura em que o Partido Comunista da Grécia passou à clandestinidade e teve de retomar a luta: as unidades do ELAS (1) tinham deposto as armas, as suas bases estavam destruídas, faltava-lhes roupas, víveres

(1) Exército Popular Grego de Libertação.

e armas; a moral do ELAS era baixa, o movimento batia em retirada. E foi precisamente este reagrupamento de forças que o Partido Comunista da Grécia intitulou desde o princípio de “exército regular” e “moderno”, que, segundo eles, podia bater-se contra um inimigo dez vezes maior aplicando a estratégia e a tática dum exército moderno numa guerra aberta. Pelo nosso lado, pensamos que tal exército de guerrilheiros devia combater usando a tática de guerrilha, como nos ensinaram os nossos mestres Marx, Engels, Lénine e Stáline. Como é que se poderá chamar exército regular a um reagrupamento de forças guerrilheiras organizado pelo PC da Grécia numa altura em que o exército grego de libertação não tinha, nem os quadros necessários, nem tanques, nem aviões, nem artilharia, nem transmissões, nem alimentos e nem sequer as armas ligeiras indispensáveis?! Consideramos que a análise dos camaradas gregos foi errada.

“Ao qualificar este reagrupamento de guerrilheiros como um exército regular dotado da “estratégia e tática de guerra dum exército regular” (estratégia e tática essas que na realidade nunca foram usadas), a direcção do Partido Comunista da Grécia nem sequer reflectiu seriamente, como é dever dos marxistas, sobre os meios de abastecer o exército. Diziam os camaradas gregos: “É-nos impossível capturar armas ao inimigo”. Ora, tais concepções são contrárias aos ensinamentos de Lénine, quando este diz que, seja em que caso for, não se deve ficar à espera da ajuda externa ou de cima, mas contar com as próprias forças e nunca abandonar a organização ou reorganização de unidades sob o pretexto de que faltam armas, etc. Os camaradas dirigentes subestimavam o inimigo, pensavam que a tomada do poder era coisa fácil e que podia ser alcançada sem desenvolver grandes esforços, sem verter sangue e sem uma sólida e vasta organização. As concepções dos camaradas gregos deram origem a outras consequências amargas, que os conduziram à recente derrota; mas o que é curioso é que eles persistem em considerar justas as suas ideias, mesmo nos últimos encontros que tivemos.

“O camarada Niko defende uma tática e uma estraté-

gia que são erradas na nossa opinião. E os factos dão-nos razão. No encontro que tive com o camarada Zahariadhis ele afirmou que era impossível às unidades do exército democrático penetrarem no interior do território grego, porque os monarco-fascistas e Van Fleet queimavam as aldeias obrigando as populações a fugir, de tal modo que todas as povoações ficaram desertas. Repliquei que nalguns casos isso poderia acontecer mas não com a amplitude que ele referia. Baseava-me para o afirmar na lógica dos factos, pois é evidente que os monarco-fascistas e o exército americano não conseguiriam evacuar a população de todas as regiões habitadas da Grécia.

“Também nos opusemos às conclusões e pontos de vista expressos numa carta do Bureau Político do Partido Comunista da Grécia enviada ao Bureau Político do nosso Partido; nessa carta continuam a não analisar os erros e procuram disfarçá-los, considerando que as derrotas se devem ao abastecimento insuficiente de armas, munições e roupas, enquanto o inimigo reabastecido pelos anglo-americanos dominava o ar e o mar. É certo que o inimigo estava muito melhor apetrechado e dispunha de forças materiais e humanas consideráveis, mas nessas circunstâncias, quando se combate a reacção interna e a intervenção militar externa, o que há a fazer é transformar o inimigo na principal fonte de abastecimento. O exército democrático grego devia tirar as armas ao inimigo, mas isso não se consegue usando a tática de defesa passiva. Além do mais, pensamos que este estado de coisas não pode ser justificado por problemas de abastecimento. Achamos que a direcção do Partido Comunista da Grécia, ao pôr de lado a tática da guerrilha e o desenvolvimento desta forma de luta até à insurreição geral armada e à tomada do poder, aplicou uma tática defensiva e passiva, inaceitável não só numa guerra de guerrilha como numa guerra de posições dum exército regular. Seguindo esta tática o exército democrático grego privou-se da possibilidade de se alargar a outras regiões do país, onde encontraria uma fonte inesgotável de forças entre os jovens rapazes e raparigas do povo; privou-se ainda da possibilidade de apreender as armas ao inimigo

através de acções repetidas, rápidas, bem planeadas, nos locais onde o inimigo menos esperasse. O marxismo-leninismo ensina-nos que não se deve brincar com a insurreição armada e a história de muitas guerras mostrou que a tática de defesa passiva é funesta para a insurreição armada. Se a insurreição se mantém na defensiva será rapidamente esmagada por um inimigo mais poderoso e melhor equipado.

“Isto foi, quanto a nós, confirmado pela tática seguida pelos camaradas gregos. O grosso das forças vivas do exército democrático grego ficou constantemente encerrado no sector fortificado de Vitsi e Gramoz. Estas forças foram treinadas para uma guerra de posições e de carácter defensivo; esta foi-lhes imposta e elas aplicaram-na conforme a linha da sua direcção. Os camaradas gregos acreditaram que tomariam o poder através duma guerra defensiva e passiva. Nós pensamos que não era possível tomar o poder com os combatentes barricados em Gramoz. A direcção do Partido Comunista da Grécia foi levada a manobrar uma única vez (e isto sob pressão dos acontecimentos): foi na batalha de Gramoz em 1948, onde os heróicos guerrilheiros gregos resistiram durante 70 dias seguidos infligindo grandes perdas humanas ao inimigo, mas donde foram obrigados a partir para Vitsi para escapar ao cerco e ao aniquilamento. Mas a tomada do poder manteve-se um objectivo bem longínquo. O exército democrático grego devia ter-se lançado ao ataque para se apoderar das cidades. Não o fez. Os camaradas gregos afirmam que nessa altura não tinham forças para tal. Talvez seja verdade, mas quanto a saber porque não tinham eles essas forças e onde as deviam procurar, nem nessa altura nem mais tarde os camaradas gregos procuraram analisar e resolver este problema dum ponto de vista marxista-leninista. A tática dos camaradas gregos consistia, como mostra a carta que o seu Bureau Político enviou ao nosso, em manter a todo o custo Vitsi e Gramoz, as bases que lhes serviriam para desenvolver a luta, e eles faziam depender exclusivamente dos equipamentos o sucesso da luta, sem jamais os procurarem na própria luta.

“Seja como for, o exército democrático grego, sofrendo derrotas atrás de derrotas, foi obrigado a recuar e a tomar posição na região de Vitsi e de Gramoz. Foi um período crítico, tanto para o exército democrático grego como para o nosso país. Durante este período seguimos atentamente a acção dos camaradas gregos. Antes da última ofensiva dos monarco-fascistas contra o exército democrático grego, os camaradas dirigentes gregos pensavam que a sua situação política e militar era francamente brilhante e a dos inimigos desesperada. Eles pensavam: “Vitsi está fortificada ao máximo e é inexpugnável; se o inimigo nos ataca por aí assinará a sua própria sentença de morte. Vitsi tornar-se-á o túmulo dos monarco-fascistas. Todavia o inimigo é obrigado a desencadear esta ofensiva porque não tem outra alternativa, porque está à beira do abismo. O exército monarco-fascista e Van Fleet podem atacar quando quiserem que nós vencê-los-emos”.

“O camarada Viandas pensava que era em Gramoz e não em Vitsi que o inimigo daria o golpe principal porque “Gramoz está menos fortificado devido à sua proximidade com a fronteira albanesa; o inimigo após vencer aí, atacará em Vitsi, onde pensa poder aniquilar-nos por este lugar estar próximo da fronteira jugoslava. Mas depois de combatermos em Gramoz e provocarmos grandes baixas ao inimigo levaremos as nossas forças para Vitsi onde o apanharemos pelas costas”.

“No entanto, pouco antes do último ataque do inimigo, informámos os camaradas gregos de que este atacaria Vitsi e não Gramoz a 10 de Agosto. Esta informação permitia aos camaradas gregos não serem apanhados desprevenidos e tomarem na devida altura as medidas necessárias. Mas mesmo assim eles continuaram a pensar que o golpe principal seria dado em Gramoz. Segundo eles, o resultado seria o mesmo, atacasse o inimigo em Vitsi ou em Gramoz. Pensavam: “Isso em nada altera os nossos planos. Tomámos todas as medidas necessárias tanto em Vitsi como em Gramoz. Vitsi está inexpugnável, fortificada ao máximo e todos os caminhos por onde o inimigo pode vir estão bloqueados. O inimigo não tem processo de trans-

portar armamento pesado para esta zona, a vitória será nossa”.

“Eram estas as opiniões dos camaradas gregos dois dias antes do ataque inimigo em Vitsi. Mas os monarco-fascistas atingiram a terceira linha de defesa num só dia e Vitsi caiu no espaço de dois ou três dias. Os combates e a resistência não atingiram grande intensidade. Isso foi para nós uma grande surpresa. Mas tínhamos tomado todas as medidas para nos defendermos dum eventual ataque dos monarco-fascistas. Os camaradas gregos, incluindo o camarada Partsalidhis aqui presente, não estavam convencidos da justeza destas nossas medidas defensivas e consideraram-nas precipitadas. Os camaradas gregos não eram realistas. Muitos refugiados, inclusive os democratas combatentes derrotados, tiveram de recuar para o nosso território. E que podíamos nós fazer?! Acolhemo-los e instalámo-los nos locais previstos.

“Não ficámos satisfeitos com o balanço que o Bureau Político do Partido Comunista da Grécia fez da derrota de Vitsi. Pensamos que teria sido preciso analisá-la com maior profundidade, pois tinham sido cometidos graves erros. Após a retirada de Vitsi, o camarada Zahariadhis depositou esperanças de vitória nas posições de Gramoz: “Gramoz, dizia ele, é-nos mais favorável que Vitsi, porque aí os tanques, que foram o elemento decisivo para a vitória dos monarco-fascistas em Vitsi, não poderão manobrar, etc.”.

“É preciso ter em conta que já nessa altura a traição de Tito era do conhecimento público. Mais tarde Zahariadhis referiu que “os únicos que receberam os refugiados gregos foram os albaneses, porque os jugoslavos, não só não os deixaram entrar no seu país, como ainda os alvejaram”. É possível que assim tenha sido, mas não o podemos afirmar.

“Numa discussão que tive com o camarada Zahariadhis acerca da retirada de Vitsi, levantei de novo a questão dos erros e da ausência de uma análise objectiva da situação por parte do Partido Comunista da Grécia e principalmente do comandante de Vitsi, o general Viandas. “As suas análises, disse eu a Niko, revelaram-se erradas. A prova

disso foi que o exército democrático grego não conseguiu defender Vitsi”.

“Niko Zahariadhis contestou a minha afirmação e assegurou-me que Vitsi tinha caído por culpa de certo comandante; este não colocara o seu batalhão no sector da frente que lhe tinha sido designado e ele próprio não se encontrava no local de combate. Segundo Niko, foi este comandante o causador da derrota de Vitsi, pelo que, disse ele, “tomámos as medidas necessárias e condenámo-lo”. O camarada Niko dava uma explicação demasiado simplista para justificar uma tão grande derrota.

“Confessei-lhe com franqueza e camaradagem que não podia acreditar em semelhante explicação.

“Quer acredites ou não, respondeu Niko, foi o que se passou”.

Apesar de tudo insisti: “E agora o que vão fazer?”

“Vamos combater”, disse Niko.

“Mas onde?”

“Em Gramoz, que é uma cidadela inexpugnável”.

Perguntei-lhe: “Tencionam concentrar aí todo o exército democrático grego?”

“Sim, respondeu Zahariadhis, vai todo para lá”.

“Disse-lhe que eles conheciam melhor que nós os seus próprios assuntos e que a decisão lhes competia mas que, do nosso ponto de vista, Gramoz não poderia resistir e que portanto eles não deviam sacrificar inutilmente tantos combatentes valorosos do exército democrático grego, que ele comandava. Vocês são, continuei eu, nossos camaradas e amigos e, claro está, decidirão vós mesmos, mas eu achava conveniente que tivessem convocado o camarada Bardzotas, o comandante das tropas gregas em Gramoz, para discutir com ele este assunto. Niko opôs-se a esta sugestão dizendo que não havia possibilidades de o fazer.

“Todos sabemos o que se passou em seguida. Gramoz marcou a derrota definitiva do exército democrático grego.

“Gramoz caiu ao fim de quatro dias. Na nossa opinião o combate não foi bem organizado. Mantiveram-se numa defensiva total e passiva. É verdade que houve

combates ferozes em determinados lugares, como Polié e Kamenik, onde os combatentes gregos resistiram heroicamente. A retirada das forças de Gramoz processou-se em desordem (à excepção das de Kamenik), tal como tinha acontecido em Vitsi. Soldados e comandantes do exército democrático grego comentavam entre si a errada táctica defensiva aplicada em Gramoz, como o próprio camarada Zahariadhis nos confirmou.

“Nós achamos que os camaradas dirigentes gregos não aplicaram, nas batalhas de Gramoz e Vitsi, os princípios marxistas-leninistas da guerra popular. As colunas monarco-fascistas atingiram muito rapidamente e sem serem atacadas no caminho as posições que tinham previsto. Avançaram sem obstáculos até cercarem as forças democráticas gregas, que se tinham entrincheirado e não contra-atacaram; depois os inimigos atacaram, desalojaram os guerrilheiros das trincheiras e ocuparam as fortificações. O comando grego colocou todas as suas forças nas posições fortificadas e não guardou reservas para contra-atacar e dificultar, com assaltos e manobras rápidas, a ofensiva do inimigo. A nossa opinião é de que foram os erros de táctica que levaram à derrota. Os homens, esses, estiveram à altura da situação, pois eram velhos guerrilheiros provados no campo de batalha, que possuíam um moral elevado e se bateram heroicamente.

“Por outro lado, ao aplicar a sua táctica defensiva, a direcção do Partido Comunista da Grécia permitiu o reagrupamento e a reorganização das forças monarco-fascistas, pois não as atacou para dificultar esses preparativos, fazer fracassar a ofensiva ou, pelo menos, enfraquecê-la para permitir às forças vivas do exército democrático grego uma vasta manobra para desgastar incessantemente e por toda a parte as forças inimigas. Foram estas, quanto a nós, algumas das causas da derrota de Gramoz e Vitsi. Na sua análise da derrota de Vitsi, o Bureau Político do Partido Comunista da Grécia declara que “uma grande responsabilidade cabe à direcção”, mas não indica em que consiste essa responsabilidade, que aliás

trata depois de repartir. Nós pensamos que esta não é uma análise marxista-leninista.

“Para levar à vitória a sua luta os camaradas gregos não deviam ter-se limitado a uma defensiva passiva, deviam sim aplicar correctamente os princípios marxistas-leninistas da insurreição armada. Nós achamos que a táctica correcta seria a de fustigar incessantemente o inimigo em toda a parte, não lhe dar um só momento de tréguas, obrigá-lo a dispersar as tropas, semear o pânico e o terror nas suas fileiras, impossibilitar-lhe o controlo da situação. Deste modo, a luta revolucionária do povo grego não teria cessado de crescer, desgastando primeiro o inimigo, fazendo-o depois perder o controlo da situação e libertando sucessivas regiões e zonas até chegar ao objectivo final da insurreição geral e da libertação de todo o país. Era esta a guerra que na Grécia teria perspectivas de vitória.

“Nos encontros que tivemos com os camaradas gregos, dissemos-lhes frequentes vezes e com espírito camarada que o exército guerrilheiro grego devia tentar capturar armas ao inimigo e reabastecer-se de víveres e roupas junto do povo com o qual e pelo qual lutava.

“Dissemos aos camaradas gregos que o seu exército devia, antes de tudo, ligar-se ao povo, ao qual pertencia e sem o qual não podia existir. O povo deve habituar-se a combater junto com o seu exército, a ajudá-lo e a amá-lo como libertador. O povo grego deve ser educado para não se render ao inimigo e para engrossar as fileiras do exército com homens e mulheres, rapazes e raparigas vindos do seu próprio seio.

Também dissemos, com amizade, aos camaradas gregos que o papel dirigente do partido no exército devia ser aperfeiçoado; os comissários políticos de cada companhia, batalhão, brigada ou divisão, devem ser os representantes do partido e, como tal, terem o direito de comandar ao lado do comandante propriamente dito. Mas observámos, e dissemo-lo várias vezes, que os camaradas gregos não trataram correctamente o papel dirigente do partido no exército. Já dei a conhecer ao camarada Stáline o que pensa o nosso Partido sobre este assunto, que também é referido na

carta que lhe enviámos. A incompreensão acerca do papel dirigente do partido no exército foi, quanto a nós, uma das principais razões que levaram à derrota do exército democrático grego. Defendemos o princípio de que comandante e comissário político constituem um todo que dirige as operações militares e a educação política dos destacamentos; a sua responsabilidade deve ser idêntica, seja qual for o campo de actividade considerado e devem ser os dois, comandante e comissário, a dirigir a unidade no combate.

“Sem os comissários políticos não teríamos Exército Vermelho, ensina-nos Lénine. Nós tomámos em conta este ensinamento no nosso exército de libertação nacional e ainda hoje o seguimos no Exército Popular. O comandante e o comissário, enquanto unidade dirigente, existiram no ELAS mas, na prática, esta forma de comando não foi aplicada como era necessário. A pressão dos pontos de vista burgueses errados dos oficiais de carreira, que não suportavam ver a seu lado no comando homens de confiança do Partido, fez com que, nessa altura, o papel do comissário no comando do exército democrático grego fosse desvirtuado e relegado para segundo plano. Foi este o resultado das concepções dos dirigentes do Partido Comunista da Grécia acerca do ‘exército regular’. Os camaradas dirigentes gregos esforçam-se por justificar a negação do papel do comissário político com o exemplo doutros países, mas pensamos que não estão a ser realistas.

“Estes erros também se fizeram notar quando o exército popular grego de libertação retomou a luta. Desde a partida do general Markos que este exército ficou sem comandante em chefe. Pensamos que não há justificação para tal. No nosso país o secretário-geral do Partido foi e continua a ser o comandante em chefe do exército. Pensamos que é correcto. Em tempo de paz talvez pudesse ser doutro modo, criando-se um ministério da Defesa mas, no caso do exército democrático grego e em plena guerra, este devia ter à cabeça um comandante em chefe e sempre pensamos, e a nossa experiência confirmou-o, que essa função político-militar cabe ao secretário-geral do Partido. Repetidas vezes expressámos aos camaradas gregos este ponto

de vista. As razões por estes invocadas para justificar o seu procedimento contrário não são convincentes. Os camaradas gregos diziam-nos: “O camarada Zahariadhis é muito modesto”, ou “tivemos a amarga experiência de Tito, que era simultaneamente secretário-geral, primeiro ministro e comandante supremo do exército”. Pensamos que não se trata aqui de uma questão de modéstia; quanto à alusão a Tito, nada tem a ver com o caso e parece-nos esconder algumas insinuações.

“Ficámos espantados com a quantidade de formas de organização clandestinas que os camaradas gregos utilizavam, embora vissemos que a realidade era outra. Isso só o podemos explicar pelas ideias confusas, pelo oportunismo e pela falsa modéstia de que, quanto a nós, sofriam os camaradas gregos e principalmente pelo facto de eles pretenderem dissimular o papel dirigente do Partido. Nós não afirmamos que o secretário-geral do Partido deva obrigatoriamente ser o comandante em chefe do exército, mas que um exército em luta não tenha nenhum chefe, como acontecia no exército democrático grego após a destituição de Markos, sempre nos pareceu um erro.

“Os camaradas gregos não responsabilizam ninguém por esta situação e pelas derrotas que se seguiram; pelo contrário, dividem as responsabilidades tanto pelos que cometeram erros como pelos que não o fizeram. Atiram as culpas para os membros do partido, o que não é justo, pois os membros do Partido Comunista da Grécia sempre lutaram com heroísmo. Nós pensamos que os camaradas dirigentes gregos receiam analisar profundamente os erros, que quanto a nós foram graves, têm medo de pôr o dedo na ferida. Também achamos que falta espírito de crítica e autocritica a alguns camaradas dirigentes gregos, pois defendem-se uns aos outros, por amiguismo, dos erros que cometeram.

“Os camaradas dirigentes gregos opuseram-se aos pontos de vista que lhes expusemos, enquanto camaradas e comunistas internacionalistas que combatem pela mesma causa, que têm grandes interesses em comum e desejam o

sucesso da causa da luta do povo grego. Eles não receberam bem as nossas observações.

“O camarada Niko Zahariadhis apresentou contra nós uma série de queixas que, naturalmente, refutámos. Já falámos da declaração a propósito do “Vorio-Epire”. Também nos acusaram de supostamente termos requisitado camiões gregos para transportar os refugiados e o seu material e pediram-nos para colocarmos também às suas ordens os nossos camiões. É verdade que utilizámos os veículos gregos para o transporte dos refugiados para os locais onde ficariam alojados. Instalámos esses refugiados no Norte da Albânia, onde apesar das nossas dificuldades os reabastecemos em víveres, ou seja, partilhámos o nosso pão com eles. O nosso parque de transportes é muito reduzido e além disso tínhamos de assegurar o reabastecimento de toda a Albânia.

“Os camaradas gregos também nos criticam por não termos dado prioridade à descarga do material de socorro, roupas, víveres, tendas e cobertores, etc., que chegaram aos nossos portos para os refugiados antes destes partirem da Albânia. Isso não é verdade. A maior parte das vezes, as ajudas vindas do estrangeiro por mar e destinadas aos refugiados gregos eram armazenadas debaixo do material e das mercadorias que nos eram destinadas a nós. Creio não ser necessário dizer que, nestes casos, é preciso primeiro descarregar a parte de cima da carga, não é possível fazer doutro modo. Não conhecemos nenhum processo de descarregar um navio começando do fundo do porão.

“Seja como for, estes eram pequenos desacordos que podiam ser ultrapassados, como de facto foram. O determinante eram as questões acerca da linha política e militar do Partido Comunista da Grécia durante a guerra e que tenho vindo a expor.

“Os camaradas gregos não só rejeitaram os nossos pontos de vista e observações, como nos deram a impressão de os terem levado a mal; aliás, na carta que há algum tempo enviaram ao nosso Bureau Político, identificavam, de um modo intolerável e antimarxista, as nossas opiniões e posições de princípio com as ideias dos titistas. Ao desna-

turarem as posições defendidas pelo camarada Mehmet Shehu sobre a guerra de Vitsi e Gramoz para justificarem a sua argumentação errada, os camaradas dirigentes gregos têm como objectivo esconder os seus erros, na nossa opinião. Compreendemos os momentos difíceis atravessados pela direcção do Partido Comunista da Grécia depois da derrota de Vitsi e de Gramoz, compreendemos a tensão nervosa em que viveram, mas essas acusações graves e injustificadas são inadmissíveis e não deveriam ter sido formuladas sem serem devidamente pesadas, sobretudo por parte do Bureau Político do Partido Comunista da Grécia.

“No seguimento destas acusações, que o nosso Bureau Político apreciou com a necessária ponderação, considerámos que se tornava cada vez mais indispensável a partida da Albânia do pequeno número de democratas gregos refugiados que ainda lá se encontrava.

“O camarada Stáline que nos diga se as nossas opiniões e atitudes nesta matéria foram ou não justas que nós estamos prontos a reconhecer qualquer eventual erro da nossa parte e a fazer a consequente autocrítica.”

O camarada Stáline interrompeu-me dizendo:

“Não devemos repelir os camaradas que se encontram numa situação adversa.

— Tem razão, camarada Stáline, respondi, mas asseguro-lhe que nunca repelimos os camaradas gregos. As questões que pusemos à discussão revestiam-se da maior importância quer para o exército grego quer para nós. O Comité Central do nosso Partido não podia permitir que a direcção do Partido Comunista da Grécia estabelecesse o seu centro na Albânia, tal como não podia permitir que se organizassem e treinassem no nosso país tropas que depois regressariam à Grécia para combater. Disse-o pessoalmente, num espírito amigável, ao camarada Niko Zahariadhis, que há muito pedira para os refugiados gregos serem transferidos para outros países, e foi isso que se fez com a grande maioria deles. Nunca demos a entender que expulsaríamos os refugiados gregos do nosso país mas, além do próprio camarada Niko ter pedido que partissem para outros países, o próprio bom senso indi-

cava que, nas circunstâncias existentes, não devíamos, fosse por que preço fosse, manter entre nós os que ainda restavam.

“São estes os problemas que eu queria levantar, camarada Stáline, e que nós, aliás, tratámos com os camaradas gregos e na carta que já vos enviámos.

— O camarada acabou? perguntou-me então o camarada Stáline.

— A cabeí”, respondi.

Ele passou então a palavra ao camarada Zahariadhis.

Este começou a defender os acordos de Varkize, assinalando que a assinatura desses acordos não era erro seu e desenvolveu essa tese. Eram as mesmas opiniões que já anteriormente me expusera.

Para explicar as razões da derrota, Zahariadhis, entre outras questões, levantou a seguinte: “Se em 1946 pudéssemos prever a traição de Tito não teríamos iniciado o combate contra os monarca-fascistas”. Depois acrescentou ainda outras “razões” para explicar a derrota, repetindo que lhes tinha faltado armamento, que os albaneses, se bem que tivessem partilhado o pão com os refugiados gregos, lhes tinham levantado alguns obstáculos, etc. Assim, o camarada Zahariadhis transformava em questões de princípio certos problemas secundários. Lembrou depois o nosso pedido (quando ele próprio o fizera antes de nós) sobre a partida dos democratas gregos refugiados que se encontravam ainda na Albânia. Na opinião dele, isso teria posto fim à luta de libertação nacional grega.

Aproveito a ocasião para exprimir o que penso do camarada Niko Zahariadhis. Era muito inteligente e culto, mas, na minha opinião, insuficientemente marxista. Apesar da derrota sofrida, pôs-se a defender a estratégia e a tática seguidas pelo exército democrático grego, insistindo na sua justeza e pretextando que não podiam agir doutro modo. Assim, cada um de nós continuou com as posições anteriores.

Foram estas, na sua essência, as teses de Niko Zahariadhis. A sua exposição foi tão longa, ou mais, que a minha.

O camarada Stáline e os outros camaradas dirigentes soviéticos ouviram-no também atentamente.

A seguir a Niko o camarada Stáline interrogou o camarada Mitcho Partsalidhis:

“Tem alguma coisa a dizer a propósito do que acabam de expor os camaradas Enver Hoxha e Niko Zahariadhis?

— Nada tenho a acrescentar ao que o camarada Niko acaba de expor, respondeu Partsalidhis e acrescentou que esperava que os camaradas soviéticos e o Partido bolchevique fizessem uma apreciação dessas questões.”

Então Stáline tomou a palavra. Falou pausadamente, como sempre o víamos falar em todos os encontros. Expressiu-se em termos simples e extremamente claros. Reconheceu que a luta do povo grego tinha sido heróica, marcada por actos de heroísmo e também por erros.

“No que respeita a Varkize, sublinhou Stáline, os albaneses têm razão. E continuando a tratar este tema acrescentou: os camaradas gregos devem compreender que os acordos de Varkize foram um grave erro. Não os deviam ter assinado nem deposto as armas, pois isso causou grandes prejuízos à luta do povo grego.

“Quanto à vossa estratégia e táctica na luta democrática grega, apesar de ter sido uma luta heróica, penso que os camaradas albaneses fazem igualmente uma apreciação correcta. Deviam ter levado a cabo uma guerra de guerrilhas e ir percorrendo as suas várias etapas até à guerra convencional.

“Critiquei o camarada Enver Hoxha dizendo que não se deve repelir os camaradas em situação adversa mas, pelo que acabamos de ouvir aqui, podemos concluir que os camaradas albaneses tiveram uma atitude justa em relação às vossas opiniões e acções. As circunstâncias criadas e as condições da Albânia eram tais que se os camaradas gregos lá ficassem teriam posto em perigo a independência da República Popular da Albânia.

Aceitámos o vosso pedido de transferência de todos os democratas gregos refugiados para outros países e neste momento já todos partiram. Tudo o mais, armas, munições, etc., que os camaradas albaneses tiraram aos solda-

dos democratas gregos que atravessaram a fronteira e entraram na Albânia, pertencem, sublinhou Stáline, a este país. Estas armas devem ficar na Albânia porque ela pôs em perigo a sua independência ao recolher os combatentes democratas gregos, apesar de os ter desarmado.

“Quanto à vossa ideia de que “se tivessem previsto em 1946 a traição de Tito, não teriam iniciado o combate contra os monarca-fascistas”, é uma ideia errada, pois é necessário combater pela liberdade do povo mesmo quando estamos cercados. E nem sequer o estavam, pois nos vossos flancos ficavam a Albânia e a Bulgária, que apoiavam a vossa justa luta. Esta é a nossa opinião”, concluiu o camarada Stáline. E acrescentou:

“Os camaradas albaneses têm alguma coisa a dizer? Qual a vossa opinião, camaradas Hoxha e Shehu?

— Concordamos consigo em todos os aspectos.

— E os camaradas gregos? Camaradas Zahariadhis e Partsalidhis qual é a vossa opinião?”

O camarada Niko declarou:

“Ajudaram-nos muito; damo-nos agora conta de que não agimos bem e esforçar-nos-emos por corrigir os erros, etc., etc.

— Muito bem, disse Stáline, retomando a palavra. Então podemos dar este assunto por encerrado.”

Quando nos preparávamos para partir Molotov interviu dirigindo-se a Zahariadhis:

“Tenho algo a dizer-lhe, camarada Niko. O Comité Central do Partido Comunista da União Soviética recebeu de um dos vossos camaradas uma carta onde se diz que “Niko Zahariadhis é um agente dos ingleses”. Não nos cabe a nós aclarar esta questão, mas não podemos deixar de o pôr ao corrente, tanto mais que a pessoa acusada é um camarada dirigente do Partido Comunista da Grécia. Eis a carta. Que pensa dela?

— Posso explicar isso, respondeu Niko Zahariadhis. Quando as tropas soviéticas nos libertaram do campo de concentração, dirigi-me ao comando soviético pedindo para ser enviado o mais depressa possível para Atenas, pois

era aí o meu lugar. Viviam-se dias decisivos e eu devia estar na Grécia. Como o vosso comandante não dispunha, na altura, de nenhum meio de transporte para me conduzir, vi-me obrigado a ir falar com o comandante inglês, a quem pedi para ser reconduzido ao meu país. Os ingleses deram-me lugar num avião e foi assim que voltei para a Grécia. Como voltei para o meu país por intermédio do comando inglês, esse camarada acha que eu sou um agente dos ingleses, o que é obviamente falso”.

Stáline entrevistou dizendo:

“Pronto, também esse assunto fica resolvido. Bom, então acabámos!”

Levantou-se e apertou-nos a mão. Dirigimo-nos para a porta. Estávamos a sair quando Stáline nos chamou:

“Um momento, camaradas! Camaradas Hoxha e Zahariadhis abraçai-vos!”

Assim fizemos.

Uma vez lá fora, Mitcho Partsalidhis comentou:

“Stáline é único, portou-se como um pai. Agora tudo está claro.”

E foi assim que terminou este debate em presença de Stáline.



## QUINTO ENCONTRO

---

Abril 1951

Sobre a situação política, económica e social na Albânia. A reacção externa procura derrubar o nosso poder popular. Decisão final do Tribunal de Haia. “Uma grande vigilância e posições firmes permitem pôr a claro e aniquilar as investidas do inimigo”. “A par da construção de unidades industriais, deveis zelar também pelo reforço da classe operária e pela formação de quadros”. Sobre a colectivização da agricultura. “Não é para ficarem nos escritórios que os especialistas soviéticos estão no vosso país mas para ajudar na frente de trabalho”. Críticas severas de Stáline ao conteúdo duma ópera soviética que deturpa a realidade. No XIX Congresso do PC (bolchevique) da União Soviética — pela última vez com o inesquecível Stáline.

A última entrevista que tive com Stáline desenrolou-se em Moscovo a 2 de Abril de 1951, pelas 22.30h, hora local. Participaram neste encontro Molotov, Malenkov, Béria e Bulganine.

Nesta conversa foram tratados vários problemas relacionados com a situação interna do nosso Partido e do

nosso Estado, questões económicas, em particular do sector agrícola, os acordos económicos a concluir eventualmente com diversos países, o reforço do trabalho nos nossos Institutos Superiores, bem como problemas da situação internacional, etc.

De início, descrevi em traços gerais ao camarada Stáline a situação política do nosso país, o grande esforço que o nosso Partido tem feito para educar as massas num elevado espírito revolucionário; falei-lhe da sólida unidade que se criou e se fortalece todos os dias no Partido e no povo, da confiança inquebrantável do nosso povo no Partido. “Consolidaremos sem descanso as nossas vitórias, disse eu ao camarada Stáline, sempre vigilantes e prontos a defender a independência e a liberdade, a integridade territorial do nosso país e as vitórias do povo contra qualquer inimigo externo ou interno que tente ameaçar-nos. Em especial, seguiremos com atenção as inúmeras tentativas do imperialismo americano que, através dos seus lacaios, os nacionalistas de Belgrado, os monarca-fascistas de Atenas e os neofascistas de Roma, visa derrubar o nosso poder popular, submeter-nos e desmembrar a Albânia.”

Informei também o camarada Stáline da sentença final do Tribunal de Haia.

“Este tribunal, disse-lhe entre outras coisas, examinou como já lhe tinha dito, o pretenso incidente de Corfu e, como era manipulado pelos imperialistas anglo-americanos, condenou-nos injustamente a indemnizar os ingleses. Rejeitámos esta decisão arbitrária, mas os ingleses deitaram a mão ao ouro que os nazis alemães nos roubaram do antigo Banco Nacional da Albânia. Quando o ouro pilhado pelos nazis nos países que ocuparam foi descoberto na Alemanha, a Comissão tripartida encarregue da sua distribuição decidiu, nas reuniões que efectuou em Bruxelas, em 1948, restituir à Albânia uma parte daquilo que lhe pertencia por direito. Mas os ingleses deitaram a mão a esse ouro, bloquearam-no e não nos deixam levantá-lo, contrariamente à decisão tomada em Bruxelas.

“Os inimigos externos do nosso país, disse depois ao camarada Stáline, aliaram-se estreitamente. Organizam

provações constantes nas fronteiras jugoslava, grega e italiana, não só por via terrestre mas também pelo mar e pelo ar. Os governantes destes três países, não satisfeitos com a sua política abertamente anti-albanesa, uniram os traidores fascistas, os emigrados albaneses, os bandidos, desertores e criminosos de toda a espécie, que são treinados pelos estrangeiros para serem lançados de paraquedas na Albânia; aqui têm o objectivo de organizar movimentos armados, sabotagens na economia, atentados contra os dirigentes do Partido e do Estado e de criar centros de espionagem para eles e para os seus patrões.

“Temo-nos mantido sempre vigilantes em relação a estas actividades da reacção externa e continuamos a dar a merecida resposta a todas estas tentativas. O nosso exército e a Segurança do Estado deram um grande contributo nesse sentido. Têm sido constantemente reforçados, escrupulosamente educados e modernizados, assimilando a arte militar marxista-leninista.”

Falei em seguida a Stáline duma série de problemas militares e das principais direcções por onde pensamos poder ser eventualmente atacados pelo exterior.

“Como é que sabem que serão atacados por esses sítios?” — perguntou-me logo Stáline.

Depois de escutar as explicações detalhadas que lhe forneci sobre esse ponto disse-me:

“Tendo em consideração as questões militares que acabam de invocar, resolvemos encarregar o camarada Bulganine de as discutir aprofundadamente convosco.”

Fez-me então uma série de perguntas, entre as quais: “Com que armas defendem a vossa fronteira? O que é que fazem com as armas que capturam ao inimigo? Quantos homens conseguem mobilizar em caso de guerra? De que efectivos dispõem actualmente?”

Respondi às perguntas. Evoquei em especial a grande ligação existente entre o exército e o povo, o amor que este tem pelo seu exército e disse ao camarada Stáline que em caso de invasão estrangeira todo o nosso povo estava pronto a bater-se pela liberdade e independência do seu país, pelo poder popular.

Então Stáline tomou a palavra, mostrando-se satisfeito por saber que o nosso exército se ia fortalecendo em estreita ligação com o povo. Disse-me entre outras coisas o seguinte:

“Ainda bem que os vossos efectivos militares são suficientes; assim aconselho-vos a não os aumentar, pois isso sairia caro. Precisam é de aumentar o número de tanques e de aviões.

“Na actual situação estejam de sobreaviso para o perigo que vos pode vir da Jugoslávia. Os titistas têm agentes em vossa casa e enviarão mais. Eles bem desejam atacar-vos, mas não o podem fazer porque têm medo. Não se deixem enfraquecer e joguem mãos à tarefa de consolidar a economia, educar os quadros e fortalecer o Partido; sejam vigilantes e treinem bem o exército. Se tiverem um Partido, uma economia e um exército sólidos, nada têm a recear.

“Os monarco-fascistas gregos, prosseguiu, temem os búlgaros, têm medo dum ataque da sua parte. Por seu lado os jugoslavos, para conseguirem ajuda dos americanos, bradam a todos os ventos que a Bulgária os vai atacar. Mas esta não tem nenhuma intenção desse género, nem contra os gregos, nem contra os jugoslavos.”

Seguidamente referi ao camarada Stáline todo o enorme trabalho que temos feito para reforçar a unidade no seio do povo e entre este e o Partido, assim como os golpes que temos vindo a dar aos elementos traidores e hostis. Disse-lhe que não nos mostrámos hesitantes nem oportunistas, face a esses elementos, mas que tomámos as necessárias medidas para neutralizar as consequências da sua actividade hostil. “Aqueles que ultrapassaram as marcas com a sua actividade criminosa e hostil, precisei, foram apresentados a tribunal e receberam o castigo que mereciam.

— Fazem bem, observou Stáline. O inimigo procurará infiltrar-se no Partido e até mesmo no Comité Central, mas uma vigilância apurada, bem como posições firmes, permitirão pôr a claro e anular essas tentativas.”

Mais uma vez discutimos longamente com o camarada Stáline a nossa situação económica, os resultados obtidos no desenvolvimento económico e cultural no nosso país e as perspectivas do futuro. Falei-lhe, entre outras coisas, dos sucessos da política do nosso Partido no respeitante à industrialização socialista e ao desenvolvimento da agricultura, bem como de certas previsões que fazíamos para o 1º Plano Quinquenal 1951-1955.

Como habitualmente, mostrou-se muito interessado na nossa situação económica e na política seguida pelo nosso Partido nesse campo. Perguntou-me quando estariam prontos o complexo têxtil, a refinaria de açúcar e outras unidades industriais em construção no nosso país.

Ao responder a estas perguntas assinaléi que, a par dos sucessos obtidos na construção dessas unidades e outros estabelecimentos industriais e sociais assim como na agricultura, tínhamos registado também alguns insucessos. “No Comité Central do Partido analisámos, disse-lhe eu, as causas desses insucessos com um espírito de crítica e autocritica e atribuímos a cada um a respectiva responsabilidade; damos particular importância ao reforço do papel dirigente do Partido, à bolchevização contínua da sua vida e ao estreitamento dos seus laços com as massas do povo”, e continuei a minha exposição sobre a situação interna do nosso Partido.

Mas Stáline interrompeu-me:

“Camarada Enver, porque é que me colocam esses problemas quando os conhecem melhor que nós? Alegremo-nos por vos ouvir dizer que estão a construir uma série de estabelecimentos industriais. Mas devo acrescentar que, paralelamente à construção de tais unidades, deveis velar igualmente pelo reforço da classe operária e pela formação de quadros. Em particular, o Partido deve cuidar da classe operária, que se forjará e reforçará diariamente à medida do desenvolvimento industrial da Albânia.

— A questão do desenvolvimento e progresso da agricultura, retomei eu, reveste-se para nós de grande importância. Sabem que somos um país agrícola que herdou do passado um grande atraso. Tem sido nosso objectivo o

aumento da produção agrícola e, mesmo tendo em conta o facto de a maior parte das nossas unidades agrícolas serem pequenas explorações individuais, precisamos de continuar a tomar múltiplas medidas para ajudar os camponeses e encorajá-los a trabalhar melhor e a produzir mais. Claro que temos conseguido resultados e a produção aumentou; porém estamos conscientes de que o nível actual da nossa agricultura não corresponde às crescentes necessidades do país em produtos alimentares para a população e em matérias-primas para a nossa indústria e exportação. Sabemos que a única alternativa para a nossa actividade agrícola sair definitivamente do seu estado atrasado e poder assentar em bases sólidas que assegurem uma grande produção, é a da colectivização. Mas neste campo avançamos com moderação.

— Existem muitas cooperativas? — perguntou Stáline.

— Cerca de noventa.

— Em que condições? Como vivem os camponeses cooperativistas?

— A maior parte destas cooperativas existe apenas há um ou dois anos. Todavia uma parte delas mostra a sua superioridade sobre a pequena propriedade individual. O trabalho colectivo e organizado, a ajuda em sementes, em maquinaria, em quadros, etc., que o Estado lhes concede tem por objectivo a consolidação das bases da produção e o seu aumento. No entanto, ainda nos falta um grande trabalho para as transformar em exemplos para os camponeses individuais. É por isso que o nosso objectivo principal na organização da agricultura, a par da consolidação das cooperativas existentes através da ajuda e da protecção, é a criação de novas unidades deste tipo.”

Stáline ouviu-me e aconselhou:

“Não se preocupem demasiado com a criação de novas cooperativas agrícolas. Consolidem as já existentes, procurem que os seus rendimentos aumentem. Deste modo os seus membros ficarão satisfeitos com os bons resultados, o que levará outros a empenharem-se na via da colectivização.

“Enquanto os camponeses não estiverem convencidos da superioridade da propriedade colectiva, é inoportuno aumentar o número de cooperativas. Se as cooperativas já criadas trouxerem vantagens aos seus membros, outros camponeses farão o mesmo.”

Os problemas da nossa agricultura, a situação do campesinato, as suas tradições e mentalidade ocuparam a maior parte deste encontro. Stáline queria ser informado dos mais pequenos detalhes, regozijava-se com os nossos êxitos, mas não deixava de nos fazer observações amigáveis e de dar preciosos conselhos com o objectivo de nos facilitar o trabalho futuro.

“O milho continua a ser a principal cultura na Albânia? — perguntou.

— Sim, respondi, o milho e a seguir o trigo. Contudo, nos últimos anos o cultivo do algodão, do girassol, dos legumes, da beterraba açucareira, etc., tem sido desenvolvido.

— Plantam muito algodão? Com que rendimento?

— Temos vindo a alargar as superfícies reservadas para esta cultura industrial e os agricultores já adquiriram uma experiência que não se pode desprezar. Este ano contamos semear cerca de 20.000 hectares, mas quanto ao rendimento e à qualidade do algodão ficámos aquém do que seria de desejar. Produziu-se uma média de cinco quintais por hectare, mas é preciso ultrapassá-la. Temos discutido e analisado muitas vezes este problema capital, pois que dele depende o vestuário do povo, e são já muitas as medidas adoptadas mas ainda não obtivemos os resultados desejados. A cultura do algodão precisa de sol e água. Temos sol com fartura, o solo e o clima também são favoráveis a esta cultura, mas no que diz respeito à irrigação estamos atrasados. Precisamos de criar um bom sistema de canais para promover esta cultura.

— O que é que os camponeses irrigam mais, o milho ou o algodão? — perguntou Stáline.

— O milho, respondi.

— Isso quer dizer, concluiu ele, que os vossos camponeses ainda não gostam do algodão, que o subestimam.”

No seguimento da nossa conversa, relatei ao camarada Stáline as últimas discussões que temos travado sobre as fraquezas manifestadas nesta cultura e sobre as tarefas que nos cabem para a desenvolver. Referi particularmente as experiências práticas, que mostraram que em certos casos não se utilizou a semente mais conveniente às características do solo; na mesma ocasião pedi-lhe um certo número de conselhos para podermos assegurar o ritmo normal de trabalho no complexo têxtil e na fábrica de descasque do algodão.

“Talvez algum especialista se tenha enganado, disse ele. Mas o essencial é o trabalho do agricultor. Quanto aos vossos pedidos de algodão serão todos satisfeitos desde que justificados. De qualquer modo vamos estudar esse assunto.”

No decurso deste encontro, o camarada Stáline levantou uma série de questões sobre as nossas cooperativas agrícolas, sobre o seu estado actual e as suas perspectivas de desenvolvimento. Recordo-me que me fez as seguintes perguntas, entre outras:

“De que máquinas dispõem as vossas cooperativas agrícolas? Como funcionam os SMT? Tendes instrutores?”

Respondi a todas as perguntas, mas ele não se mostrou lá muito satisfeito com a organização do nosso trabalho nesse sector e fez a seguinte crítica:

“Esse trabalho não está bem montado. Se continuarem assim correm até o risco de prejudicar as cooperativas já existentes. Deveis, naturalmente, prosseguir a qualificação dos técnicos, mas a presença de instrutores soviéticos ser-vos-á útil. E estes não devem ficar nos gabinetes mas levar o seu auxílio à frente de produção.

“Se os vossos principais quadros dirigentes da agricultura nunca viram como são orientadas e organizadas as cooperativas agrícolas noutros países terão dificuldade em efectuar um bom trabalho. Eles que venham à União Soviética ver como aqui se procede e aprender com a nossa

experiência para depois a poderem transmitir aos camponeses da Albânia.”

Referi ainda a Stáline a necessidade de estabelecermos ligações económicas com outros Estados.

Ouviu-me e retorquiu:

“E o que vos impede? Já assinaram tratados com os países de democracia popular que, aliás, vos concederam créditos. Aconselho-vos a concluir com outros países acordos do género daqueles que firmaram com a Bulgária. Não nos opomos a essa prática, antes pelo contrário consideramo-la muito positiva.”

Seguidamente avancei com outros pedidos de ajuda para o nosso desenvolvimento económico e cultural. Ele acolheu-os benevolmente como de costume e disse-me para tratar com Mikoyan, com quem, aliás, estive três vezes durante estes dias, para discutir pormenores e tomar decisões.

O camarada Stáline acedeu ao meu pedido de envio de professores soviéticos para os nossos institutos superiores, mas observou:

“Mas como se arranjarão os professores que não falam albanês?”

E depois, olhando-me nos olhos, acrescentou:

“Nós compreendemos a vossa situação, é por isso que vos temos auxiliado e o continuaremos a fazer ainda mais no futuro. Tenho contudo uma crítica a fazer-vos, camaradas albaneses: estudei os vossos pedidos e verifiquei que não se preocuparam muito com a agricultura. Pedis-nos sobretudo apoio para a indústria, mas a indústria sem a agricultura não se mantém de pé nem avança. Quero-vos dizer, camaradas, que é preciso dar muito mais importância ao desenvolvimento agrícola. Mandámos-vos também conselheiros para as questões económicas mas, aparentemente, eles não têm feito bom trabalho.

— Têm-nos ajudado”, intervi eu, mas Stáline, pouco convencido com o que lhe acabava de dizer acerca dos conselheiros soviéticos, voltou à carga e perguntou-me sorrindo:

“Que fizeram vocês da semente de milho georgiano

que vos dei? Semearam-na ou deitaram-na pela janela fora?”

Apanhado de surpresa, corei e retorqui-lhe que a tínhamos distribuído em certas zonas, mas que não tínhamos ideia dos resultados. De regresso a Tirana, interessei-me logo pelo problema e os camaradas informaram-me de que os resultados eram excelentes; os camponeses que a tinham semeado chegaram a colher 70 quintais por hectare e ouvia-se falar em todo o lado do milho georgiano a que os camponeses chamavam “o presente de Stáline”.

“E aos eucaliptos, que lhes fizeram? Plantaram as sementes que vos mandei?”

— Enviámo-las para a zona de Myzeqe onde há muitos pântanos, e transmitimos aos especialistas todas as vossas recomendações.

— Certo, disse o camarada Stáline. Deveis dedicar-vos a plantá-las e cuidá-las. É uma árvore que cresce muito depressa e é extremamente eficaz contra a humidade.

“As sementes de milho que vos demos crescem muito depressa e podem semeá-las por toda a Albânia”, disse o camarada Stáline perguntando-me seguidamente:

“Têm organismos especiais para a selecção de sementes?”

— Temos, respondi, e criámos igualmente um sector especializado dependente do ministério da Agricultura, que esperamos reforçar e expandir no futuro.

— Fazem muito bem, observou o camarada Stáline. É essencial que esses serviços determinem exactamente quais as sementes e plantas que mais convêm às diversas zonas do país. Também podem obter entre nós sementes cujos rendimentos são duas ou três vezes superiores. Já vos disse que os ajudaremos por todos os meios ao nosso alcance mas o essencial, camaradas, é o vosso próprio trabalho, esse trabalho vasto e incessante que fazeis para desenvolver o vosso país, a indústria, a agricultura, a cultura e a defesa.

— Camarada Stáline, vamos seguir à risca as suas recomendações, disse-lhe eu, agradecendo o seu sincero e

caloroso acolhimento e os preciosos conselhos e recomendações que nos dera.

Desta vez passei todo o mês de Abril na União Soviética.

Alguns dias depois desta conversa, a 6 de Abril, fui ao teatro “Bolchoi” ver a nova ópera “Do fundo do coração” cujo enredo, como me tinham dito, tratava da nova vida nos campos kolkhozianos. O camarada Stáline foi nessa mesma noite assistir ao espectáculo. Ele ocupava uma frisa, enquanto eu, os meus camaradas e os camaradas soviéticos que nos acompanhavam nos sentávamos num camarote do primeiro balcão em frente do dele.

No dia seguinte soube que Stáline tinha feito severas críticas a essa ópera, que alguns críticos já tinham elogiado como uma obra musical de grande valor.

Disseram-me depois que o camarada Stáline criticara esta ópera por ela não representar, de maneira justa e objectiva, a vida nos campos kolkhozianos. O camarada Stáline dissera que nesta obra a vida dos kolkhozes era idealizada, não reflectindo a realidade nem a luta das massas contra as insuficiências e dificuldades e que toda ela estava impregnada da ideia nefasta de que “tudo vai bem no melhor dos mundos”.

Esta ópera foi criticada mais tarde pela imprensa central do Partido e compreendi a preocupação de Stáline perante fenómenos do género que traziam dentro de si os germes dum perigo enorme para o futuro.

Entre as visitas que fiz nesses dias inesquecíveis, lembro-me de uma a Stalinegrado, onde visitei a colina de Mamai Kurgan. Durante a guerra antifascista os combatentes do Exército Vermelho, com o nome de Stáline nos lábios, defenderam esta colina polegada a polegada, milímetro a milímetro. O solo da colina de Mamai Kurgan foi revolvido e os terríveis bombardeamentos mudaram-lhe várias vezes o relevo; do lugar coberto de erva e flores que tinha sido antes da famosa batalha de Stalinegrado, transformou-se num sítio juncado de ferro e aço, de restos de tanques que aí se amontoaram. Curvei-me respeitosa-

mente para apanhar um punhado de terra desta colina, que simboliza os feitos heróicos do soldado estalinista e, de regresso à Albânia, ofereci-a ao Museu da Luta de Libertação Nacional em Tirana.

Do cimo de Mamai Kurgan vislumbra-se toda a cidade de Stalinegrado através da qual serpenteia o imponente Volga. Foi nesta cidade legendária que os soldados soviéticos, aplicando o plano estalinista de ataque às hostes hitlerianas, escreveram páginas gloriosas da história, foi lá que triunfaram sobre os agressores nazis e impuseram uma viragem na Segunda Guerra Mundial no seu conjunto. Incendiada, destruída e reduzida a escombros, nem mesmo assim se rendeu a cidade que tem o nome do grande Stáline.

Agora era todo um outro espectáculo que se me oferecia aos olhos. A cidade destruída pela guerra fora completamente reconstruída num lapso de tempo extremamente curto. Os novos edifícios, prédios de habitação, estabelecimentos sócio-culturais, escolas, universidades, cinemas, hospitais, fábricas e oficinas modernas, as novas ruas largas e limpas alteraram-lhe completamente a fisionomia. As ruas estavam ladeadas por árvores verdejantes, os parques e jardins cheios de flores e de crianças. Visitei também a fábrica de tractores onde falei com muitos operários. “...Gostamos muito do povo albanês, disse-me um deles, e actualmente, em tempo de paz, trabalhamos também para ele. Enviaremos aos camponeses da Albânia ainda mais tractores, tal é a vontade e a recomendação de Stáline”.

Por todo o lado sentimos o amor e respeito pelo povo albanês que Stáline, amigo bem amado e inesquecível do nosso povo e do Partido do Trabalho da Albânia, tinha feito nascer no coração do povo soviético.

Foi assim que terminou esta visita que fiz à União Soviética, a do meu último encontro pessoal com Stáline de quem guardo, como já referi, lembranças e impressões inesquecíveis.

Em Outubro de 1952 regressei a Moscovo, à frente da delegação do Partido do Trabalho da Albânia ao XIX

Congresso do PC (b) da União Soviética. Foi aí que vi e ouvi pela última vez a voz cativante e exaltante de Stáline que, do alto da tribuna do Congresso, depois de ter lembrado que a burguesia tinha abandonado descaradamente a bandeira das liberdades democráticas, da soberania e da independência, se dirigiu aos partidos comunistas e democráticos que ainda não tinham tomado o poder, pronunciando estas históricas palavras: **“Penso que é a vós que cabe reerguer essa bandeira... e levá-la para a frente se quereis unir a vós a maioria do povo, ...se quereis ser os patriotas do vosso país e tornar-vos a força dirigente da nação. Ninguém senão vós o poderá fazer”**.

Conservo e conservarei sempre viva no meu espírito e no meu coração a sua imagem, no momento em que da tribuna do Congresso, nos galvanizava qualificando os partidos comunistas dos países socialistas como “brigadas de choque do movimento revolucionário mundial”.

Nesses dias de Congresso fizemos o juramento de que o Partido do Trabalho da Albânia se mostraria digno do título de “brigada de choque” e que poria em prática, o mais fielmente possível, os ensinamentos e recomendações de Stáline. É da execução deste testamento histórico que o nosso Partido cuida como da menina dos seus olhos. Repeating este juramento solene nesse dia de profunda tristeza em que o imortal Stáline nos deixou e estamos orgulhosos de o nosso Partido, brigada de choque estalinista, nunca ter faltado à sua palavra, guiando-se exclusivamente pelos ensinamentos de Marx, Engels, Lénine e pelos do seu discípulo e continuador consequente da sua obra, nosso amigo muito amado, o glorioso dirigente José Vissarionovitch Stáline.



## ÍNDICE

---



— **No centenário do nascimento de José Stáline** 7

— **Primeiro encontro**

Julho 1947 ..... 39

A situação externa da RPA. As relações com os Estados vizinhos e com os anglo-americanos. O incidente de Corfu — No Tribunal de Haia. A situação política, económica, social e de classe na Albânia. Stáline interessa-se muito pelo nosso país, pelo nosso povo e pelo nosso Partido, que tem em grande estima. “Não é lógico que um partido no poder se mantenha na clandestinidade. O vosso Partido Comunista poderia chamar-se Partido do Trabalho”.

— **Segundo encontro**

Março-Abril 1949 ..... 63

A nossa posição face à direcção jugoslava já durante a guerra. O I Congresso do PCA. Política de terror em Kosova. A propósito das divisões jugoslavas que deviam ser enviadas à Albânia. Os titistas pretendiam mudar a situação na Albânia. A propósito da guerra do povo irmão grego. As posições erradas da direcção do PC da Grécia. Os ingleses põem como condição para reconhecerem a Albânia o estabelecimento de bases militares nos nossos portos. O caminho do desenvolvimento económico e cultural da Albânia. Acerca da situação do nosso campesinato. Da história, da cultura, da língua e dos costumes do povo albanês.

## — Terceiro encontro

Novembro 1949 ..... 109

Entrevista de cinco horas em Soukhumi. Conversa a sós com o camarada Stáline. Ainda acerca da questão grega. Sobre a situação na Jugoslávia depois da traição de Tito. O problema de Kosova e das outras regiões da Jugoslávia habitadas por albaneses. “Atacar a Albânia não é coisa fácil”. “Se a Albânia for forte internamente nada terá que temer do exterior”. Um serão inesquecível. Ainda acerca do desenvolvimento económico e cultural da Albânia. A atitude face à religião e ao clero. “O Vaticano é um centro da reacção, um instrumento ao serviço do capital e da reacção mundial”.

## — Quarto encontro

Janeiro 1950 ..... 133

Debate na presença de Stáline entre a direcção do Partido do Trabalho da Albânia e os dirigentes do PC da Grécia sobre as suas divergências de princípio. Participantes: Stáline, Molotov, Malenkov; Enver Hoxha, Mehmet Shehu; Niko Zahariadhis, Mitcho Partsalidhis. Sobre a estratégia e a tática do Exército Democrático Grego. Varkize. A tática da defesa passiva é a mãe da derrota. Porquê as derrotas de Vitsi e Gramoz? Do papel dirigente do partido no exército. O lugar e papel do comissário. Niko Zahariadhis exprime os seus pontos de vista. Opinião de Stáline.

## — Quinto encontro

Abril 1951 .....

159

Sobre a situação política, económico e social na Albânia. A reacção externa procura derrubar o nosso poder popular. Decisão final do Tribunal de Haia. “Uma grande vigilância e posições firmes permitem pôr a claro e aniquilar as investidas do inimigo”. “A par da construção de unidades industriais, deveis zelar também pelo reforço da classe operária e pela formação de quadros”. Sobre a colectivização da agricultura. “Não é para ficarem nos escritórios que os especialistas soviéticos estão no vosso país mas para ajudar na frente de trabalho”. Críticas severas de Stáline ao conteúdo duma ópera soviética que deturpa a realidade. No XIX Congresso do PC (bolchevique) da União Soviética — pela última vez com o inesquecível Stáline.



**Composição, Montagem e Impressão  
GRUA, Artes Gráficas, Lda  
Calçada dos Barbadinhos, 114-A — LISBOA**



Edições



Bandeira Vermelha